

*Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo*

# *As Habitações dos Pescadores da Ribeira*

*Viana do Castelo*

*Diane Stéphanie Pacheco*

*Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Goreti Sousa*  
*Coorientador: Prof. Doutor Paulo Guerreiro*

*Vila Nova de Cerveira, Março de 2017*







Como Lisboa tem a Madrugal e o Porto a Ribeira, esta linda e suave cidadezinha de Viana do Castelo passou, a dar-lhe vibração à amorosidade, também um bairro de gente do mar. E a sua Ribeira não será menos típica, característica, étnica e etnográfica do que aquelas. E' - lhes similar, e se menos ruidosa, expressa mais emotividade.

O bairro da Ribeira de Viana do Castelo é o de mais evidente caracterismo da cidade (...). (Cruz Cerqueira, 1958)





## Prefácio

A presente Dissertação de Mestrado integra-se na Unidade Curricular A50 - Projeto de Dissertação, do Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo realizado na Escola Superior Gallaecia, em Vila Nova de Cerveira. A investigação é da autoria da estudante Diane Stéphanie Pacheco, com o número de aluna 718-11, tendo como orientadora a Professora Doutora Goreti Sousa e coorientador o Professor Doutor Paulo Guerreiro. A dissertação foi elaborada entre o período do 2º semestre do ano letivo 2015/2016 e o 1º semestre do ano letivo 2016/2017.



## Agradecimentos

À minha orientadora Professora Doutora Goreti Sousa, pela incansável disponibilidade, por toda a dedicação, paciência e apoio moral. Sem ela o desenvolvimento deste trabalho não teria sido possível.

A todos os docentes, funcionários da ESG e em particular ao meu coorientador Professor Doutor Paulo Guerreiro, por me terem ajudado sempre que possível e necessário, em todo o percurso académico especialmente nesta etapa final.

À minha família, aos meus avós maternos, em particular aos meus pais que fizeram com que isto fosse possível, reconhecendo todo o esforço que existiu da parte deles para me proporcionar esta oportunidade, sendo que sempre acreditaram em mim e agradeço por isso. E ao meu irmão que mesmo longe sempre me apoiou.

À Patrícia, por toda a amizade, paciência e companheirismo ao longo destes anos. Por todos os momentos vividos ao seu lado, por me incentivar sempre e acreditar em mim. É de realçar a dose de paciência extra que teve comigo nestes últimos meses, durante a realização deste trabalho e por me ter ajudado sempre que necessário, obrigada por tudo!

A todos os meus colegas de curso que me acompanharam ao longo destes anos, mas em particular à Joana, amiga de longa data que sempre esteve presente e me apoiou ao longo deste percurso.

Ao Miguel, amigo e morador da Ribeira que possibilitou que este trabalho fosse mais além do que o esperado.

Ao Melro, por ter sempre uma palavra amiga de apoio e incentivo.

E a todos os outros que de alguma forma contribuíram e ajudaram no desenvolvimento deste trabalho, obrigada!



## Resumo

Vários fatores contribuíram para o progressivo abandono, descaracterização e esquecimento do património construído das comunidades piscatórias. No caso de Viana do Castelo, em pleno centro histórico, surgiu o bairro dos pescadores da Ribeira. É relevante referir que o mesmo se encontra abrangido pela ARU (Área de Reabilitação Urbana) da Câmara Municipal de Viana do Castelo, que tem como intuito incentivar a reabilitação do centro histórico até 2020, fornecendo ajudas de carácter financeiro, entre outros incentivos. Porém esta busca pela regeneração do centro histórico, associada à classificação atribuída pelo Plano de Pormenor do Centro Histórico, às habitações em estudo pode levar a intervenções pouco conscientes provocando desta forma a descaracterização e a perda de identidade do bairro.

Para uma melhor perceção do risco de descaracterização e perda de património do Bairro da Ribeira, o primeiro objetivo consiste em inventariar a arquitetura popular piscatória do Bairro da Ribeira em Viana do Castelo. Este registo do património existente fornece também uma base de trabalho para os restantes objetivos. Sendo que o segundo procura identificar quais são os elementos descaracterizadores do valor patrimonial do bairro e desta forma ir ao encontro do último objetivo de definir recomendações técnicas para a conservação dos elementos arquitetónicos exteriores.

Numa primeira fase foi realizado um enquadramento teórico referente aos principais temas de interesse para o desenvolvimento da presente dissertação de mestrado, seguindo-se de uma contextualização onde se analisou o desenvolvimento urbano da cidade, a relação de Viana com o mar e o enquadramento legislativo da reabilitação urbana de Viana do Castelo. Em relação ao caso de estudo foram realizadas fichas de análise individuais e comparativas a partir das quais se retiraram a informação e se sintetizaram os dados em gráficos. Posteriormente a partir do inventário, das entrevistas, das notas de campo em conjunto com a fundamentação teórica e a contextualização conseguiu-se identificar como seriam inicialmente as habitações dos pescadores da Ribeira, qual a sua evolução e quais os elementos que atualmente a descaracterizam. Sendo possível desta forma propor algumas recomendações técnicas que ajudem a proteger este património e a identidade do local.

**Palavras-chave:** arquitetura popular; arquitetura piscatória; património; identidade; reabilitação





## Abstract

Several factors contributed to the progressive abandonment, decharacterization and forgetfulness of the built heritage of fishing communities. In the case of Viana do Castelo, in the heart of the historic center, the fishermen's neighborhood of Ribeira emerged. It is important to mention that it is covered by the Urban Rehabilitation Area (ARU) of the City Council of Viana do Castelo, which aims to encourage the rehabilitation of the historic center by 2020, providing sources of financial aid, among other incentives. However, this search for the regeneration of the historical center, associated with the classification attributed by the Detail Plan of the Historic Center, the dwellings under study can lead to interventions that are not very conscious, thus causing the discharacterization and loss of identity of the neighborhood.

In order to have a better perception if the Ribeira neighborhood is in disrepair and at risk of losing its identity, the first objective is to inventory the popular fishing architecture of the Ribeira neighborhood in Viana do Castelo. In addition to a register of existing assets, it also provides a basis for the remaining objectives. The second one is based on identifying what are the decharacterizing elements of the heritage value of the neighborhood and in this way meet the last objective of defining technical recommendations for the conservation of exterior architectural elements.

In a first phase, a theoretical framework was elaborated concerning the main themes of interest for the development of this master's dissertation, followed by a contextualization where the urban development of the city, the relationship of Viana with the sea and the legislative framework of the city concerning the urban rehabilitation of Viana do Castelo were analyzed. Regarding the case studies, individual and comparative analysis sheets were taken from which the information was withdrawn and the data were synthesized in graphs.

Subsequently, from the inventory, the interviews, the field notes together with the theoretical basis and the contextualization, we were able to identify how the Ribeira fishermen's dwellings would initially be, what their evolution is and what the elements that currently disfigure it. It is therefore possible to propose some technical recommendations to help protect the heritage and identity of the site.

**Keywords:** popular architecture; architecture of fishing communities; patrimony; identity; rehabilitation



## Siglas

**ARU** - Área de Reabilitação Urbana

**CIAM** - Congresso Internacional da Arquitetura Moderna

**CMVC** - Câmara Municipal de Viana do Castelo

**ESG** - Escola Superior Gallaecia

**Fig.** - Figura

**ICOMOS** - International Council of Monuments and Sites - Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

**INE** - Instituto Nacional de Estatísticas

**IPVC** - Instituto Politécnico de Viana do Castelo

**ORU** - Operação de Reabilitação Urbana

**PEDU** - Plano de Ação para a Regeneração Urbana

**PPCH** - Plano de Pormenor do Centro Histórico

**PPCHVC** - Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo

**RJRU** - Regime Jurídico da Reabilitação Urbana

**SNA** - Associação dos Arquitetos Portugueses

**UM** - Universidade do Minho

**UNESCO** - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization



## Índice de conteúdos

|                |  |
|----------------|--|
| Prefácio       |  |
| Agradecimentos |  |
| Resumo         |  |
| Abstract       |  |
| Siglas         |  |

## 1. Introdução

|                                                       |    |
|-------------------------------------------------------|----|
| 1.1 Enquadramento e justificação da problemática..... | 21 |
| 1.2 Definição de objetivos.....                       | 23 |
| 1.3 Metodologia de Investigação.....                  | 23 |
| 1.3.1 Técnicas de recolha de dados.....               | 24 |
| 1.4 Categorias analíticas.....                        | 25 |
| 1.4.1 Inventário.....                                 | 25 |
| 1.4.2 Análise da organização espacial.....            | 26 |
| 1.4.3 Técnicas e fontes/sujeitos.....                 | 27 |
| 1.5 Técnica de recolha de dados.....                  | 28 |
| 1.6 Estrutura dos conteúdos.....                      | 28 |
| 1.6.1 Capítulo 1.....                                 | 28 |
| 1.6.2 Capítulo 2.....                                 | 28 |
| 1.6.3 Capítulo 3.....                                 | 29 |
| 1.6.4 Capítulo 4.....                                 | 30 |
| 1.6.5 Capítulo 5.....                                 | 30 |
| 1.6.6 Capítulo 6.....                                 | 30 |

## 2. Fundamentação teórica

|                                                    |    |
|----------------------------------------------------|----|
| 2.1 Património.....                                | 33 |
| 2.1.1 Valores associados ao património.....        | 36 |
| 2.1.2 Medidas preventivas.....                     | 38 |
| 2.1.3 Graus de intervenção.....                    | 43 |
| 2.1.4 Princípios de intervenção no património..... | 46 |
| 2.2 Arquitetura vernácula.....                     | 48 |
| 2.3 Arquitetura popular.....                       | 50 |
| 2.4 Arquitetura piscatória.....                    | 53 |
| 2.5 Identidade.....                                | 63 |

## 3. Contextualização

|                                                                           |     |
|---------------------------------------------------------------------------|-----|
| 3.1 Desenvolvimento urbano de Viana do Castelo.....                       | 71  |
| 3.2 Viana e o mar.....                                                    | 78  |
| 3.3 A pesca e os pescadores de Viana.....                                 | 82  |
| 3.3.1 A pesca – artes, aparelhos e instrumentos.....                      | 84  |
| 3.3.2 Condição social dos pescadores.....                                 | 90  |
| 3.3.3 Evolução do bairro dos pescadores da Ribeira.....                   | 92  |
| 3.4 Evolução das habitações dos pescadores da Ribeira.....                | 98  |
| 3.5 Enquadramento legislativo da reabilitação urbana.....                 | 100 |
| 3.5.1 Enquadramento face ao Plano de<br>Pormenor do Centro Histórico..... | 100 |
| 3.5.2 Área de Reabilitação Urbana (ARU) .....                             | 103 |

## **4. Estudo de caso**

|                                       |     |
|---------------------------------------|-----|
| 4.1 Fichas de análise individual..... | 115 |
| 4.2 Análise comparativa.....          | 241 |

## **5. Sistematização**

|                                                                |     |
|----------------------------------------------------------------|-----|
| 5.1 Análise da evolução das habitações.....                    | 251 |
| 5.2 Análise da fachada principal.....                          | 255 |
| 5.3 Sistematização tipológica através do alçado principal..... | 258 |

## **6. Conclusões**

|                     |     |
|---------------------|-----|
| 6.1 Conclusões..... | 261 |
|---------------------|-----|

|                                        |            |
|----------------------------------------|------------|
| <b>Referências bibliográficas.....</b> | <b>273</b> |
|----------------------------------------|------------|

|                                         |            |
|-----------------------------------------|------------|
| <b>Índice de figuras e imagens.....</b> | <b>281</b> |
|-----------------------------------------|------------|

## **Anexo**

|                                                                   |            |
|-------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Anexo I – Entrevistas.....</b>                                 | <b>301</b> |
| <b>Anexo II - Notas de Campo.....</b>                             | <b>309</b> |
| <b>Anexo III - Tabelas das fichas de análise comparativa.....</b> | <b>317</b> |





# 1. INTRODUÇÃO



## 1. Introdução

Neste primeiro capítulo irá realizar-se um enquadramento e justificação da problemática do tema da presente dissertação de mestrado, de seguida dar-se-á a conhecer a definição dos objetivos e as metodologias de investigação utilizadas no presente trabalho.

### 1.1 Enquadramento e justificação da problemática

No final do século XVI, Viana do Castelo vivenciou um período de recessão económica, em que a pesca, até à data, era considerada uma atividade alternativa. Eram os pescadores galegos que se dedicavam a essa atividade que os vianeses nessa altura renegavam. No entanto, a crise generalizada do comércio vianês do século XVII, fez com que se formasse de novo uma colónia piscatória.

Para acentuar mais esse retorno à pesca, o convento de S. Domingos cedeu espaço para ampliação e crescimento de um bairro piscatório na zona da Ribeira, onde a área residencial dos pescadores se concentrou até aos dias de hoje, existindo atualmente 122 habitações na rua dos Poveiros e na rua Monsenhor Daniel Machado. O bairro encontra-se na envolvente do centro histórico da cidade, próximo da igreja da N.ª Sr.ª d'Agonia, com a qual os moradores têm uma grande ligação, sendo esta a sua padroeira.

Durante o Regime Político do Estado Novo no século XX, à semelhança do que aconteceu em outros pontos da Europa, surgiu mais um bairro de pescadores na mesma freguesia, contudo de menor escala. Localiza-se a cerca de 2 Km, na Praia Norte, com um carácter de apoio social contendo 54 habitações, possuindo um estilo arquitetónico distinto ao do primeiro bairro referido, com apenas duas plantas tipo.

Foram vários os fatores que contribuíram para o progressivo abandono, descaracterização e esquecimento do património contruído das comunidades piscatórias. No caso de Viana do Castelo, em pleno centro histórico, surgiu o bairro de pescadores da Ribeira. É relevante referir que o mesmo se encontra abrangido pela ARU (Área de Reabilitação Urbana) da Câmara Municipal de

Viana do Castelo, que tem como intuito incentivar a sua reabilitação até 2020. É pertinente mencionar que as políticas de reabilitação atribuídas ao centro histórico de Viana do Castelo, tais como a ARU e outros incentivos provenientes da Câmara Municipal de Viana do Castelo, embora tenham o intuito de regenerar o centro histórico podem vir a influenciar a descaracterização, perda de património e identidade de um local.

A relevância do estudo do Bairro da Ribeira prende-se à análise de vários aspetos, tendo-se verificado que este edificado, em relação ao bairro de pescadores da Praia Norte, apresenta uma maior diversidade arquitetónica. Porém, pouco estudada a esse nível, existindo apenas breves passagens das vivências dos moradores. No entanto, o elevado número de ações de intervenção por parte dos moradores, sem haver nenhum estudo ou proteção relativamente a este património e desconhecendo-se o impacto das intervenções neste edificado, faz ponderar a possibilidade deste estar a ser alvo de descaracterização e perda de identidade, o que explica a importância de levar a cabo este estudo.

Uma vez que as habitações em estudo se encontram englobados na área do centro histórico, no Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo (PPCHVC) foram atribuídas classes aos edifícios que ditam que tipo de intervenções são permitidas. É significativo mencionar que à maioria das habitações dos pescadores da Ribeira, foi atribuída a classe 1 que permite obras de construção e reconstrução. Deste modo não existe nenhuma proteção para o património presente no bairro, o que pode provocar perdas irreparáveis referentes ao património e a identidade da comunidade.

O surgimento de um segundo bairro de pescadores na cidade de Viana do Castelo resultou de um planeamento do Regime Político do Estado Novo, que se encontra devidamente documentada no arquivo municipal, no qual consta um registo arquitetónico detalhado, onde se verificam apenas a existência de dois tipos de plantas especificadas no processo, identificadas como planta A e planta B. Atualmente o bairro ainda se encontra em bom estado de conservação. O seu espaço público também foi alvo de uma requalificação na última década.

## 1.2 Definição de objetivos

Para registo do património existente nas habitações dos pescadores da Ribeira e para se poder perceber se o mesmo se encontra realmente a ser alvo de descaracterização, o primeiro objetivo consiste em:

- Inventariar a arquitetura popular piscatória do Bairro da Ribeira em Viana do Castelo.

A partir do inventário às fachadas serão realizadas fichas de análise individual onde se analisarão os dados gerais e as categorias de análise, tais como a volumetria, a composição das fachadas e os materiais construtivos. Com bases nessas fichas de análise individual realizar-se-á fichas de análise comparativa, das quais se retirará a informação e se sintetizará os dados em gráficos.

A realização do primeiro objetivo fornecerá uma base de trabalho para o seguinte objetivo:

- Identificar quais os elementos descaracterizadores do valor patrimonial do bairro.

Uma vez realizados os objetivos anteriores, com base na fundamentação teórica, contextualização e da informação recolhida será realizado o último objetivo:

- Definir recomendações técnicas para a conservação dos elementos arquitetónicos exteriores.

Este último objetivo surge pela necessidade de preservar o património e a identidade das habitações do bairro, consciencializando os moradores e os profissionais que possam vir a intervir sobre este património.

## 1.3 Metodologia de Investigação

O objeto de estudo incide sobre as casas dos pescadores da Ribeira de Viana do Castelo. A metodologia a seguir nesta investigação será o estudo de caso (Yin, 1948) de natureza qualitativa e quantitativa, uma vez que se procura retratar a realidade desta comunidade piscatória, sendo que não existe nenhuma publicação ou documentação específica sobre o tema em relação a esta comunidade. Um dos principais objetivos é determinar quais são os elementos descaracterizadores das habitações dos pescadores da Ribeira,

que possam vir a contribuir para a perda da identidade da comunidade. Este método permite reunir informações detalhadas e numerosas com o intuito de obter informações da totalidade de uma situação em concreto, sendo que este tratamento permite o cruzamento de informação diversificada e uma análise mais profunda.

### 1.3.1 Técnicas de recolha de dados

Numa fase inicial serão utilizadas as técnicas de análise documental (Saint-Georges, 1997) para a construção de uma base de sustentação para o desenvolvimento de toda a investigação, sendo que esta técnica possibilita ir ao encontro de direções a seguir, uma vez que se fundamenta na documentação já existente. Incluem-se na análise documental artigos tais como: publicações, relatórios, manuscritos, mapas, plantas, fotografias que de algum modo façam referência ao tema. Proceder-se-á à observação estruturada (Gil, 1995), com o propósito de se identificarem as habitações, assim como as suas respetivas épocas de construção, materialidades, cercas e características gerais, ainda será utilizada a observação sistemática devido à necessidade de observar várias vezes o local.

No decorrer do trabalho também será utilizada a entrevista não-diretiva (Ghiglione & Matalon, 1997) a um informante-chave, habitante desde sempre no bairro e em princípio a mais 6 moradores. A entrevista será realizada de forma livre sem qualquer condicionante quanto ao seu desenvolvimento para obter informações mais concretas, nas quais apenas será introduzido o tema de conversa. Esta técnica servirá para obter um ponto de vista dos moradores acerca das transformações sofridas no local através do tempo.

A fotografia (Bogdan & Biklen, 1994) será uma técnica auxiliar utilizada pelo autor desta dissertação como um complemento de recolha de informação do estado atual das edificações. Serão elaboradas fichas-técnicas para sistematização de todas as habitações a nível individual. Ainda como complemento às restantes técnicas anteriormente apresentadas utilizar-se-ão as notas de campo (Bogdan & Biklen, 1994), onde serão registados todas as experiências que o pesquisador ache de interesse, como por exemplo, o que observa espontaneamente, ouve e pensa no decorrer da recolha da informação. Posteriormente a informação recolhida será sujeita a tratamento qualitativo através da análise de conteúdo (Bardin, 1979; Bogdan & Biklen, 1994).

## 1.4 Categorias analíticas

### 1.4.1 Inventário

Para a elaboração das fichas de inventário ter-se-á em atenção as seguintes categorias analíticas:

#### - Volumetria

| <b>Categoria analítica</b> | <b>Indicador</b>  | <b>Justificação</b>                                                                                                           |
|----------------------------|-------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Volumetria</b>          | Original ou não   | Permitirá analisar se a habitação sofreu alterações quanto à sua volumetria original, tanto a nível vertical como horizontal. |
|                            | Tipo de cobertura | Servirá para estudar qual seria o tipo de cobertura original e qual é a mais usual atualmente.                                |
|                            | Número de pisos   | Auxiliará na observação da evolução volumétrica da habitação a nível vertical.                                                |

Fig.2 – Categorias analíticas - volumetria

#### - Composição da fachada

| <b>Categoria analítica</b>   | <b>Indicador</b> | <b>Justificação</b>                                                                                                                                                                                                   |
|------------------------------|------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Composição da fachada</b> | Janelas          | Este indicador para além de ajudar a perceber a evolução da habitação, em relação à abertura de novos vãos (em termos numéricos), também será utilizado para descrever o tipo de janela(s) utilizada(s) em cada caso. |

|  |          |                                                                                              |
|--|----------|----------------------------------------------------------------------------------------------|
|  | Portas   | Para uma descrição numérica e o tipo de porta(s) utilizada(s) em cada caso.                  |
|  | Varandas | Para análise da existência ou não de varanda e se a mesma se encontra em consola ou recuada. |

Fig.3 – Categorias analíticas – Composição da fachada

#### - Materiais de construção

| <b>Categoria analítica</b>     | <b>Indicador</b> | <b>Justificação</b>                                                                      |
|--------------------------------|------------------|------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Materiais de construção</b> | Cobertura        | Para análise do material utilizado na cobertura.                                         |
|                                | Revestimentos    | Para análise dos materiais utilizados nos revestimentos exteriores das fachadas.         |
|                                | Janelas          | Para análise do material utilizado na(s) caixilharia(s) da(s) janela(s).                 |
|                                | Portas           | Para análise dos materiais utilizados na(s) porta(s).                                    |
|                                | Varandas         | No caso da existência de varandas, a análise dos materiais utilizados na sua construção. |

Fig.4 – Categorias analíticas – Materiais de construção

#### 1.4.2 Análise da organização espacial

Apesar de não fazer parte dos objetivos, também se analisará a organização espacial das habitações em estudo.



| <b>Categoria analítica</b>  | <b>Indicador</b>                  | <b>Justificação</b>                                                                                                     |
|-----------------------------|-----------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Organização espacial</b> | Distribuição interior original    | Essencial para se poder apurar como seria inicialmente a organização interior das habitações dos pescadores da Ribeira. |
|                             | Evolução da distribuição interior | Necessário para se entender a evolução desde a planta original até os tipos de plantas mais usuais nos dias de hoje.    |

Fig.5 – Categorias analíticas – Análise a evolução espacial

### 1.4.3 Técnicas e fontes/sujeitos

As técnicas e fontes/sujeitos serão apresentados na seguinte tabela uma vez que serão as mesmas para todas as categorias analíticas.

| <b>Técnica</b>            | <b>Fontes/sujeitos</b>                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|---------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Análise documental</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Planta cadastral;</li> <li>- Regulamentos do PPCHVC;</li> <li>- Plantas do PPCHVC;</li> <li>- Arquivo Municipal de Viana do Castelo.</li> </ul>                                                                                                     |
| <b>Fotografia</b>         | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Da autora.</li> </ul>                                                                                                                                                                                                                               |
| <b>Observação</b>         | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Registo de informação na visita ao local, onde se encontram as habitações em estudo, de acordo com as categorias analíticas.</li> </ul>                                                                                                             |
| <b>Entrevistas</b>        | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ao informador chave;</li> <li>- À moradora da habitação nº19;</li> <li>- À moradora da habitação nº28;</li> <li>- À moradora da habitação nº75;</li> <li>- À moradora da habitação nº77;</li> <li>- Dois moradores do Bairro da Ribeira.</li> </ul> |

|                       |                                                                                                                                |
|-----------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Notas de campo</b> | - Técnica auxiliar na visita ao local, na qual se registaram dados utilizados posteriormente no decorrer do presente trabalho. |
|-----------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fig.6 – Categorias analíticas – Técnicas e fontes/sujeitos

## 1.5 Técnica de recolha de dados

A metodologia a seguir nesta investigação é o estudo de caso, como já foi referido, de natureza qualitativa e quantitativa. A qualitativa será utilizada na contextualização e na análise individual da tipologia da fachada e da planta tipo. Por sua vez a quantitativa será usada na análise comparativa do estudo de caso.

Será ainda possível realizar uma sistematização tipológica do alçado principal e da planta tipo, recorrendo ao método utilizado pelos autores Caniggia e Maffei (1979).

## 1.6 Estrutura dos conteúdos

A presente dissertação encontra-se subdividida em 6 capítulos, apresentados pela seguinte ordem:

### 1.6.1 Capítulo 1

Este capítulo é referente à introdução, onde se pretende apresentar o trabalho da presente dissertação e explicar os parâmetros em que a mesma se irá desenvolver no decorrer da investigação. Desta forma neste capítulo será realizado um enquadramento e justificação da problemática, seguindo-se a definição dos objetivos e as metodologias a utilizar no decorrer do trabalho.

### 1.6.2 Capítulo 2

O capítulo 2 dirá respeito a fundamentação teórica, onde através da revisão da literatura se pretende criar uma base teórica, relacionada com os principais temas de interesse para presente investigação. Neste sentido o capítulo será

subdividido nos seguintes temas: património, arquitetura vernácula, arquitetura popular, arquitetura piscatória e identidade.

Com o intuito de comprovar que as habitações dos pescadores da Ribeira contém um valor patrimonial, numa primeira fase relativamente ao tema do património, serão abordados conceitos gerais, seguindo-se de valores associados ao mesmo, sendo que numa segunda fase serão investigadas medidas preventivas e graus de intervenção.

De seguida será realizada uma revisão a literatura sobre a arquitetura vernácula e popular, tendo como intuito perceber quais são as principais diferenças entre ambas. Numa fase posterior estudar-se-á de forma mais concreta a arquitetura piscatória. E por fim será abordado o conceito de identidade.

### 1.6.3 Capítulo 3

Este capítulo é referente a contextualização, que será dividido em vários subcapítulos que ajudarão a contextualizar o trabalho, sendo os mesmos: o desenvolvimento urbano de Viana do Castelo, a relação de Viana e o mar, a pesca e os pescadores, a evolução das habitações dos pescadores da Ribeira e o enquadramento legislativo da reabilitação urbana.

Deste modo numa primeira fase será abordado o desenvolvimento urbano de Viana do Castelo, onde será estudado a evolução da cidade. Seguindo-se o subcapítulo da relação entre Viana e o mar, onde se analisará a pesca e os pescadores de Viana, assim como as artes, aparelhos e instrumentos de pesca, as condições sociais dos pescadores e a evolução do bairro.

No subcapítulo sobre a evolução das habitações dos pescadores, foi possível através de entrevistas não-diretivas, da observação e notas de campo, chegar-se a planta original e as três principais fases de evolução das habitações dos pescadores da Ribeira. Apesar de não constar nos pontos primordiais da investigação, este registo contribuirá para o conhecimento, uma vez que existe uma lacuna, não existindo qualquer conhecimento de uma obra ou estudo debruçado sobre esta comunidade piscatória.

Já o último subcapítulo da contextualização encontra-se relacionado com o enquadramento legislativo da reabilitação urbana, onde será abordado o enquadramento do Plano de Pormenor do Centro Histórico, serão também apresentados os seus principais objetivos e o tipo de intervenções permitidas

segundo as classes atribuídas aos edifícios pelo mesmo. E por fim a Área de Reabilitação Urbana (ARU), onde será apresentado a sua delimitação, assim como o período de tempo em que se irá encontrar em vigor, serão também apresentados estudos demográficos e sociais e os principais objetivos e incentivos associados a ARU.

#### **1.6.4 Capítulo 4**

O capítulo 4 consiste no caso de estudo, que se debruçar-se-á sobre 122 habitações, para as quais se realizarão fichas de análise individuais e comparativas, referentes às fachadas das habitações dos pescadores da Ribeira, de Viana do Castelo. Uma vez que se procura retratar a realidade da comunidade em estudo, as fichas serão de natureza qualitativa e quantitativa, permitindo deste modo reunir informações detalhadas e numerosas, que indicará o estado atual do bairro.

#### **1.6.5 Capítulo 5**

No capítulo 5 será realizado uma sistematização, entre os dados que se conseguirão apurar na fundamentação teórica e na contextualização, sobre as comunidades piscatórias de maior proximidade, sendo as da Póvoa de Varzim e Caminha, em comparação ao caso de estudo de Viana do Castelo. Tendo o principal objetivo perceber como seriam originalmente as habitações dos pescadores da Ribeira e as suas principais evoluções, percebendo desta forma o que criou a sua identidade.

#### **1.6.6 Capítulo 6**

Neste capítulo serão dadas as respostas ao objetivos da investigação, com base na fundamentação teórica, contextualização, estudo de caso e sistematização.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



## 2. Fundamentação teórica

Neste capítulo serão desenvolvidas as definições de conceitos teóricos, que se consideram importantes e necessários para o desenvolvimento deste trabalho. Serão apresentados os seguintes temas: património, arquitetura vernácula, arquitetura popular, arquitetura piscatória e identidade.

### 2.1 Património

Segundo Botelho (1998) o termo património provém do latim, que significa a herança paterna, sendo todos os bens móveis e imóveis que foram deixados pelos antepassados. Já para Acosta (2011), são bens que foram “adquiridos ou produzidos pelos indivíduos ou grupos, que passam a fazer parte da sua riqueza e que são herdados pelos seus descendentes” (Acosta, 2011, p.120). O conceito de património vem similarmente descrito na Carta de Cracóvia como:

Conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a valorização destas obras como património é, assim, um processo que implica a selecção de valores. (Carta de Cracóvia, 2000, citado por Correia & Lopes, 2004, p.295)

Deste modo o património não pode ser considerado como passado, pelo contrário deve ser visto como algo que se encontra vivo no presente. A sociedade pode mesmo encarar o património em três dimensões, o passado, o presente e o futuro, uma vez que o mesmo pode ajudar no desenvolvimento de uma comunidade.

Carvalho (2016) vai ao encontro do que foi anteriormente referido, reforçando a ideia que o conceito de património cultural deve ser considerado desde o “código genético e do genoma humano, até às tradições, às comunidades, às instituições, aos hábitos e costumes, num conjunto vasto do que designamos como património imaterial (o modo como os artesãos trabalham, (...) como as pessoas e as comunidades se relacionam)” (Carvalho, 2016, p.20). A autora

alega a importância da diversidade cultural e do pluralismo serem preservados, com especiais cautelas, contra a homogeneização ou a harmonização indiferenciada.

É necessário proteger as diversidades culturais presentes na sociedade, sendo essencial manter a sua autenticidade, uma vez que é a partir desse processo evolutivo que resultaram as cidades dos dias de hoje que todos conhecem. Cada comunidade é responsável pela identificação e gestão do seu património, tendo desta forma o dever de o proteger e ser ponderado nas decisões a tomar relativamente às intervenções a aplicar ao mesmo.

O tipo de arquitetura analisada nesta dissertação contém um valor patrimonial, uma vez que é testemunho do passado de uma determinada civilização, do seu habitat e do seu processo de evolução até aos dias de hoje. Para reforçar a sua importância, foi realizada uma análise à literatura existente baseada nas cartas, recomendações e convenções internacionais sobre o património arquitetónico.

A Carta de Atenas, publicada em 1933, referente ao urbanismo moderno descreve que:

A vida da cidade é um acontecimento contínuo que se manifesta através dos séculos por obras materiais, traçados ou construções, que lhe conferem personalidade própria e das quais emana, pouco a pouco, a sua alma. Estas obras são os testemunhos preciosos do passado que serão respeitados, (...) pelo seu valor histórico ou sentimental. (CIAM, 1933, citado por Correia & Lopes, 2004, p.51)

A carta anteriormente referida e a Carta Europeia do Património Arquitectónico (1975), refere de forma similar a extrema importância de defender e proteger o património construído, sendo que representa uma parte essencial da memória da humanidade. É portanto da responsabilidade de todos protegê-lo e transmiti-lo em toda a sua diversidade e autenticidade para as gerações futuras (Conselho da Europa, 1975, citado por Correia & Lopes, 2004).

O homem tem-se consciencializado ao longo dos tempos que o património arquitetónico faz parte da alma dos sítios, sendo a prova viva de sociedades antigas e das suas identidades, tendo desta forma um valor histórico e



sentimental. Sendo necessário defende-lo e preserva-lo para as gerações futuras.

O conceito de sítios é descrito na Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitectónico da Europa (1985), como “obras combinadas do homem e da natureza, parcialmente construídas e constituindo espaços suficientemente característicos e homogéneos para serem objecto de uma delimitação topográficas, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico” (Conselho da Europa, 1985, citado por Correia & Lopes, 2004, p.206).

Já no caso específico da arquitetura popular o Conselho da Europa realizou em 1977, o Apelo de Granada sobre a arquitectura rural e o ordenamento do território, que definiu que este património abrange tanto as construções isoladas como as agrupadas que se encontrem ligadas: “às actividades agrícolas, pastorais e florestais, bem como à pesca (...) que apresentem um interesse, quer pelo seu valor histórico, (...) lendário, científico ou social, quer pelo seu carácter típico e pitoresco (...) O seu desaparecimento constituiria uma perda irreparável” (Conselho da Europa, 1977, citado por Correia & Lopes, 2004, p.190).

A Carta sobre o Património Construído Vernáculo (1999), vai ao encontro da anterior, referindo que o património vernáculo ou tradicional é um elemento de orgulho para todos os povos, reconhecido como:

Uma criação característica e genuína da sociedade, manifesta-se de forma aparentemente irregular, embora possua uma lógica própria. (...) Reflete a vida contemporânea e é, simultaneamente, um testemunho de História da sociedade. Apesar de ser a obra do homem, é também uma criação do tempo. (ICOMOS, 1999, citado por Correia & Lopes, 2004, p.285)

É portanto perceptível que as habitações dos pescadores em estudo na presente dissertação, localizadas no centro histórico de Viana do Castelo, possuem um valor patrimonial que deve ser protegido. As degradações, as intervenções inadequadas, entre outros fatores, poderão originar o desaparecimento da identidade e da história da comunidade em questão.

A Carta Europeia do Património Arquitectónico (1975), refere que o património se encontra em perigo “ameaçado pela ignorância, pelo envelhecimento, pela degradação de todo o tipo e pelo abandono. Os planos urbanísticos podem ser destruidores quando as autoridades cedem com demasiada facilidade às pressões económicas (...) acima de tudo, a especulação fundiária e imobiliária” (Conselho da Europa, 1975, citado por Correia & Lopes, 2004, p.157,158).

Indo ao encontro da carta anteriormente referida, O ICOMOS (1987) publicou a Carta Internacional sobre a Salvaguarda das Cidades Históricas, onde são referenciados os conjuntos urbanos, de maior ou menor dimensão, com a sua envolvente natural ou construída pelo homem que:

Para além de constituírem documentos históricos são expressão dos valores próprios das civilizações urbanas tradicionais. (...) Actualmente estes conjuntos encontram-se ameaçados de degradação, de deterioração e até de destruição, devido ao impacto do urbanismo nascido da era industrial e que afecta actualmente todas as sociedades do mundo (...) que provoca perdas irreversíveis de carácter cultural e social, e inclusivamente económico. (ICOMOS, 1987, citado por Correia & Lopes, 2004, p.215)

É necessário perceber que algumas atitudes que possam vir a ser tomadas perante este património o podem danificar drasticamente. Apesar da degradação e do abandono, é atualmente perceptível nas nossas cidades que existem também fortes pressões económicas e mobiliárias, causadas pela expansão e aumento da densidade nas cidades, levando por vezes as entidades municipais a ceder a certas pressões, que podem levar à perda do património arquitectónico e cultural.

### **2.1.1 Valores associados ao património**

Com o passar dos tempos, vários foram os autores que atribuíram ou associaram diferentes valores ao património. Como o intuito de aclarar um pouco mais o tema, foi realizado uma revisão à literatura.

Na sua obra Choay (2015), menciona que desde a revolução francesa até aos anos sessenta, os valores associados aos monumentos podiam ser de valor nacional, valor este bastante ligado à revolução francesa, que permitia a preservação e o restauro dos monumentos.

A autora refere que Ruskin (séc. XIX) associou os valores aos monumentos e à arquitetura doméstica. Para os mesmos foram atribuídos três valores, sendo o valor de devoção, associado à valorização e respeito do monumento ou elemento arquitetónico, não sendo permitido alterá-lo. Seguindo-se o valor de memória, sendo um elemento representativo de um determinado período de tempo, contendo com um relevante significado. E o valor histórico, revelando o valor da sua antiguidade e o seu significado histórico (Choay, 2015).

Por sua vez, para Riegl (1903) um dos principais valores é o de rememoração, associado ao reconhecimento de um determinado monumento pertencer a um passado histórico. O autor referencia ainda subvalores associados ao anteriormente referido, sendo eles o valor de antiguidade, relacionado com o reconhecimento dos indícios do tempo no monumento. Seguindo-se o valor histórico, aplicado quando o monumento é representativo duma determinada época. E por fim o valor rememorativo intencional, não permitindo que o monumento entre em estado de deterioração, sendo que para isso é de extrema importância a manutenção do mesmo e a aplicação do grau de intervenção de restauro sempre que necessário.

Outro valor importante para Riegl (1903) é o valor de contemporaneidade, associado aos valores que certo monumento pode vir a adquirir, não relacionado com o seu passado. Como subvalores, apresenta o valor instrumental, sendo que o mesmo tem o intuito de restaurar e tornar o monumento funcional, dando-lhe uma função na atualidade. E o valor artístico, valor este que respeita a criação artística antiga, porém o mesmo deve ser acessível à sensibilidade moderna. Este valor pode ser caracterizado como um valor relativo, uma vez que responde às exigências contemporâneas, que se encontram em constante mudança.

A Carta de Burra (1999), refere que os valores dependem do significado cultural do sítio, podendo ser classificados como: valores estéticos; valores históricos; valores científicos; valores sociais e valores espirituais.

Feilden (2004) por sua vez classifica os valores como o valor emocional, relacionado com a identidade, respeito, simbologia, etc. O valor cultural, encontra-se ligado aos valores documentais, temporais, históricos,

arquitetónicos, estético, tecnológico, ambiental, etc. E o valor de uso, associado ao seu valor funcional, educacional, político, económico, etc.

Choay (2015) referencia o valor cognitivo, conhecido também como valor educativo, associado ao valor do saber. Pode-se considerar que um monumento é portador de saberes e conhecimentos.

### 2.1.2 Medidas preventivas

Nas Recomendações sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e da sua função na vida contemporânea, é referido que o urbanismo se tem vindo a desenvolver aceleradamente, provocando um aumento considerável de escala e de densidade de construções. A busca pela modernização pode levar a destruições e reconstruções irrefletidas ou inadequadas que provocam a perda do património. Outro perigo eminente da modernização nos conjuntos históricos, é originado pelas novas construções, para fazer frente a tais dilemas:

Os arquitectos e os urbanistas deverão procurar que os principais ângulos de visão dos monumentos e dos conjuntos históricos, ou os pontos de vista obtidos a partir deles, não sejam destruídos, e que os referidos conjuntos se integrem harmoniosamente na vida contemporânea. (UNESCO, 1976, citado por Correia & Lopes, 2004, p.178)

Deste modo é de extrema urgência estabelecer certas medidas que protejam os conjuntos históricos da vida contemporânea. Para tal é necessário que as entidades municipais consigam identificar os riscos e estabeleçam medidas de prevenção contra os mesmos. Porém para que se possa identificar esses riscos contra o património, é necessário uma análise de vários profissionais nas mais distintas áreas.

Como apresenta a Carta sobre o Património Construído Vernáculo (1999), sendo que a mesma alude à importância de envolver as comunidades, os governos, os arquitetos, os urbanistas e diversos especialistas de outras áreas disciplinares. Sendo fundamental o desenvolvimento do trabalho de todos na decisão de implantação de medidas corretas para a proteção do património, face aos problemas atuais (ICOMOS, 1999, citado por Correia & Lopes, 2004).

O Concelho da Europa em 1975, nas Conclusões do Congresso sobre o Património Arquitectónico, referem que para que o mesmo sobreviva é necessário que o património seja apreciado pela sociedade, mas em especial pelas novas gerações, sendo necessário para o mesmo criar programas educativos. As Recomendações sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e da sua função na vida contemporânea referem também a importância da:

Consciencialização para a necessidade de salvaguardar os conjuntos históricos deve ser encorajada pela educação escolar, extra - curricular e universitária, e divulgada através dos meios de comunicação, tais como os livros, a imprensa, a televisão, a rádio, o cinema e as exposições itinerantes. (UNESCO, 1976, citado por Correia & Lopes, 2004, p.187)

Também a convenção para a salvaguarda do património arquitectónico da Europa (1985), refere a importância da valorização da conservação do património construído, sendo que nesse sentido propõe:

Políticas de informação e de sensibilização, nomeadamente com o auxílio de técnicas modernas de difusão e de promoção, tendo, especificamente, como objetivo:

- a) Despertar ou desenvolver a sensibilidade do público, a partir da idade escolar, para a protecção do património, qualidade do ambiente edificado e a expressão arquitectónica;
- b) Realçar a unidade do património cultural e dos laços existentes entre a arquitectura, as artes, as tradições populares e modos de vida, à escala europeia, nacional ou regional. (Conselho da Europa, 1985, citado por Correia & Lopes, 2004, p.206)

A sensibilização é uma parte fundamental para a salvaguarda do património, como referido anteriormente nas cartas apresentadas, a consciencialização de toda a sociedade é necessária e de extrema importância, porém é fundamental que as novas gerações valorizem o património. Desta forma é

necessário que essa consciencialização comece a partir da educação escolar, pelos meios de educação e visitas de estudo ao património arquitetónico presente pelo menos nas suas cidades. É indispensável que as camadas mais jovens percebam a relação que existe entre as tradições populares, os modos de vida de antigas sociedades, sendo que as mesmas se encontram interligadas com a arquitetura. Percebendo que o património é o que diferencia umas culturas de outras.

Nas recomendações sobre a Salvaguarda dos Conjuntos Históricos e da sua função na vida contemporânea (1976), refere-se a importância de se realizar um estudo analítico, que venha a definir vários graus de intervenção definindo “aqueles que devem ser especialmente protegidos; os que devem conservar-se em determinadas condições, e aqueles que, em circunstâncias absolutamente excecionais e rigorosamente documentadas, podem ser demolidas” (UNESCO, 1976, citado por Correia & Lopes, 2004, p.182).

A Carta de Cracóvia (2000), menciona que tal estudo deve estar ligado à pesquisa pluridisciplinar:

Sobre materiais e tecnologias usadas na construção, reparação e no restauro do património edificado. A intervenção escolhida deve respeitar a função original e assegurar a compatibilidade com os materiais, as estruturas e os valores arquitectónicos existentes. (...) Deve estimular-se o conhecimento dos materiais e técnicas tradicionais de construção, bem como a sua apropriada manutenção no contexto da sociedade contemporânea, considerando-as componentes importantes do património cultural. (Carta de Cracóvia, 2000, citado por Correia & Lopes, 2004, p.293)

Deste modo os planos de salvaguardas só deverão ser constituídos após a realização de estudos científicos realizados por equipas pluridisciplinares compostas por:

- especialistas em conservação e restauro, incluído historiadores de arte;
- arquitectos e urbanistas;
- sociólogos e economistas;

- ecologistas e arquitectos paisagistas;

- especialistas em saúde pública e segurança social, e, em geral, por todos os especialistas em disciplinas relacionadas com a proteção e valorização dos conjuntos históricos. (UNESCO, 1976, citado por Correia & Lopes, 2004, p.179)

Para se poder intervir no património arquitetónico é essencial a determinação dos graus de intervenção, porém os mesmos só podem ser estabelecidos após um estudo baseado em várias áreas como foi referido anteriormente. Uma vez que só deste modo a caracterização dos mesmos se encontra mais correta e completa.

Relativamente ao objetivo de conservar os valores culturais e arquitetónicos, as entidades responsáveis devem estabelecer “programas de formação para apoiar as comunidades a preservar os métodos e os materiais tradicionais de construção, bem como as respectivas técnicas e ofícios” (ICOMOS, 1999, citado por Correia & Lopes, 2004, p. 285). É relevante referir que a conservação integrada permite a introdução de arquitetura contemporânea nos conjuntos históricos, porém a mesma deverá respeitar o local onde se insere, tal como “as proporções, as formas e as escalas existentes e devem utilizar materiais existentes” (Conselho da Europa, 1975, citado por Correia & Lopes, 2004, p.158).

Na conservação do património arquitetónico é essencial a manutenção e a reparação do edificado, sendo que constituem uma parte fundamental do processo de conservação a longo prazo. Porém estas ações devem ser baseadas em vários procedimentos, que podem incluir o estudo de materiais tradicionais ou novos, estudos estruturais, devem ser estudados também significados históricos, socioculturais, entre outros. A Carta de Cracóvia (2000) reforça a ideia, mencionando que são necessárias “investigações prévias, testes, inspecções, controlos, acompanhamento dos trabalhos e do seu comportamento pós realização” (Cracóvia, 2000, citado por Correia e Lopes, 2004, p. 290).

O conceito de conservação dá importância à utilização de materiais e métodos antigos utilizados por certa comunidade, porém devido à evolução da arquitetura o mesmo pode também permitir a utilização de arquitetura

contemporânea, sendo que a mesma tem a obrigação de se adaptar ao local onde é inserida.

O Conselho da Europa nas Conclusões sobre o Património Architectónico Europeu (1977) e no Apelo de Granada sobre a Arquitectura Rural e Ordenamento do Território (1999), expõem a necessidade da realização de inventários relativamente aos edifícios, dos conjuntos e sítios com valor patrimonial, uma vez que os mesmos servirão como base de trabalho realista à conservação. As entidades responsáveis deverão comprometer-se “em caso de ameaças dos referidos bens, a preparar, com possível brevidade, documentação adequadas” (Conselho da Europa, 1977, citado por Correia & Lopes, 2004, p. 206).

Os inventários em questão podem ser de distintos géneros, tais como:

Uma lista sumária dos sítios naturais e construídos que apresentem um interesse genérico ou um inventário mais pormenorizado compreendendo um triplo objectivo:

- levantamento dos dados demográficos e sócio-económicos, ao nível municipal ou regional, abrangendo: população (estrutura e composição), estruturas económicas, caracterização das actividades (emprego, rendimento);
- levantamento dos sítios compreendendo, quer, a descrição física, quer a análise de estrutura histórica da paisagem;
- levantamento das edificações, realizado com apoio de fichas individuais, com a descrição pormenorizada do objecto, uma apreciação da arquitectura, seus valores históricos e estéticos, estado de conservação, relação com o meio envolvente. (Conselho da Europa, 1977, citado por Correia & Lopes, 2004, p. 187)

A realização de inventários é um elemento importante para o registo e proteção do património, sendo também uma base de trabalho de interesse. Deste modo seria de grande interesse que todas as entidades responsáveis os realizassem.



### 2.1.3 Graus de intervenção

Os tipos de intervenção a aplicar no património, podem englobar a manutenção, preservação, restauro, reconstrução e adaptação. Orbasli (2008) refere que as intervenções podem reunir a combinação de vários graus em apenas uma obra. A aplicação dos graus de intervenção tem um papel fundamental para um arquiteto, uma vez que são os mesmos que definem o impacto que a intervenção terá no bem patrimonial.

**Conservação** - A conservação do património é fundamental para a sua proteção, desta forma o conceito é descrito na Carta de Cracóvia como:

Conjunto das atitudes de uma comunidade que contribuem para perpetuar o património e os seus monumentos. A conservação do património construído é realizada, quer no respeito pelo significado da sua identidade, quer no reconhecimento dos valores que lhe estão associados. (Carta de Cracóvia, 2000, citado por Correia & Lopes, 2004, p.295)

Feilden (2004) esclarece que o conceito geral de conservação compreende tudo o que prolonga a vida de um bem patrimonial, abrangendo a manutenção, reparação, consolidação e reforço. González-Varas (2005) partilha o mesmo parecer que Feilden, definindo a conservação de modo geral como uma intervenção que visa a prolongação da vida dos materiais do bem patrimonial a proteger. Contudo o mesmo autor refere que existem dois géneros de conservação, sendo estas conhecidas como conservação preventiva ou indireta, que consiste em intervenções não aplicadas diretamente na estrutura do objeto e intervenção direta, na qual a operação recai na sua estrutura, complementando-se com a consolidação e manutenção.

**Prevenção** - Muñoz Viñas (1998) e González-Varas (2005) elucidam de forma semelhante que este grau é similar ao de conservação, porém num sentido mais estrito. Contudo Muñoz Viñas descreve o ato de preservar como o gesto de precaver que um bem patrimonial se altere como o passar do tempo, mantendo a sua forma, estado e uso original. Por sua vez González-Varas refere-se ao termo preservação no sentido de salvaguarda do bem arquitetónico perante possíveis perigos e danos. Por sua vez Stubbs (2009) vai

ao encontro González-Varas partilhando a mesma opinião referindo que este grau consiste em proteger o bem arquitetónico evitando danos, realizando a manutenção e protegendo, assim, o bem de deterioração.

**Manutenção** - O grau de manutenção é descrito por Orbasli (2008) como uma reparação continuada, onde são utilizados os materiais tradicionais. A manutenção engloba também a manutenção integrada, medidas preventivas, vigilância permanente e manutenção regular.

González-Varas (2005) refere a importância da manutenção do património arquitetónico, sendo essencial uma vez que pode evitar intervenções mais diretas sobre os bens.

**Consolidação** - González-Varas (2005) menciona que a consolidação é uma prática que reforça a estrutura, e a consistência dos materiais que integram o bem patrimonial.

Orbasli (2008) na sua obra descreve este grau como sendo “intervenções físicas realizadas para impedir uma maior deterioração e instabilidade estrutural” (Orbasli, 2008, p.211).

**Restauro** - O restauro é considerado como uma parte integrada da conservação segundo Warren (1999), sendo a continuação da conservação quando a mesma já não é suficiente.

González-Varas (2005) refere que o grau de restauro se encontra ligado à intervenção direta, aplicada para preservar um bem patrimonial que se encontre deteriorado devido ao passar do tempo, neste caso é possível executar uma intervenção de restauro, se o mesmo não alterar ou falsificar a sua natureza documental.

Segundo Correia (2009) o restauro implica a busca da história original do objeto, que deve ser baseada por evidências arqueológicas, desenhos ou documentos originais e pela reintegração de detalhes e partes.

**Recuperação** - Este grau é descrito por González-Varas (2005) como uma revalorização ou recuperação de um bem cultural, que se encontre privado das suas funções devido a vários fatores tais como degradação ou abandono e que se aceite a potencialidade de ser reutilizado.

**Reabilitação** - Feilden e Jokilehto (1998), recomendam “utilizar o mais próximo possível, a função original, de modo a se assegurar um mínimo de intervenções e uma perda mínima de valores culturais” (Feilden e Jokilehto, 1998, p.90). Contudo referem também que o bem arquitetónico se deve adaptar às necessidades dos dias de hoje, sendo necessárias instalações sanitárias, sistemas de aquecimento, etc.

Petzet (2004) é de opinião que se deve minimizar as construções modernas no tecido urbano dos centros históricos, sendo que desta forma se pode encontrar a solução para o incentivo da realização da reabilitação, evitando o abandono dos centros devido à degradação. Correia (2009) completa a ideia dizendo que “hoje em dia, para evitar a degradação devido à falta de uso, é fundamental abrir a reabilitação a outros usos integrativos, respeitando os espaços originais e a estrutura (Correia, 2009, p.96).

**Renovação** - Feilden e Jokilehto (1998) descrevem a renovação como o ato de conservar os bens patrimoniais, “utilizando materiais compatíveis e técnicas tradicionais de primordial importância” (Feilden e Jokilehto, 1998, p.70).

Porém na opinião de González-Varas (2005), a renovação é uma condição nova que deve implicar uma melhoria ou atualização, ganhando uma importância cultural ou mesmo espiritual. O autor refere que este grau se aplica em particular no urbanismo, associado à renovação urbana, que visa a atualização das suas características por meio de novas atividades económicas e sociais.

**Revitalização** - Feilden e Jokilehto (1998) consideram que este grau de intervenção, deve encontrar um equilíbrio entre a conservação e o desenvolvimento, os autores explicam que “a revitalização de uma área histórica economicamente decadente pode exigir a reabilitação de um grande número de habitações típicas, bem como de edifícios (redundantes) obsoletos” (Feilden e Jokilehto, 1998, p.91). González-Varas (2005) também reforça a ideia que a revitalização se desenvolve num contexto de recuperação urbana, integrando medidas que visam o melhoramento da vitalidade social ou económica de um conjunto patrimonial.

**Regeneração** - A regeneração para Orbasli (2008) é um processo desenvolvido a longo prazo, que tem como foco o desenvolvimento económico, visando novos projetos de construção e o urbanismo. Correia (2009) chama a atenção para a diferença entre a renovação urbana em comparação com a

regeneração urbana, uma vez que este grau de intervenção se encontra relacionado com um ambiente associado às atividades económicas.

**Anastilosis** - Jokilehto (1986) explica que a principal diferença entre este tipo de intervenção e a reconstrução, é que a anastilosis emprega o material original disponível no local, sendo que na reconstrução é aplicado um material novo. Correia (2009) menciona que este grau de intervenção passa pela operação de recomposição de bens arquitetónicos, com os materiais originais que se encontrem caídos e dispersos na envolvente do edifício.

**Reconstrução** - González-Varas (2005) indica que este tipo de intervenção deve ser aplicado apenas em circunstâncias históricas excecionais tais como acontecimentos traumáticos que provocaram a destruição de um bem, como por exemplo guerras, terremotos, fogos, etc. No entanto, Correia (2009) chama a atenção relativamente à utilização dos novos materiais, a reconstrução não deverá apresentar a pátina do tempo, uma vez que deve ser visível que não é constituído com o material original, apesar de ter sido realizado com rigor documental.

**Relocação** - Stubbs (2009) refere que uma intervenção desta natureza só deve ser aplicada quando não existe outra forma de se proteger e salvar um bem patrimonial, nesse caso recorre-se a relocação do mesmo, por vezes transportado por inteiro ou desmontado e montado em outro local.

#### **2.1.4 Princípios de intervenção no património**

Distintos princípios de intervenção podem ser utilizados em apenas uma obra de intervenção. Os mesmos são fundamentais para uma decisão correta de como intervir no património, uma vez que podem justificar as escolhas de um arquiteto sobre o bem arquitetónico.

**Autenticidade** - O conceito de autenticidade é descrito na Carta de Cracóvia (2000) como “o somatório das características substanciais, historicamente provadas, desde o estado original até à situação actual, como resultado das várias transformações que ocorreram no tempo” (Carta de Cracóvia, 2000, p.6).

Segundo Correia (2009), este princípio é um dos mais importantes a aplicar, uma vez que é fundamental que a autenticidade se encontre presente no objeto patrimonial, tanto na sua forma, no material, como também na

intervenção de conservação, com a ação de manutenção, permitindo que o objeto perdure ao longo dos tempos. Pereira (2015) acrescenta ainda que os requisitos essenciais para avaliar a autenticidade de um determinado bem, são as suas características originais, o seu significado cultural e a sua história.

**Neutralidade** - Warren (1999) descreve este princípio como a continuação do princípio de autenticidade, uma vez que o bem patrimonial se deve encontrar conservado, para que seja possível a aplicação do princípio em questão. O mesmo encontra-se ligado mais particularmente à ação de reabilitação, sendo que a função original do bem arquitetónico pode ser alterada, porém devem ser respeitadas as suas características essenciais.

**Universalidade** - Na Convenção de Paris em 1972, foi referida a importância da aplicação deste princípio sobre os bens patrimoniais que tenham adquirido um significado extraordinário, classificando-se assim como património mundial, pertencendo à humanidade, obtendo desta forma um valor universal.

**Integridade** - Na Carta de Veneza (1964) este princípio é alusivo ao estado do objeto patrimonial, sendo considerado com um todo material, inteiro e indivisível. Jokilehto (1986) defende que este princípio pode justificar a reintegração de partes, o restauro estilístico ou mesmo a reconstrução. Porém o autor realça a importância que este princípio seja encarado numa perspetiva de leitura de um todo, possibilitando desta forma um melhor planeamento e gestão.

**Reversibilidade** - Para Correia (2009) é mais um dos princípios fundamentais a utilizar na intervenção, nos dias de hoje é fundamental perceber-se a distinção entre a estrutura original e a intervenção. A autora refere ainda que a aplicação de uma tonalidade diferente no material ou um acabamento distinto, pode ajudar a reversibilidade da intervenção, desde que a mesma tenha sido realizada com rigor. Pereira (2015) realça a importância da compatibilidade mecânico-estrutural e físico-química dos materiais.

**Mínima intervenção** - Aguiar (2002) considera-o como um dos pontos mais importantes a ter em conta na intervenção. Correia (2009) partilha a mesma opinião, referindo que este princípio deve ser aplicado em qualquer obra de intervenção. O mesmo também facilita os princípios de reversibilidade e de autenticidade. Pode também implicar a prevenção da envolvente natural do elemento a proteger.

Unidade - Segundo Brandi (2006) o princípio de unidade encontra-se relacionado à leitura do objeto inteiro e não numa leitura de partes. O bem deverá ser visto no seu todo como uma unidade, a nível do conceito original como foi construído. Que poderá ficar comprometido se a sua estrutura ou material forem alterados.

## 2.2 Arquitetura vernácula

A UNESCO organizou em 1972 a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural, onde foi definido que os “grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência” (UNESCO, 1972, p.2). É perceptível que o património adquiriu uma nova interpretação, podendo não ser apenas considerado um monumento isolado, mas também um conjunto edificado.

Após uma revisão literária sobre o tema da arquitetura vernácula, a Carta de Veneza (1964) é a primeira carta que realça a importância, não só do elemento arquitetónico isolado, mas também do sítio onde se enquadra. Sendo estes considerados um testemunho de uma civilização específica ou de um acontecimento histórico, é relevante referir que este valor não se aplica apenas às grandes construções mas também às mais modestas que com o tempo desenvolveram um significado cultural (ICOMOS, 1964).

É perceptível que ao longo do tempo o homem se tem consciencializado da importância da salvaguarda dos bens, sendo que o património de uma sociedade, é o testemunho de um passado, que deve ser preservado com autenticidade para as gerações futuras.

A Carta sobre o Património Construído Vernáculo, publicada em 1999, refere que:

O património construído vernáculo é a expressão fundamental da identidade de uma comunidade, das suas relações com o território (...) é o meio tradicional e natural pelo qual as comunidades criam o seu

habitat. Resulta de um processo evolutivo que inclui, necessariamente, alterações e uma adaptação constante em resposta aos constrangimentos sociais e ambientais. (ICOMOS, 1999, p.1)

Fernandes e Mateus (2001) descrevem similarmente que a arquitetura vernácula é:

(...) baseada na repetição de soluções, e aprimorada ao longo de sucessivas gerações de artificies, é o reflexo de um tempo mais sustentável em que ainda se sabia como lidar com os poucos recursos de que se dispunha, o que permitia tirar partido dessa aparente desvantagem. Com as tecnologias possíveis e materiais locais, estas construções tornam-se elementos caracterizadores dos lugares. (Fernandes e Mateus, 2001, p.206)

Desta forma é perceptível que a arquitetura vernácula se encontra relacionada com o modo que os indivíduos intervinham no território e com as suas formas de habitar, originadas pelas diferenciações regionais, provindos por exemplo do clima, dos materiais locais e dos costumes presentes na comunidade e nas suas atividades económicas.

Asquith & Vellinga (2006) compartilham a mesma opinião uma vez que citam que a arquitetura vernácula é “uma arquitetura própria de um país, de um povo que abrange aspetos económicos, tecnológicos, inclusive a complexidade de fenómenos sociais e culturais” (Asquith & Vellinga, 2006, p.100).

Deste modo a arquitetura vernácula não responde a nenhuma norma teórica ou estética, é um tipo de construção natural sem arquiteto, apenas respeita o lugar onde se insere, o clima e as restantes construções realizadas pela própria comunidade, valorizando o ambiente construído e natural do local. Este tipo de construção encontra-se diretamente relacionada com vários fatores tais como históricos, económicos, sociais, climáticos, topográficos e os recursos disponíveis no local para a construção dos seus habitats, adequando-se a evolução dos modos de vida e de trabalho das pessoas.

## 2.3 Arquitetura popular

Pode-se assim analisar vários pontos em comum entre a arquitetura vernácula e popular. Porém a definição de vernáculo encontra-se ligada a algo característico do próprio país, por sua vez o popular está relacionado em particular com uma comunidade específica. Deste modo na arquitetura vernácula pode-se encontrar as mesmas características em locais e comunidades distintas, no caso da arquitetura popular percebe-se que está mais relacionada com apenas um tipo específico de comunidade num determinado espaço.

Durante a revisão da literatura disponível acerca dos conceitos de arquitetura vernácula e popular, é perceptível que devido a vários pontos em comum que se podem encontrar entre ambos, alguns autores não os diferenciam, utilizando por vezes o mesmo termo para descrever ambos. Esta indefinição durou até à década 80.

Para González (2010) a arquitetura popular é, de forma similar, à vernácula, uma vez que “se caracteriza pelo alto nível de entendimento e adaptação ao meio. A topografia, o clima e a disponibilidade dos materiais para as construções, condicionam as formas de implantação, criando paisagens únicas, outorgando enormes valores de identidade para cada comunidade” (González, 2010, p.14). Por sua vez Benavides (1997), esclarece que a arquitetura popular está ligada a todo o tipo de construções rurais como por exemplo agrícolas e piscatórias, sendo um tipo de arquitetura de um povo que passa de geração a geração. Porém o que diferencia a construção vernácula da popular é que a mesma se encontra ligada: “a um lugar, uma sociedade, aos costumes e a materiais em concreto, de carácter mais particular e reduzido” (Benavides, 1997, p.61).

Desta forma conclui-se que se trata de uma arquitetura que possui uma forte ligação com a identidade de uma comunidade, sendo que a mesma é influenciada pela sua localização, paisagem envolvente e a adaptação relativamente às construções já existentes dessa mesma comunidade e às atividades económicas a que se dedicam, o que contribui para reforçar a identidade de uma comunidade em concreto.

Galhano e Oliveira (1992), consideram a casa popular como:



Um dos mais significativos e relevantes aspectos da humanização da paisagem, em que, na sua grande diversidade de tipos, afloram, com particulares evidências, numerosos condicionalismos fundamentais – geográficos, económicos, sociais, históricos e culturais (...) relações do Homem com o meio natural que o rodeia (...) e diferenciação regional. (Galhano e Oliveira, 1992, p.13)

Na sua obra publicada em 1983, Bas define a arquitetura popular como uma arquitetura de carácter funcional, uma vez que responde às necessidades de um determinado grupo de pessoas e se adapta também ao local em que se insere. O autor refere que esta arquitetura se define pela sua funcionalidade, irregularidades, limites e falta de elementos ornamentais definidos. Por sua vez, Flores (2006) descreve de forma similar que a mesma é derivada da “diversidade e a ausência de moldes rígidas (...) causas principais da sua aparência” (Flores, 2006, p.64).

É desta forma perceptível que existem distinções entre ambos os conceitos, uma vez que a arquitetura popular não se encontra relacionada apenas com uma região, mas sim com o sistema socioeconómico da comunidade, respeitando o local onde se insere, porém sem uma imagem estandardizada para as construções, contudo sem retirar a identidade do local como, por exemplo, se pode verificar nas habitações dos pescadores em estudo nesta dissertação.

Pacheco (1985) engloba a construção popular no conceito das artes populares, onde as mesmas têm uma forte ligação natural ao meio onde se inserem. No caso da arquitetura popular a mesma vai-se adaptando à evolução da comunidade em questão, sendo que eram as próprias pessoas da comunidade que realizavam as construções, sem processos tecnológicos avançados, apenas com a sabedoria do próprio povo. O autor refere igualmente a importância da versatilidade de cada divisão da habitação.

Do mesmo modo, Galhano e Oliveira (1992), referem que a casa popular não tem apenas uma função de abrigo mas também de instrumento de trabalho, tendo a necessidade de se adaptar ao mesmo.

A arquitetura popular exprime os modos de vida e a história de cada comunidade no seu território. É uma arquitetura sem projeto, realizada pela própria comunidade, sem formação especializada. É essencial perceber que

se trata de um tipo de construções modestas, em que existia a necessidade de cada peça se tornar versátil para responder às necessidades dos utilizadores. Deste modo é explícito que a arquitetura popular respeita e se encontra ligada a três pontos fundamentais:

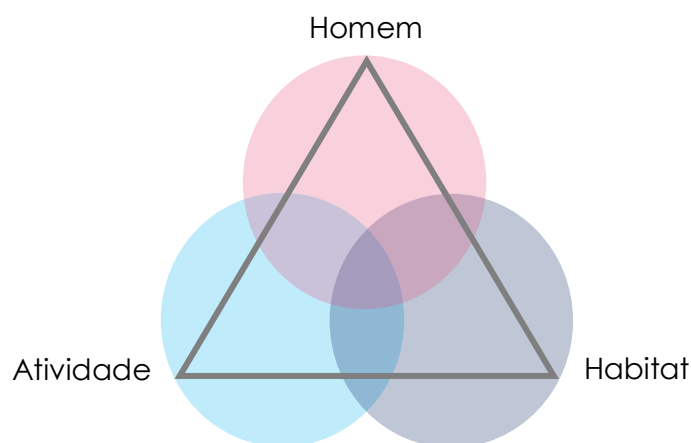


Fig. 7 – Pontos de ligação da arquitetura popular

Flores (1973) descreve a mesma como a arte e técnica de projetar de um grupo social específico, sendo que é construído e transformado pelos indivíduos do próprio grupo, sendo assim uma arquitetura de um povo. Este tipo de arquitetura “faz alusão ao conteúdo sociocultural (...) população assente em um lugar ou área em concreto, com um entorno físico em determinadas estruturas sociais e económicas que podem ser estáveis ou que tenham evoluído com o passar do tempo ou com acontecimentos” (Sanz, 1992, citado por Vicente, 2015, p.37).

Sem dúvida esta arquitetura é um coletor de memórias de uma comunidade, tanto a nível de trabalho como de vivências entre a própria comunidade.

Mestre (2010) caracteriza as habitações populares como:

Construções de apoio às actividades rurais, domésticas, piscatórias, entre outras (...) casa popular, para os seus utilizadores (...) algo próprio em todos os seus estágios, da sua razão e do sentir de existir. (...) A logica de existir, estará na continuidade de sucessivas linhagens de artesãos e dos utilizadores diários dessa realidade sociocultural. (Mestre, 2010, p.4)

O mesmo autor refere que este tipo de arquitetura terá absorvido de forma intencional ou não, diversas inovações da parte dos seus construtores, de ordem técnica ou prática por vezes abordando também os conceitos espaço-funcionais, que se foram aceitando devido a sucessivas repetições formando assim novos modelos (Mestre, 2010).

Desta forma percebe-se que a casa popular tornar-se-á numa casa de múltiplas influências, devido às sucessivas alterações sofridas ao longo do tempo, modificações essas que foram alterando proporções, estilos, modas, etc. Porém nunca retirando a sua identidade, algo que também se pode verificar nas habitações dos pescadores em estudo nesta dissertação.

Acredita-se deste modo que o conceito arquitetura popular se encontra bastante ligado a um lugar e uma comunidade específica. Não está apenas relacionado com a região em que se situa, mas também com a atividade profissional que se dedica determinado grupo social. Este tipo de habitação não tem apenas a função de abrigo, mas também de complemento profissional. É relevante referir que se trata de uma arquitetura de uma comunidade, realizadas pelas próprias pessoas da mesma e sem formação especializada, que passa de geração em geração respeitando as construções existentes do local, porém sem modelos rígidos, o que origina a sua aparência sem retirar a identidade do local.

## 2.4 Arquitetura piscatória

No caso da arquitetura popular piscatória, após alguma pesquisa, verificou-se que são escassas as publicações sobre esta arquitetura em Portugal. Moutinho (1979), na sua abordagem em “A arquitectura popular Portuguesa” faz alusão às casas dos pescadores da região do Algarve, caracterizando-as como casas típicas da zona. A Associação dos Arquitetos Portugueses (SNA) (1980) na sua obra “Arquitetura Popular em Portugal”, faz de igual modo uma breve menção às casas dos pescadores da região do Algarve, referindo-se as habitações típicas de cobertura plana que Moutinho (1979) analisa, contudo acrescentam as habitações de duas águas. Por sua vez Oliveira e Galhano (1992) na sua obra “Arquitetura Tradicional Portuguesa”, realizam uma descrição completa sobre as casas dos pescadores da Póvoa de Varzim e a sua evolução ao longo dos tempos, sendo que os autores também fazem

breves referências sobre as cabanas de madeira, que no passado foram abundantes por todo o país. E por fim Monteiro (2015) que analisa as meias-casas de Caminha. Contudo, não existe nenhuma obra ou publicação que se refira às casas dos pescadores de Viana do Castelo, o que se pode verificar como uma lacuna no conhecimento.

A mesma lacuna se verifica para o caso galego, onde Llano (1981) esclarece que não é possível estabelecer uma tipologia generalizada para a arquitetura popular piscatória, uma vez que este tipo de construções para além de responder às suas necessidades, respeita de igual modo as características da arquitetura rural da zona onde se encontram. Porém as mesmas aparecem de menor tamanho devido à fraca compacidade económica deste grupo social.

Mais recentemente Cerqueira (2014) estuda as habitações piscatórias do Bairro de A Marina, em A Guarda, comprovando o que anteriormente descrito por Llano (1981). Estas habitações são constituídas em termos de fachadas com uma largura variando entre os 2 e 6 metros de largura, a única iluminação natural e ventilação existente no piso térreo era realizada pela porta, no caso do piso superior surgia uma janela. A cobertura era constituída por duas águas. O autor refere ainda que os acessos aos pisos superiores eram realizados no interior da habitação, uma vez que a fachada era lisa sem nenhum elemento saliente.

Em relação à distribuição espacial, a habitação é descrita no piso térreo como um local destinado para armazenamento de utensílios de pesca, deixando em alguns casos um pequeno espaço reservado para um galinheiro. A partir do rés-do-chão encontravam-se umas escadas interiores de madeira que davam acesso ao piso superior, constituído por uma pequena cozinha localizada na parte traseira da habitação, voltada para o mar e apenas um quarto onde dormia toda a família. (Cerqueira, 2014).

Para o caso português encontram-se estudos regionais das habitações dos pescadores do Algarve, Póvoa de Varzim e Caminha. Sendo ainda de referir brevemente as casas de madeira, que no passado foram abundantes entre as comunidades piscatórias por todo o país.

Segundo Moutinho (1979), um dos tipos de habitações mais características do Algarve, para além das casas rurais, são as casas dos pescadores, geralmente são constituídas por um piso, de uma planta retangular que possui:

Uma açoteia que é acessível por uma escada que parte do interior da habitação ou do pátio. Estas escadas podem estar cobertas por um “pangaio” no cimo do qual pode aparecer um “mirante”. As divisões são geralmente abobadadas e a cozinha situa-se em princípio nas traseiras da casa. (Moutinho, 1979, p.141)

Os materiais aplicados neste tipo de construção eram a alvenaria de pedra ou de tijolo, caiadas de branco, relativamente aos rodapés ou guarnições das portas e janelas estas eram pintadas geralmente de verde e azul, cores típicas da região. Um pormenor interessante da açoteia era ser revestida de ladrilhos e apoiar-se nas abóbodas das divisórias interiores (Moutinho, 1979).



Fig.8 – Bilhete-postal de Olhão, datado de 1938.

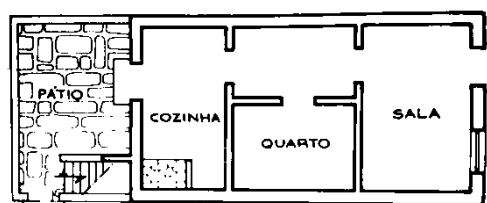


Fig.9 – Planta de uma habitação típica da região do Algarve

O que individualiza estes aglomerados, é a predominância das coberturas horizontais, as açoteias, nas casas de rés-do-chão. Estas foram depois aumentadas em altura, com novos volumes - o mirante e contra mirante - aos quais se acede por escadas exteriores. Lembram, estas construções, os povoados marroquinos e alguns da costa mediterrânea espanhola. Certos autores veem neste tipos de casas restos de influencias árabes, outros essencialmente, uma derivante climática. (SNA, 1988, p.148)

Segundo a publicação do SNA, este tipo de construção descrita anteriormente não é o único modelo de arquitetura piscatória da região do Algarve, uma vez que em St.ª Luzia de Tavira, Cabanas de Tavira, Porto Corvo, etc. predomina a cobertura em telhado (SNA,1988).

Porto Corvo, é uma pequena aldeia de pescadores a sul de Sines onde é notável:

Uma pobreza que não se pretende esconder. A conservação e caiação das fachadas não se faz. As casas são construídas em taipa e a cobertura é de telha; os pavimentos são térreos, a maior parte das portas e janelas tem apenas portadas de madeira sem vidro. (SNA, 1988, p.157)



Fig.10 – Corte e Planta de habitação típica de Porto Corvo, s/escala

Galhano e Oliveira (1992), fazem uma breve referência sobre as casas de madeira, apesar de atualmente existirem poucos vestígios dessas habitações conhecidas pelo nome de cabanas, sabe-se que no passado foram abundantes por todo o país.

A norte do Douro, as construções de madeira eram compostas por barracas de habitação temporária para os pescadores, que com o passar do tempo se foram progressivamente transformando em habitações permanentes, substituindo-se o material de construção de madeira pela pedra (Oliveira e Galhano, 1992).

Além-Douro, ergueram-se palheiros de tabuados, de planta retangular que se encontravam apoiados em pilares de pedra ou em estacarias, o telhado era constituído por duas águas geralmente muito inclinadas, numa primeira fase coberto com colmo ou estorno e posteriormente de telha. O tabuado era pintado de vermelho, disposto de forma horizontal ou vertical, neste caso preso com ripas. As caixilharias eram pintadas de branco ou azul, fazendo contraste com o resto na habitação. Algumas habitações deste género podem ser encontradas em Esmoriz, Palheiros de Mira, Costa de Lavos, etc. (Oliveira e Galhano, 1992).

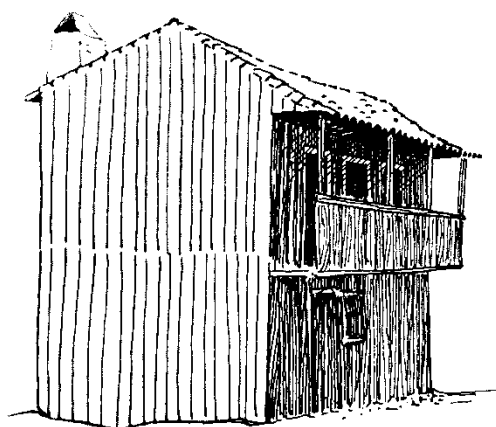


Fig.11 – Habitação típica de Esmoriz

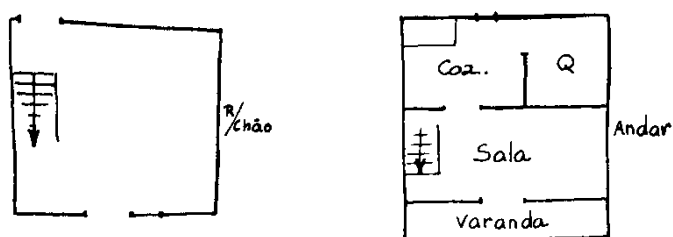


Fig.7 – Plantas de habitação típica de Esmoriz, s/escala

Dentro deste conjunto de habitações, também existem habitações mais modestas, conhecidas em Costa de Lavos como recoletas, estas casas eram de apenas um piso, o seu pavimento poderia ser realizado com terra batida, areia e feno ou raramente em soalho. As paredes eram caiadas ou pintadas de branco (Oliveira e Galhano, 1992).

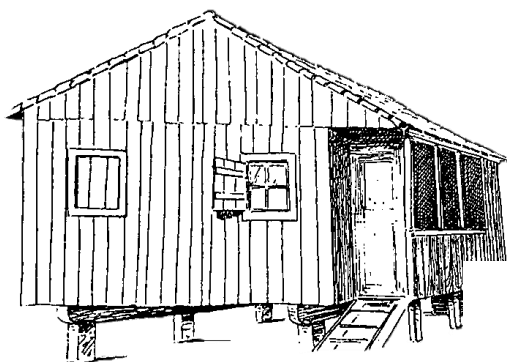


Fig.13 – Habitação típica de Esmoriz

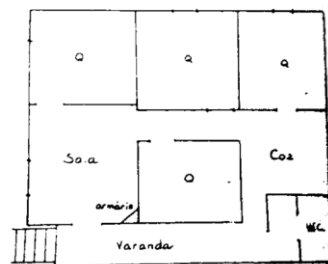


Fig.14 - Planta de habitação típica de Esmoriz, s/escala

Oliveira e Galhano (1992), na mesma obra fazem uma descrição pormenorizada da evolução das habitações dos pescadores na Póvoa de Varzim. Os autores explicam que durante o século XVIII, a população se concentrou na faixa litoral costeira, de forma mais particular no sul, onde se instalou rapidamente uma população piscatória. As primeiras casas dos pescadores poveiros, eram inicialmente simples barracas ou casinholos térreos, construídos em madeira com a função não só de habitação mas também de abrigo para as aparelhagens profissionais. As mesmas eram construídas com tábuas de pinho pintadas de vermelho forte, colocadas de forma horizontal em sistema de escama, ou então na vertical, vedando as suas juntas com estreitas réguas apoiadas no solo de pedra. A maior parte destas habitações não tinham janelas, na sua fachada a única abertura que se encontrava era uma porta de postigo. Numa visão geral, o conjunto de casas apresentava um beiral baixo, de telha caleira, onde era visível o remate do telhado para onde as águas da chuva corriam, dando assim uma ideia duma cobertura única para todas as casas.

Geralmente este tipo de habitações pobres, no seu interior possuíam apenas uma divisão. A ausência de espaço obrigava que os trabalhos relativos a atividade piscatórias fossem realizados no seu interior, como a preparação das redes, etc. O seu interior é descrito pelos autores como um interior:

Sem soalho e de telha-vã, sem cheminé, onde toda a família dormia conjuntamente, em camas de bancos com colchões de palha, e onde também se cozinhava, num espaço reservado para a lareira, e se guardavam cordames, redes, cortiças, velas e demais aprestos, que se amontavam aos cantos ou se penduravam do travejamento. (Oliveira e Galhano, 1992, p.238)

Este tipo de construções de madeira eram bastante comuns no litoral, porém tais habitações encontram-se extintas na Póvoa de Varzim.

O segundo tipo de construção é sem dúvida a habitação piscatória mais característica da comunidade poveira, de forma similar às primeiras, também eram "térreas, baixas e pequenas, com telhado de telha caleira portuguesa, de duas águas desiguais, tendo as empenas nas paredes divisórias, e sendo a água das traseiras a mais comprida" (Oliveira e Galhano, 1992, p.240).



O beiral na maior parte das vezes, era um pouco saliente, sendo que o remate do telhado fazia com que as águas fossem desaguar na frente da habitação. A fachada desta segunda geração de habitações é descrita como sendo:

Nua e pobre, geralmente caiada de branco, muitas apenas com a porta de entrada, outras com a porta e janela, outras ainda, mais raras, com a porta entre duas janelas, todas elas com os madeiramentos – portas, postigos e caixilhos – pintados a vermelho ou, por vezes, a cores mais vivas. (Oliveira e Galhano, 1992, p.240)

Na ausência de janelas, a única entrada de luz na habitação era realizada pelo postigo da porta. Quando as janelas existiam eram de modelo primitivos, com portadas lisas do mesmo género que as portas, no caso das portas exteriores as mesmas para além das chaves possuíam também trinquês de madeira de punho comprido.

Estas casas mediam cerca de 5 a 6 metros de frente, por 10 a 12 de fundo e a parede da frente pouco passava dos 2 metros de altura. Constavam apenas duas divisões estruturais: a sala, à frente, abrindo directamente para a rua e a cozinha, nas traseiras, tendo também, como único rasgo exterior, uma porta semelhante à entrada, igualmente de postigo, que dava para o “quintal”. (Oliveira e Galhano, 1992, p.241)

Quanto à sua estrutura, as paredes eram realizadas em alvenaria de granito, com cerca de 60 cm de espessura, rebocadas com pouco cuidado e caiadas tanto no exterior como no interior. Contudo, a divisória interior entre a cozinha e a sala poderia ser realizada com pedra como as paredes exteriores, outra solução utilizada era a construção de parede de tabique revestida e caiada, surgia assim igualmente no interior uma porta tosca a fazer a separação entre as duas peças (Oliveira e Galhano, 1992).

Devido à topografia local, a um nível inferior da sala encontrava-se a cozinha, para vencer esse desnível surgia um ou mais degraus. Sabe-se que o pavimento da cozinha era em terra, enquanto o da sala de soalho. Porém nenhuma destas peças possuíam teto, sendo deste modo visível a armação do telhado. O

elemento que mais caracteriza este tipo de habitações é a armação das camaretas, sendo elas:

Duas alcovas abertas, com a largura precisa para armar os bancos e colocar sobre eles tábuas que, com o colchão e o travesseiro, cheio de palha solta, constituíam a cama do Poveiro (...) era na sala (...) que o Poveiro dormia, comia, trabalhava, fazia "serões", e guardava as redes, aprestos marítimos, roupas e demais objectos. (Galhano e Oliveira, 1992, p. 242, 243)

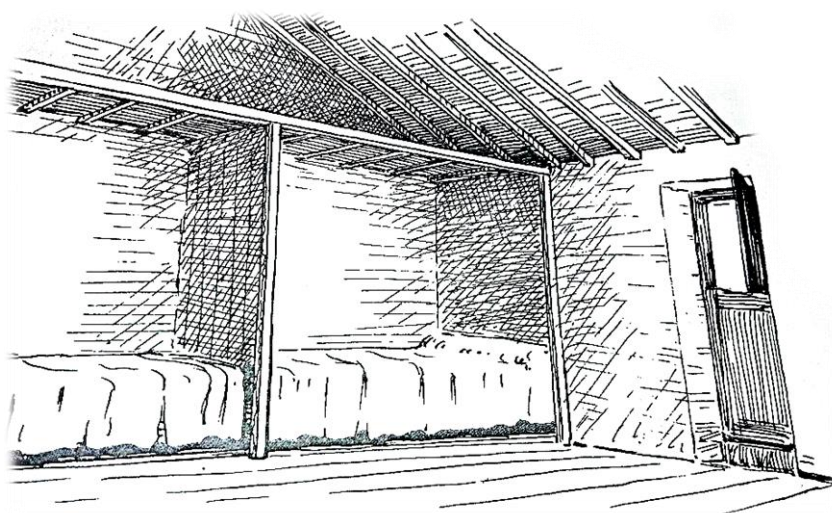


Fig.15 – Camaretas construídas por um simples tapamento de madeira

A atual casa da Póvoa de Varzim surge quando a força da tradição cede perante as considerações utilitárias e o nivelamento cultural do mundo moderno. Com a evolução da sociedade, os modos de vida foram se alterando, as profissões também se foram diversificando contribuindo para diferenças económicas. A primeira modificação mais marcante é o desaparecimento das armações das camaretas. Sendo que as mesmas são retiradas e substituídas por paredes de tabique ou tapamentos de madeira machadas e pintadas, como se pode visualizar na Fig.17, deste modo os quartos encontram-se junto de uma das paredes laterais da sala. Com esta transformação passam a ser ligeiramente maiores que os anteriores, uma vez que com esta nova técnica ganham uma certa profundidade comparando com as camaretas (Oliveira e Galhano, 1992).

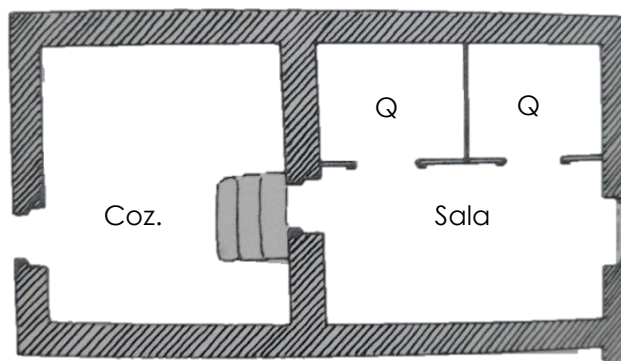


Fig.16 – Planta de casa tipo s/escala

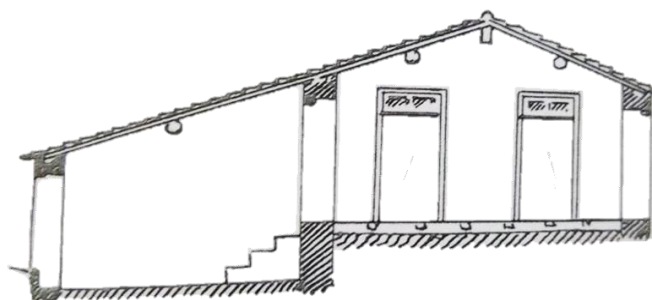


Fig.17 – Corte de casa tipo s/escala

Relativamente às fachadas, geralmente eram pintadas de cores variadas, possuem um beiral baixo e quanto aos vãos podem apresentar uma porta e uma janela ou uma porta entre duas janelas. A porta principal dá acesso direto para a sala, sendo que a mesma se mantém com o madeiramento do telhado à vista, porém os quartos adquirem um teto horizontal, a cozinha mantém-se sem alterações (Oliveira e Galhano, 1992).

A segunda modificação surgiu devido à busca de espaços para as arrecadações, deste modo na sala nasceu um teto horizontal, inicialmente de madeira que evoluiu numa fase posterior para um teto estucado. Surgindo assim um segundo piso na habitação, ao qual se deu o nome de falso, que tinha como função um espaço de arrumos (Oliveira e Galhano, 1992).

A habitação continua a evoluir, desta vez à procura de luz natural, na primeira fase não existem alterações estruturais, apenas se construí o falso em cima da sala e uma escada de acesso ao mesmo, como é visível na Fig.18-I. Num segundo estado de evolução, o falso ganha alguma altura, procurando uma solução de iluminação, porém a habitação ainda é considerada térrea, contudo o beiral já não assenta sobre a padieira dos vãos, como é representado na Fig.18-II. Num ultimo estado de transformação, o telhado da cozinha separa-se do resto da habitação, tornando-se independentes. A

parede que separa a sala da cozinha ganha a altura de um piso superior, o teto sobre o falso é constituído por duas águas desiguais, sendo que o da frente é mais alongado do que posterior, por sua vez o telhado da cozinha, nasce de uma altura relativamente baixa, como é possível analisar na Fig.18-III (Oliveira e Galhano, 1992).

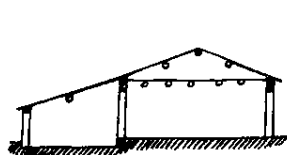


Fig.18-I

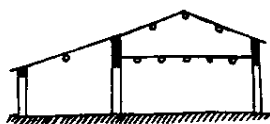


Fig.18-II

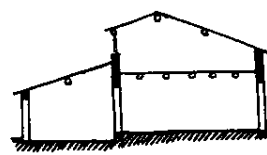


Fig.18-III

Fig.18 – Evolução da habitação

É nesse novo andar que se arrumavam as redes, aparelhagem de trabalho e quando necessário as crianças também dormiam nesse local. O falso transforma-se num verdadeiro piso, evoluindo assim a habitação para rés-do-chão e andar (Oliveira e Galhano, 1992).

Já mais próximo de Viana do Castelo, Monteiro (2015) refere que as casas dos pescadores de Caminha, apresentam uma série de características e uma distribuição distinta, que não detetou em mais nenhuma habitação de pescadores. A autora referencia Cruz (1988), que descreve que dentro das tipologias de habitações Caminhenses, as casas dos pescadores inserem-se na categoria de “casa plebeia”, que descreve como:

Ocupada tradicionalmente pelo pescador, é em geral térrea (...), mas a sua planta sugere da casa burguesa. Vulgarmente a porta da rua dá acesso à sala, onde pode penetrar-se descendo dois degraus que comunicam com o corredor. Apenas de um dos lados ficam portas que dão para quartos, porque o outro é limitado pela parede que separa a casa da casa vizinha. Designa-se por ‘meia-casa’ (...) por não possuir, como a da vila, compartimentos desenvolvidos dos dois lados do corredor. A sua estrutura influenciou também a construção burguesa (...). Possui a ‘torre’ onde se faz a cozinha, que se ergue acima do pátio interior donde se desce para a loja semi-subterrânea, escavada sobre a parte posterior da casa e aberta para o quintal. Da janela da ‘torre’, avista-se o porto e as embarcações que

aí se fixam no porto que o pescador perscruta antes de sair para o mar, se é safra do mar que lhe interessa. (Cruz, 1988, citado por Monteiro, 2015, p.151)

Monteiro (2015) completa a descrição mencionando, que a “meia-casa” de pescadores de caminha era de pequena dimensão, que se desenvolveu de forma longitudinal entre duas ruas. A fachada era colorida, de reduzida largura, não possuindo janelas na fachada principal, apenas na fachada posterior onde se encontrava o quintal, utilizado como local de arrumos ou arranjos de utensílios de pesca. É relevante referir que cada habitação apenas possuía uma água, como é visível na Fig.19. Posteriormente as cores das fachadas foram alteradas para branco ou revestidas a azulejo e as portas foram substituídas por outras mais modernas. Na zona posterior da habitação, por cima da cave semienterrada foi construído em alguns casos um compartimento com a função de sala.



Fig.19 – Meia-casa de Caminha nos anos 40 - 50

Como é perceptível não existe apenas uma tipologia generalizada para a arquitetura piscatória, a mesma é influenciada por distintos fatores, mas é visível que a mesma respeita as características da zona onde se encontra inserida, porém adapta-se as possibilidades económicas da comunidade.

## 2.5 Identidade

Para se poder perceber o conceito de identidade, serão apresentadas definições de identidade individual, de identidade social ou cultural, a relação

da identidade com o património, o perigo da globalização que pode originar a perda da identidade de determinados conjuntos históricos e por fim será demonstrado um exemplo de bairro popular que quer preservar a sua identidade.

Almeida e Faria (2006) indicam que para o reconhecido filósofo Hegel (1770 - 1831) a identidade é notadamente um conceito relacional, uma vez que é construída a partir do reconhecimento mútuo. Para o filósofo esse reconhecimento designa uma relação entre os indivíduos, na qual cada um vê o outro quer como seu igual, quer como alguém que lhe é estranho. É fundamental para a construção da identidade o reconhecimento do outro, para poder perceber a sua própria identidade. Elias (1965) partilha a ideia que é inevitável esta dualidade entre as vivências de uma realidade nossa, em oposição de uma realidade de outro.

É perceptível portanto que o conceito de identidade se encontra sempre relacionado com a comparação, uma vez que a mesma depende sempre da realidade de um indivíduo em comparação à de outro, fornecendo desta forma uma base para a construção da própria identidade

De um ponto de vista sociológico, Hall (1992) afirma que a identidade preenche o espaço entre o interior e o exterior, isto é entre o mundo pessoal e o público. O sujeito projeta-se em determinada identidade cultural, interiorizando os seus valores e significados, tornando-os parte dele, contribuindo desse modo com sentimentos subjetivos em relação aos lugares e objetos que ocupa no mundo cultural e social. Batista (2005) partilha a mesma opinião, sendo que refere que as construções das identidades se vão desenvolvendo quando um determinado grupo se começa a apropriar dos seus valores, perpetuando-os na sua história, passando-os de geração em geração.

Entra-se assim no conceito de identidade social, que Costa (1999) menciona ser construído em sociedade “através dos processos de interação social, assentando numa dupla série de mecanismos, simbólicos e relacionais, nos quais são decisivas as atribuições categorizadoras e classificatórias cruzadas de terceiros sobre o próprio e deste sobre si mesmo face aos outros” (Costa, 1999, p.498). Batista (2005) descreve a identidade como uma categoria diferenciada nas ciências humanas e sociais, uma vez que a mesma pode estar relacionada com questões de género, religiosas, entre outras, sendo que geralmente é construída, por exemplo, com a contribuição da atividade

profissional que determinada pessoa se dedica, encontrando-se assim ligada ao grupo étnico ao qual pertence.

É necessário perceber que o sujeito constrói e afirma a sua identidade quando começa a interiorizar dos seus valores e significados. Deste modo a identidade de determinado grupo nasce quando os elementos começam a criar afinidades com os lugares e objetos, apropriando-se dos seus valores e marcos históricos, transmitindo-os para as gerações futuras.

Bourdieu (1979) alude a que os processos construtivos das identidades sociais se encontram relacionados com a organização dos sujeitos e com os seus habitats, que por sua vez se encontram relacionados com práticas culturais e hábitos partilhados. A identidade e a memória reforçam-se mutuamente, Santos (2004) refere que para a definição da própria identidade cultural é necessário distinguir alguns princípios, como por exemplo os traços que marcam o indivíduo, não apenas em relação a ele próprio mas também em comparação com outras culturas, comunidades ou sociedades.

Souza (1995) cita que “a ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade” (Souza, 1995, p.84). Castilho, Arenhardt e Le Bourlegat (2009) explicam que a identidade de uma sociedade ou de um grupo social é compreendida a partir do seu território, uma vez que a mesma estabelece relações com a natureza, com o meio físico e com o património, sendo que por meio dessas relações se vai criando a identidade cultural.

A identidade social encontra-se relacionada numa das suas vertentes com as habitações, uma vez que as mesmas estão relacionadas com a cultura e hábitos de determinada comunidade como, por exemplo, influenciada pela atividade profissional. Existem autores que referenciam também o território como gerador de identidades, uma vez que é a partir do mesmo que a comunidade estabelece relações com o que o rodeia e cria a sua própria identidade.

Para Lorenç Prats (1997) o património é uma construção social, ou se se quiser cultural, uma vez que é uma idealização contruída. O que é considerado como património ou não, depende de um determinado grupo de pessoas, e do determinado período de tempo em que se encontram. Deste modo “toda a construção patrimonial é uma representação simbólica de uma dada versão da identidade “manufacturada” (...) o património cultural compreenderá

então todos aqueles elementos que fundam a identidade de um grupo e o que o diferencia dos demais" (Silva, 2000, p.219).

Neste sentido, Silva (2000) afirma que neste sentido, o que define o conceito de património é a sua capacidade de representar simbolicamente uma determinada identidade. Os símbolos são um veículo privilegiado de transmissão cultural, através do qual o homem mantém ligações com o passado. A autora refere que é devido a esta identidade passado-presente que as pessoas se reconhecem coletivamente como iguais, identificando-se com os restantes elementos do mesmo grupo ou diferenciando-os dos demais. Na opinião de Arévalo (2004) a construção da identidade e o valor atribuído ao património consistem em processos complexos que englobam aspetos tais como o enquadramento socioeconómico, a geografia, as contingências históricas e políticas, cruzando-se com aspetos subjetivos, tais como as experiências pessoais, os valores, as heranças culturais ou as referências simbólicas.

Os conceitos de identidade e de património, criam um sentimento de pertença em comum, representada simbolicamente por elementos imateriais e materiais que se foram construindo devido a vários fatores, tais marcos históricos, construções, entre outros, apresentados anteriormente. É relevante referir que o património é portador de identidade.

A Carta de Nairobi (1976) indica que para as populações que procuram preservar as suas verdadeiras dimensões culturais e identidades, é de grande importância a conservação dos conjuntos históricos, perante as despersonalizações e uniformizações recorrentes. Uma vez que nesses conjuntos históricos se encontram a expressão cultural e os fundamentos de determinada identidade, os mesmos são descritos de forma mais específica na Carta como:

Parte do ambiente quotidiano dos seres humanos, assegurando a presença viva do passado que os modelou, e que esses conjuntos garantem a variedade de enquadramentos de vida correspondentes à diversidade da sociedade e que, por isso mesmo, adquirem um valor e uma dimensão humana suplementar. (UNESCO, 1976, pag.1)

A mesma Carta alude à importância dos conjuntos históricos e dos seus enquadramentos, serem ativamente protegidos contra todo o tipo de



deteriorações, em particular aquelas derivadas de usos impróprios, as ampliações inconvenientes e as transformações abusivas. Considera-se que perante tais perigos de deterioração ou mesmo desaparecimento total, as entidades responsáveis devem atuar para salvar esses valores insubstituíveis que determinam a identidade de determinado conjunto histórico (UNESCO, 1976).

Atualmente sobre pretexto de modernização e expansão é notável que se realizam intervenções inapropriadas, que resultam em graves perdas no património e identidades das comunidades afetadas.

Silva (2000) afirma que o património se tornou uma forma de proteção de identidades locais, sendo a intensidade com que é reinventado proporcional à descaracterização operada pela globalização. Porém para a autora apesar da homogeneização de diversos aspetos do quotidiano, é visível a preocupação da reafirmação das identidades coletivas face às tendências de uniformização individual. Tais preocupações expressam um aumento da importância atribuída à prevenção do património, como elemento identitário e singular de cada local. Marques e Martin (2001) defendem também que as entidades responsáveis pelo desenvolvimento local devem ter em consideração a identidade cultural de cada comunidade nas estratégias a aplicar, protegendo-as da perda da identidade.

Pode-se afirmar que toda a cultura passa por processos de construção e desenvolvimento de significados económicos, sociais e culturais, que vem a ser internalizados pelos membros de determinado grupo ou sociedade, que deste modo vão construindo a sua própria identidade. Assim sendo, é de grande necessidade que se tenha em consideração nos projetos de intervenção a identidade cultural de específica identidade onde se vai intervir e que se a valorize, sendo que a mesma possui as suas próprias potencialidades e particularidades que podem servir como ferramentas para o desenvolvimento local.

Costa (2008) refere que a identidade de um bairro surge a partir de uma identidade coletiva, na sua obra menciona também que:

Nem todos os bairros populares possuem o atributo de históricos; são comuns os locais de habitação que não correspondem a redes densas e multidimensionais de relações sociais locais; em muitos espaços

residenciais não se forma uma identidade de bairro ou, de maneira mais genérica, uma identidade cultural (Costa, 2008, p.109).

Devido a tal fator, quando os bairros populares que possuem esses atributos devem ser protegidos e preservados, protegendo desta forma o património e a identidade das comunidades em questão.

Ferreira (2012) comenta que um dos maiores problemas que contribuem similarmente para as descaraterizações dos núcleos históricos, encontra-se associado à falta de normativas por parte das câmaras municipais. Nomeadamente contra a crescente especulação imobiliária, que tem vindo a surgir devido aos processos de expansão e desenvolvimento das cidades.

Um conjunto arquitetónico (...) sendo uma fonte documental para o entendimento da formação da cidade e de seus significados, contribuindo para a consolidação da história e memórias locais. E na área compreendida pelo tombamento não serão permitidas intervenções que descaracterizem o bem em nível urbano, arquitetónico e paisagístico. (Assis & Pereira, 1999, citado por Ferreira, 2012, p.4)

Entendendo-se que o que preserva a identidade de um bairro, é o que as pessoas fazem nele e a forma como se reveem no mesmo. O arquiteto Aires Mateus (2016) refere a importância e necessidade que "cada bairro seja autossuficiente, isso é essencial para criar a ideia de identidade e estabelecer relações mais fortes entre as pessoas, fazendo a cidade ganhar coerência e qualidade de vida" (Mateus, 2016, p.1).

É necessário consciencializar as comunidades locais da importância de preservar o património onde habitam e se identificarem perante o mesmo, reconhecendo-o com um lugar de memória, que teve o seu contributo para a história e desenvolvimento da cidade, devendo assim ser devidamente protegido. Por isso, é necessária uma maior atenção por parte das entidades municipais neste sentido, uma vez que estes núcleos patrimoniais nem sempre são salvaguardados.

No caso do Bairro da Barreta em Olhão, o Plano de Pormenor da Zona Histórica tem como principal objetivo, possibilitar o crescimento do Centro Histórico de

forma a atrair mais residentes, permanentes ou temporários. Porém teve o parecer desfavorável da Direção-Geral do Ordenamento do Território e algumas reservas por parte da Direção Regional da Cultura do Algarve, no que diz respeito às medidas de salvaguarda aplicadas ao património. O gabinete de arquitetura que ficou encarregue de elaborar o Plano de Pormenor, definiu-o como um Plano de Reabilitação e não como um Plano de Salvaguarda da Zona Histórica. Porém a Direção Regional da Cultura do Algarve, revela que o Plano de Pormenor que atualmente se encontra em vigor, faz com que se perca a unidade e identidade do conjunto histórico em questão. Rui Parreira diretor dos Serviços de Bens Culturais, recomenda que seja aplicado um novo procedimento de classificação com mais definições e restrições aos edifícios da Zona Histórica de Olhão, com o intuito de proteger a identidade e o património (Público, 2016).

Os residentes do bairro piscatório, mesmo os mais recentes, referem que o Plano de Pormenor para a Zona Histórica de Olhão gera muitas críticas, e apelam a que o centro histórico não seja apenas mais uma atração turística. Os moradores são da opinião que se deve melhorar, mas não destruir e sublinham ainda a singularidade do lugar. O Público (2016) cita Eleonore Lefebure, arquiteta de profissão e residente no Bairro da Barreta, que anteriormente habitava em Nova Iorque com o seu marido, também arquiteto. Ambos apreciam enormemente o aspeto tradicional por se sentirem integrados numa comunidade real e não numa cidade para o turista. A arquiteta refere ainda que o centro histórico é único e deve ser preservado, menciona que será desastroso se começarem a aumentar a cêrcea dos edifícios, a alterar as volumetrias ou as características típicas da zona (Público, 2016).

O historiador Horta Correia, catedrático da Universidade do Algarve, na sua entrevista para o Jornal Público, chama a atenção para Filipe Monteiro, um arquiteto que de há cerca de 12 anos tem desenvolvido o seu trabalho na recuperação do património, trabalho esse importante uma vez que tem vindo a despertar o interesse dos moradores do bairro. O historiador menciona que ao longo dos anos se tem revoltado contra a forma que o património tem vindo a ser desprezado ou mal tratado, dando como exemplo as “casas que estavam forradas a azulejos estão a ser pintadas de branco” (Público, 2016, p.14). Após passar por uma habitação reabilitada por Filipe Monteiro, elogia “isto sim, gosto - recuperaram a fachada, mantiveram as portas de madeira e até a cor está conforme o original” (Público, 2016, p.14). O historiador sublinha a importância do bairro ser preservado como está, sem haver necessidade de

inventar. Alude ainda que cada vez que se realiza uma intervenção no Bairro piscatório da Barreta pensa que mais uma vez existe a tentação de apagar o passado, relembra que a alma do bairro são os pescadores (2016, Público).

Por sua vez o arquiteto Filipe Monteiro, alerta para os perigos da especulação imobiliária, que pode resultar na perda do património. O arquiteto refere que “para uma habitação que há três ou quatro anos não custava mais de 50 mil euros, já pedem 100 ou 150 mil euros” (2016, Público, p.15).

É notório desta forma que vários são os fatores podem provocar a perda de identidade de uma comunidade. Atualmente a identidade de certos bairros populares, encontra-se ameaçada por vários fatores, porém as comunidades não devem possuir uma atitude passiva devendo-a proteger.

### 3. CONTEXTUALIZAÇÃO



### 3. Contextualização

Neste capítulo serão desenvolvidos distintos subcapítulos que servirão para contextualizar este trabalho. Numa primeira fase será estudado o desenvolvimento urbano de Viana do Castelo, seguindo-se a relação de Viana com o mar e a importância do seu porto. Também se irá analisar a pesca e os pescadores de Viana, desde a idade média até meados do século XX, a evolução das habitações dos pescadores da Ribeira e por fim o enquadramento legislativo da reabilitação urbana de Viana do Castelo.

#### 3.1 Desenvolvimento urbano de Viana do Castelo

O que originou a formação do aglomerado de Viana segundo Arieira (2009), foi a ocupação romana do século II a. C. O acontecimento levou à fragmentação do núcleo do povoado castrense que ocupava o topo da montanha de Santa Luzia, fazendo com que esse povoado descesse para a encosta.

D. Afonso III, quinto rei de Portugal, reinou segundo uma política de criação de novas povoações e de estruturação de redes urbanas nacionais, devido às influências do período em que residiu em França (Teixeira, 1999).

Nesse sentido o rei fundou Viana, tendo sido acompanhada pela emissão de uma carta foral, da qual se tem conhecimento de duas versões, a primeira datada de 1258 e a posterior de 1262, sendo esta última a definitiva. A intenção de D. Afonso III era atrair moradores que se encontravam dispersos e criar uma consolidação urbana, oferecendo privilégios e regalias aos moradores. O objetivo para a fundação desta vila era desenvolver um local de importância marítima e mercantil, devido às favorecidas condições geográficas (Arieira, 2009).

O burgo vianense constitui uma fundação de raiz, uma vez que não houve uma ocupação urbana anterior, tendo apenas existido uma pequena comunidade piscatória, referida em documentos medievais, conhecida como São Salvador do Átrio, sem relevância urbanística (Leal, 2001). Arieira (2009) também refere essa comunidade mencionando que era um dos aglomerados originais, conhecido como o da Foz, sendo anterior a 1258, onde foi construída uma pequena capela, denominada como São Salvador do Átrio. Porém que a mesma não tinha as condições precisas para os interesses do rei, uma vez que

tinha a ambição de um centro comercial e marítimo, à imagem do resto da Europa.

Em relação aos eixos estruturantes e ao traçado ortogonal da vila, Arieira (2009) menciona que “visavam a adopção pragmática de princípios de regularidade e geometrização no traçado da cidade, com o objectivo de tornar os processos de arruamento de divisão da terra e do povoamento o mais racional e eficazmente possível” (Arieira, 2009, p.28, 29).

O autor refere que numa primeira fase, foram construídos 5 quarteirões de formato retangular de dimensões idênticas (17,6 por 104,5 metros), sendo que a maior dimensão era paralela ao rio. Poderá nesta fase ter sido amuralhada, porém só no final do século XIV durante o reinado de D. Fernando, é que se concluiu a muralha de formato oval, envolvendo uma área mais alargada. Durante o século XIV a muralha teve um papel bastante importante para a concentração urbana.

Na Fig.20 é representada a muralha da Vila de Viana do século XVI, onde se encontram representados os eixos estruturantes, as quatro portas da muralha da vila de Viana e os locais de maior importância da época (Leal, 2001).

Deste modo o eixo estruturante A – B é referente à Rua Grande e o segundo eixo C – D é alusivo à Rua da Picota.

As quatro portas da muralha representadas na Fig.20 são as seguintes: A: Porta de S. Pedro; B: Porta da Ribeira; C: Porta do Postigo; D: Porta de Santiago.

Por fim também são assinalados os locais de maior importância, sendo os mesmos: E: Campo do Forno; F: Matriz; G: Praça Velha; H: Hospital Velho; I: Praça da Erva (Leal, 2001).

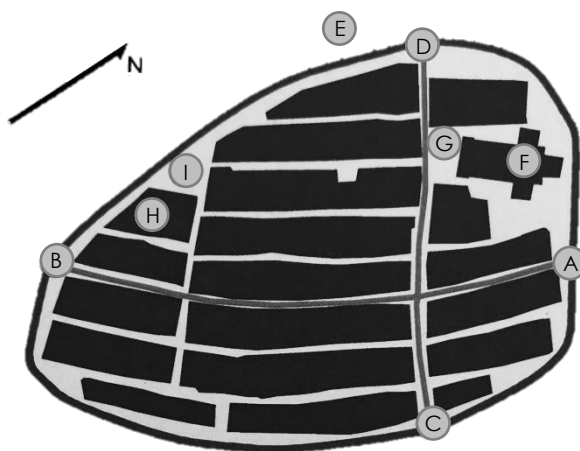


Fig.20 - Muralha da vila de Viana no século XVI



Moreira (2005) indica que a muralha era composta por quatro panos, os muros variavam em largura entre os 2,20 e os 2,60 metros, a altura rondava os 12 metros e o seu perímetro tinha cerca de 665 metros. Faz ainda uma descrição mais pormenorizada das portas que será utilizada para complementar o trabalho de Leal (2001) anteriormente referido. Refere assim que existem algumas dúvidas em relação aos verdadeiros nomes das quatro portas. A porta mais importante situava-se a sul voltada para o cais, sendo que era por esta porta que entravam as pessoas mais importantes que visitavam a vila, possuía também um postigo que consistia numa pequena porta que se situava do lado direito da entrada, utilizada pelos guardas para a realização das vigias. Esta porta principal terá sido conhecida como a Porta de São Crispim ou por Porta do Cais (Moreira, 2005).

A porta voltada a norte, foi batizada como a Porta de Santiago uma vez que a sua orientação correspondia a Santiago de Compostela em Espanha, era por essa porta que os peregrinos saíam, a mesma encontrava-se alinhada à anteriormente referida. Também se conhece a existência de outros nomes utilizados pelo povo para esta mesma porta, como por exemplo a Porta do Campo de Forno ou também como a Porta de Santo António (Moreira, 2005).

A porta a nascente é a que mais dúvidas suscita, uma vez que Caldas (1900) se refere à mesma como a Porta das Atafonas ou também como a Porta de S. Pedro. Leal (2001) vai ao encontro do autor anteriormente referido mencionando-a como a Porta de S. Pedro, porém Moreira (2005) refere-se à mesma como: Porta Senhora da Piedade, Porta do Sol ou como Porta da Igreja Velha.

A porta orientada a poente segundo Moreira (2005) era conhecida como a Porta da Ribeira ou Porta de S. João, sendo este nome associado ao santo padroeiro da zona.

Viana possuía uma posição geográfica favorável em relação com o mar, sendo que deste modo os descobrimentos tiveram uma grande influência na cidade, uma vez que o porto de Viana tinha uma grande importância. A capacidade de frota dos vianenses era impressionante como refere Moreira (2008), aludindo a que era superior a meia centena de navios de alto-bordo, com cerca de cinco centenas de marítimos, entre eles mestres, marinheiros, marantes e grumetes. Contudo, enquanto os vianenses se aventuravam nas expedições, a vila era invadida por Alemães, Ingleses, Franceses e Flamengos. O autor refere que este número de estrangeiros na vila era um dado

interessante para a época em que se vivia. Menciona também que, em números e capacidade financeira, a vila de Viana igualava o Porto e Lisboa.

Porém enquanto grande parte dos Vianenses se aventuravam na era dos descobrimentos, existiam alguns problemas na vila derivados em grande parte da pirataria, que não permitiam o alargamento do perímetro urbano. Para se conseguir ultrapassar essa dificuldade, o município com a colaboração do rei construíram uma muralha citadina para melhorar a defesa. Esta época também ficou marcada devido a novas construções, como por exemplo a Câmara Municipal, a Matriz Nova, o hospital, a alfândega e os primeiros Estaleiros Navais de Viana. O que sinalizava a evolução da vila, resultado de riquezas provenientes das expedições e da preocupação da defesa das suas gentes (Moreira, 2008).

Viana quatrocentista apresenta as suas primeiras ramificações, como é visível na Fig.21, sendo o início da expansão do núcleo central.

Reis (2008) menciona que era impensável que o cais se situa num ponto diferente daquele em que se encontrava, devido à sua proximidade da alfândega e à porta principal da muralha. Foi uma peça essencial na construção urbana da cidade, visto que era um ponto-chave da vida económica. O autor cita ainda que “este apresentava uma grande importância para a cidade, digamos que o cais estava para a cidade como o açúcar brasileiro estava para os Vianenses” (Reis, 2008, p.23).

A relação entre Viana e o mar sempre foi de grande intensidade, refletindo-se em todos os setores de atividade marítima desde a atividade piscatória, o transporte de mercadorias e a construção de navios. Estes tempos de excelência aconteceram durante o século XV prolongando-se até meados do século XVI, com um porto onde atracavam centenas de navios que operavam em grandes rotas marítimas, era o tempo em que Portugal se destacava na descoberta de novos territórios e estabelecia uma intensa atividade comercial (Meira, 2016).

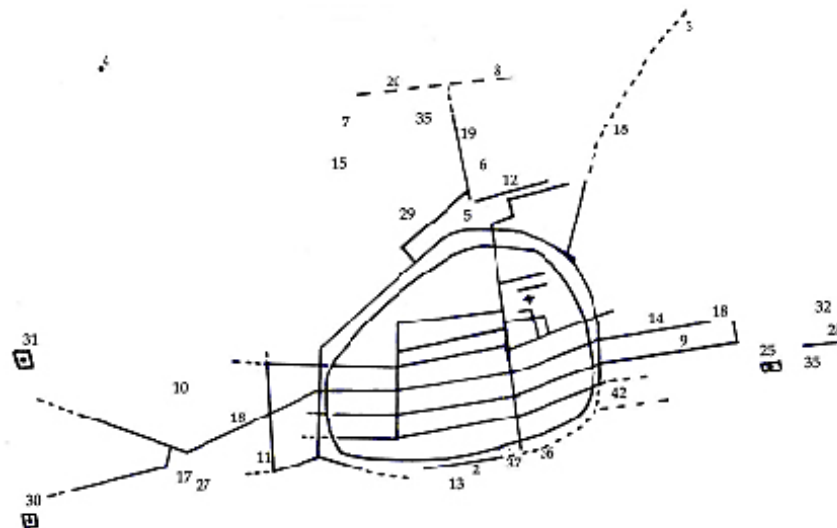


Fig.21 - Planta de Viana Quatrocentista

## Legenda:

- |                                           |                                                       |
|-------------------------------------------|-------------------------------------------------------|
| 2- Muralha Dionísio-Fernandina;           | 18- Eixo viário inter-igrejas (Átrio-Vinha-Meadela);  |
| 3- Póvoa de Abelheira;                    | 19- Rua da Oliveira                                   |
| 4- Póvoa da Portela;                      | 21- Azinhaga do Sol-Nascente;                         |
| 5- Arrabalde dos Fornos;                  | 26- Igreja Paroquial do Salvador;                     |
| 6- Campo de Oliveiras ou Fagundes;        | 27- Fonte de Manjovos ou tornos;                      |
| 7- Campo do Cónego Sandomingos;           | 28- Fonte de Gontim;                                  |
| 8- Pinhal de Valverde;                    | 29- Casa do Cónego Sandomingos;                       |
| 9- Arrabalde da igreja-velha ou Caleiros; | 30- Capela de Santa Catarina;                         |
| 10- Arrabalde do Cortinhal;               | 31- Capela de São Sebastião;                          |
| 11- Arrabalde da Ribeira;                 | 32- Acesso à fonte de Gontim e Ameal;                 |
| 12- Cangosta da Bemposta;                 | 35- Rego de água: Povoença – Campo do Forno;          |
| 13- Cais e Alfândega;                     | 36- Portinholas do Postigo;                           |
| 14- Sítio das Atafonas;                   | 37- Torre e Porta do Cais ou S. Filipe ou S. Crispim. |
| 15- Campo do Oleiro;                      | 42- Torre do Pombal.                                  |
| 17- Sítio das Fontainhas;                 |                                                       |

Por volta de 1440 deu-se início à construção de feitorias portuguesas e também se iniciava o comércio de escravos. Nesta época os portos eram pequenos e feitos de forma rudimentar, porém na época de quinhentos a vila de Viana antecipou-se ligeiramente em comparação ao resto do país. O primeiro cais foi construído de forma simples, que consistia em estacas de madeira colocadas junto à margem do rio, onde atracavam barcos de pequeno porte e de pesca. Durante o reinado de D. João I foi construída uma zona franca à

entrada da barra e abriu-se do porto a barcos de grande porte, originando um problema uma vez que o cais era pequeno, sem condições para receber tais embarcações. Posteriormente foi construído o novo cais, porém houve um problema relacionado com impostos, que Viana protestou às cortes de Lisboa, que só após 15 anos foram atendidos. Desta forma os navios que entrassem no cais deveriam pagar um imposto por tonelada, esse dinheiro serviria para permitir obras de melhoramentos, fazendo com que o cais fosse cada vez melhor. No início do século XVI devido às preocupações com a melhoria do cais, foram apresentados novos projetos, que chegaram mesmo a ser executados. Em Maio de 1516 a câmara declarou "(...) q o braso do cais se corrija e alise de maneira q possam fazer carregamentos e descarregamentos os mercadores" (Câmara, 1516, citado por Meira, 1984, p.15).

D. Manuel I rei de Portugal desde 1495, outorgou um novo foral à vila de Viana em 1512, uma vez que o mesmo considerava Viana um núcleo dinamizador do comércio marítimo (Sousa, 2000).

O rei deixa a sua marca nos forais, impondo a normalização dos mesmos e a unificação do sistema municipal (Peixoto, 2008). Desta forma o rei enfraqueceu o poder dos municípios, criando desta forma um poder absoluto, estratégia que fez com que a carta perdesse os seus princípios (Sousa, 2000).

Uma das alterações realizadas pelo rei era relativamente às portagens, sendo que as mesmas se estendiam por todo o reino. Em relação a Viana as pessoas de fora da vila que traziam coisas para vender ou comprassem bens, não sendo moradores ou residentes dos arredores deveriam pagar os seguintes valores: carga maior (carga de besta muar ou cavalar) – 10 arrobas; carga menor (carga de asno) – 5 arrobas; costal (metade da carga menor) – 2.5 arrabes (Foral de D. Manuel I, citado por Peixoto, 2008).

D. Sebastião entre 1566 e 1586, ordena a construção de um pequeno forte, de formato retangular, em volta da roqueta, tendo como função defender os navios (Moreira, 2005). Deste modo, Vasco Barbudo emissário real, chega a Viana em 1566, trazendo consigo um projeto e condições financeiras para a construção da fortaleza. Em 1569 a construção foi concluída em termos de amuralhado, contudo só em 1572 é realizada a abertura das trincheiras e do fosso, ficando, desta forma, realmente concluída a Fortaleza de Santiago da Barra (Reis, 2008).

Em 1609 a câmara realizou a construção de um cais, para os barcos vindos do lado de Ponte de Lima. A realização desta obra surge também, devido a uma visita real que se iria realizar nesse ano (Moreira, 1984).

Anos mais tarde houve a necessidade de construir mais um porto, contudo desta vez na margem esquerda do rio Lima, ao que foi atribuído o nome de cais de S. Lourenço. Posteriormente em 1647 chegou a autorização real para a construção do cais de S. Bento (Reis, 2008).

A transição para o século XVIII não foi favorável para os vianenses, segundo Reis (2008) "a vila evoluía normalmente, porém surgem problemas de ordem económica que fazem afastar as melhores expectativas. Retrocedendo um pouco no tempo, e situando-nos na segunda metade do século XVII (...) a vila sofreu uma forte emigração para o Brasil" (Reis, 2008, p.43).

É no início do século XVIII que a crise começa a dar sinais de melhoria, porém estava "longe de o comércio vianês atingir os volumes, na exportação de vinhos, registados com o açúcar Brasileiro" (Fernandes, 1999, citado por Reis, 2008, p.43).

Em Janeiro de 1848, D. Maria II assina a carta régia, onde refere que:

Atendendo a que a Vila de Viana do Minho possui os elementos e recursos necessários para bem sustentar a categoria de cidade, derivados da sua extensão e vantajosa posição topográfica, da riqueza e importância comercial e da qualidade dos edifícios de que é composta (...) Hei por bem e me praz, que a Vila de Viana do Minho fique erecta em cidade com a denominação de Cidade de Viana do Castelo. (D. Maria II, 1848, citado por Olhar Viana do Castelo, 2014, p.1)

Assim sendo com a carta régia anteriormente apresentada, em 20 de Janeiro de 1848 a vila de Viana foi elevada para a cidade, passando-se a chamar Viana do Castelo.

### 3.2 Viana e o mar

O porto de Viana era considerado um porto bastante ativo, devido à regularidade de entradas e saídas de produtos. Meira (2016) refere que tal fator se traduzia na criação de mais riqueza para a população da região. Apostou-se também na criação de atividades paralelas, tais como a pesca e a construção naval, que originaram um impulso na atividade económica da zona. Viana, ainda como vila, teve os seus tempos de glória.

A Viana doutros séculos são as casas apalaçadas e as grandes firmas mercantis, os cônsules estrangeiros, os barcos e companhias de comércio portuguesas e estrangeiras. São também as quintas, os vinhedos, as adegas dos grandes proprietários e senhorios laicos e eclesiásticos do interior rural e, com eles, os grandes negociantes contratadores de import/export, bem como os almocreves e vendedores de feira, que articulam os espaços e as economias, fazendo a economia girar e funcionar. (Capela, 1997, p.111)

No entanto o porto de Viana não acompanhou a evolução dos tempos, tendo deixado deste modo de ter condições para receber os novos navios que eram cada vez maiores e mais profundos. Foram várias as décadas em que se clamou por obras, porém de nada adiantou. No decorrer do século XIX, vários foram os projetos apresentados para a construção de um novo porto que servisse a região de Viana, as entidades locais acabaram por sensibilizar o governo central, onde o mesmo redigiu a carta de lei 21/07/1852, tendo como instrumento orientador o projeto do engenheiro João Tomás da Costa. As obras foram iniciadas em meados do século XIX, onde ocorreram diversos contratemplos de ordem técnica, o que obrigou a estudos complementares, o que terá levado também a uma insuficiência financeira, que tenha feito com que as obras só fossem concluídas a 14 de Julho de 1898 (Meira, 2016).

Viana do Castelo terá ficado assim servido com uma:

Doca de flutuação (Doca da Dízima) com um desenho trapezoidal, com o comprimento de 300 metros (terminava no enfiamento da Rua do Gois Pinto) e, de largura, 43,6 metros a nascente e 73,9 metros a poente, com uma superfície total de 17,910 metros quadrados, e apta

a receber cerca de 30 navios, através de um canal de acesso com 195,35 metros de comprimento e 19 a 26 metros de largura, e ainda uma eclusa de 126,05 metros. (Meira, 2016, p.154)

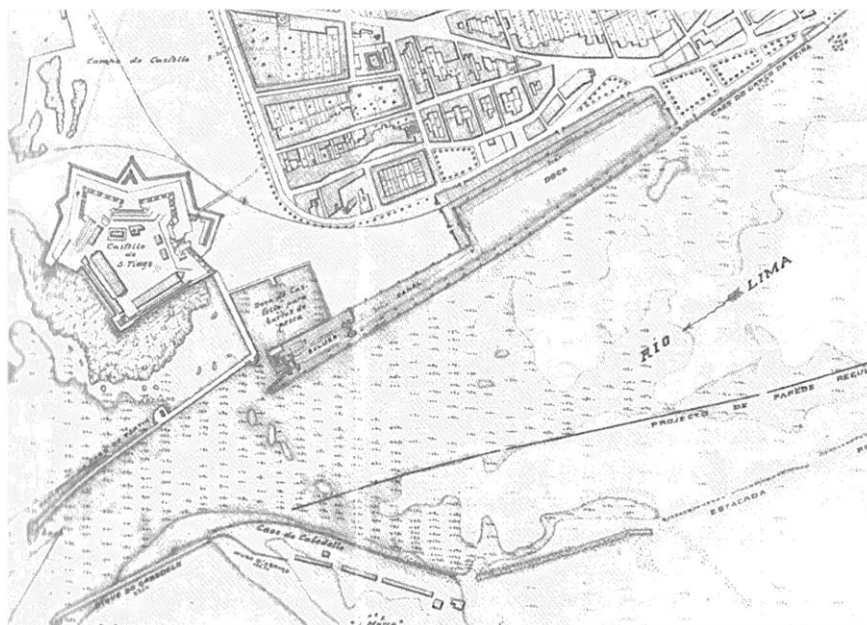


Fig.22 - Planta do porto, após as primeiras obras

Porém os especialistas durante a execução do projeto não tiveram em atenção os movimentos das areias, no canal de acesso à doca, principalmente das areias que vinham rio abaixo, muito devido às erosões dos solos marginais. O Padre Chaves alude que “Viana era uma barra de areia, a pior de todas as barras, incorrigível por mais obras que lhe façam” (citado por Meira, 2016, p.159).

O jornal “A Aurora do Lima” escreveu em 1927 que “o porto mar não pode continuar assim, quasi abandonado. É preciso que para ele se olhe com benevolência, com amor. Dê-se-lhe aquilo a que tem incontestáveis e legítimos direitos adquiridos” (citado por Meira, 2016, p.156). Meira (2016) refere que o jornal também aludiu à importância do porto de Viana, sendo que teria tido um dos melhores da península e que ainda era possível que o mesmo voltasse aos seus tempos de glória. A Associação Comercial também tinha acabado de enviar uma exposição ao Ministério do Comércio, manifestando a sua grande preocupação com o porto.

Nessa época também se encontrava em discussão a construção da linha ferroviária do Vale do Lima, algo que era visto como de grande importância

para impulsionar o desenvolvimento da região. Desta forma esse desenvolvimento tinha duas frentes, “ um porto de mar desassoreado e de entrada franca para os navios com a dimensão e o calado previsto aquando da construção do mesmo, e a instalação do caminho-de-ferro do Vale do Lima” (Meira, 2016, p.157).

Vilaça (1932) refere que Henrique Assunção foi o engenheiro diretor do projeto definitivo do porto de Viana, o mesmo propôs algumas alterações, considerando-as de maior importância para o futuro desta estrutura portuária. As obras foram iniciadas a 23 de Agosto de 1931, no qual constavam as seguintes obras no projeto:

Ampliação da doca de flutuação existente, com extensão de 180 metros, para passar a contar com 474 metros de comprimento total e a largura máxima de 100 metros no seu topo, ficando com espaço suficiente para operacionalizar no seu interior qualquer navio de 4 a 5 mil toneladas (...) uma nova eclusa de acesso à doca de flutuação (...) com o comprimento total de 126 metros e a largura mínima de 16 metros. O comprimento livre entre comportas será de 95 metros, suficiente para os maiores navios que acedam ao porto (...) escavação de um canal de acesso a permitir o ingresso, pelo norte do Cais do Fortim, à doca de marés e à eclusa, com uma cota de fundo prevista também a 4 metros abaixo do zero hidrográfico, permitido a navegação (...) a navios com 20 pés. Escavação do ante-porto, tendo como função permitir à navegação que ingresse na doca de flutuação através da eclusa, as necessárias evoluções que a encaminhem para o eixo do canal. Prolongamento do cais do Fortim numa extensão de 81 metros, com a finalidade de (...) evitar que as areias que ele transportava venham assorear o ante-porto. Além das obras descritas, que faziam parte da empreitada, estava projectado o porto de pesca praia de Salva-vidas – onde mais tarde se construíram os ENVC (Meira, 2016, p.160,161).



## PROJECTO DAS OBRAS DO PÔRTO DE VIANA-DO-CASTELO

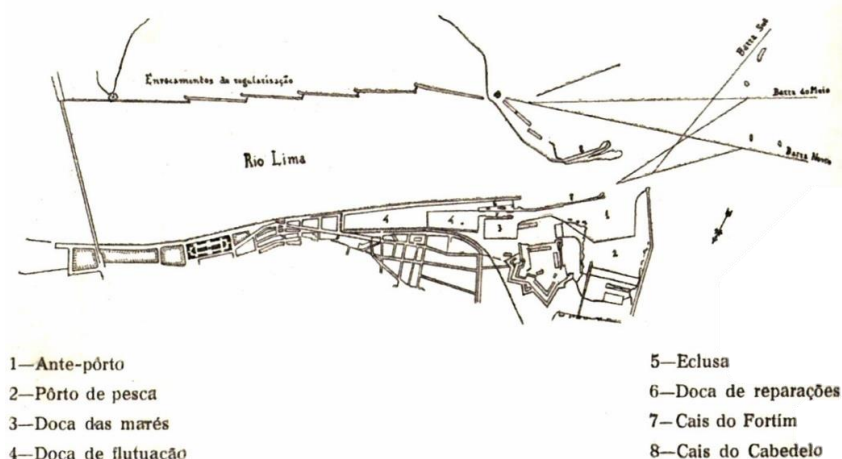


Fig.23 - Construção do atual porto de Viana

O princípio estabelecido para a localização do porto de pesca era derivado a necessidade de se encontrar o mais possível afastados da parte destinada ao porto comercial, uma vez que a pesca era uma atividade geradora de sujidades, que necessitava ter um contacto direto com o mar para poder transportar mais facilmente para o alto mar os detritos de peixe em mau estado. No entanto, este porto de pesca teve a utilização de cerca de 4 anos, uma vez que em 1994 ali se construíram os ENVC. Devido a esse fator, os barcos de pesca artesanal, passaram a utilizar a doca de marés, previstas para a acostagem de pequenos navios veleiros de cabotagem (Meira, 2016).



Fig.24 - Espaço destinado aos barcos de pesca artesanal, após 4 anos instalaram-se aqui os ENVC.

Os atuais Estaleiros Navais de Viana do Castelo (ENVC), nasceram na vigência da política do Estado Novo. Sempre foram impulsionadores da vida económica da cidade, uma vez que foram a maior e mais importante empresa vianense (Abreu, 2004).

### 3.3 A pesca e os pescadores de Viana

Neste subcapítulo será analisada a pesca e os pescadores de Viana, relativamente às artes, aparelhos e instrumentos de pesca, as condições sociais dos pescadores e por fim a evolução do bairro e das habitações dos pescadores da Ribeira.

A atividade comercial de Viana, mormente na época dos descobrimentos vem já sendo repetidamente enaltecida (...) Mas o que vem sendo de um modo geral esquecido (e na época dos Descobrimentos também) é o esforço do homem concreto, anónimo e humilde: numa vila/cidade marítima-fluvial, que faziam, que peso ou importância tinham esses outros embarcos que não partiam para longes terras? (...) Qual era a importância, a atividade, a vida dos pescadores. (Abreu, 2004, p.219)

Já antes da concessão do foral ocorriam atividades fluviais e marítimas, havendo mesmo a possibilidade da existência da atividade de salicultura. No século XII Santa Maria de Darque, “pagava ao arcebispo de Braga “massa de pez” (indicador de construção naval) e S. Cipriano (que poderá ter ficado pelas imediações) “I modium de piscato” (Costa, 1959, p.121).

Entre os anos de 1220 e 1258, em Castelo de Neiva, existiam 18 casais que pagavam de foro 105 congros de 6 palmos, sendo que desenvolviam similarmente atividades agrícolas uma vez que os mesmos pagavam também foros de trigo e linho. Santa Maria de Darque registava uma atividade pesqueira ainda mais intensa, pagando 500 congros de foro, a carta foral referia a importância de peixes “ “de fora parte porá Viana” (...) também desenvolviam a pesca fluvial, já que um casal havia que de direitura pagava em 1220 e 1258 1 lampreia (juntamente com 5 capões, 100 ovos e 2 soldos, e, de foro, 10 moios de cereal) ” (Abreu, 2004, p.221).

Porém as localidades referidas anteriormente, Castelo de Neiva e Santa Maria de Darque, apenas começaram a integrar o território vianense a partir do ano de 1836. Contudo no território vianense, antes da concessão foral também se distinguia a prática de atividades comerciais-marítimas da pesca. Posteriormente também são referidas inquisições à pesca de camboa

realizada pelos vianenses, uma vez que os mesmos se encontravam isentos de impostos de acordo com a carta foral (Abreu, 2004).

Frei Luís de Sousa em 1619, alude que no final do século XVI a pesca era uma atividade alternativa, em relação ao comércio marítimo "havendo oitenta barcos de pescadores naturais, cinquenta anos atrás, que se contentavam com o pão de cada dia, ganhando com pouco suor nas pescarias de perto e ao longo da costa, hoje não há nenhuma" (Sousa, 1619, p.130). Deve ter-se em consideração que as atividades pesqueiras não desapareceram totalmente, porém em épocas de recessão económica as mesmas eram consideradas uma atividade alternativa, abandonadas em fases de recuperação económica. A vila de Viana tornou-se assim uma terra de emigração, uma vez que era gente vinda de fora que se dedicava a essa atividade que os vianenses abandonaram. Sabe-se que no século XVI se terão instalado alguns pescadores galegos na vila (Abreu, 2004). Contudo Moreira (1985) refere que o número de pescadores galegos não era suficiente para ser considerado uma colónia.

Uma prova da prática da atividade pesqueira realizada pelos vianenses, foram os protestos realizados em 1569, contra os pescadores de cangas encontrados a pescar em águas nacionais (Moreira, 1985).

No século XVII com a crise generalizada do comércio vianês, foi-se formando em Viana uma colónia piscatória (Moreira, 1985). No entanto por todo o litoral português fazia-se sentir a ignorância e a pobreza dos pescadores:

Que não podiam dispor de aparelhos de pesca apropriados, (...) foram causa da profunda "decadência" em que reconhecia estarem as pescarias portuguesas um alvará de D. Maria I (...) de 1787, que por isso concede amplas isenções e privilégios aos pescadores, o que se repete em 1802. (Silva, 1891, citado por Abreu, 2004, p.225)

Abreu (2004) refere que segundo Amadeu Costa, foi nesta época que se instalou em Viana uma colónia de pescadores galegos refugiados. Que se alojaram em quarteis na rua do Loureiro, sendo também daí que descendem variados apelidos atuais de pessoas do Bairro da Ribeira, como por exemplo "Machado, Lomba, Chavarria, Vaz, Peres" (Abreu, 2004, p.225).

Desde o início do século XIX a pesca progrediu, o porto de Viana produziu mais

do que o dobro do valor gerado por Caminha, pelo menos até ao ano de 1856. Desta forma, foi notável nesta época, uma situação inversa àquela a que os vianenses estavam habituados, grande parte do produto da atividade piscatória foi exportada para o exterior de Viana e Caminha, sendo também exportado para a Galiza em estado fresco (Coelho, 1861).

O mesmo autor alude que este avanço foi devido a "virem estabelecer-se n'esta localidade muitos pescadores gallegos n'estes últimos anos. É a eles que se deve este incremento pelo auxilio que prestam com os seus barcos e pessoas" (Coelho, 1861, p.105). Refere ainda que em 1860 Caminha ultrapassava Viana, uma vez que possuía 204 pescadores de mar (69.6% do total do distrito) e 442 do rio (37.2%) em comparação a 89 pescadores vianenses no mar (30.4%) e 23 no rio (1.9%). Em 1885 é registado que Viana possuía apenas 384 pescadores, menos de 1/3 do número de pescadores de Caminha, contudo em 1889 houve uma reviravolta e passaram para 1864 os pescadores vianenses (Coelho, 1861).

| ano  | população da cidade | pescadores | %.  |
|------|---------------------|------------|-----|
| 1859 | 7534                | 112        | 1.5 |
| 1864 | 9236                | —          | —   |
| 1878 | 8816                | —          | —   |
| 1890 | 9682                | —          | —   |
| 1900 | 9851                | 616 (a)    | 6.3 |
| 1911 | 10486               | —          | —   |
| 1920 | 10717               | —          | —   |
| 1930 | 11544               | 857 (a)    | 7.4 |
| 1940 | 13869               | 705        | 5.1 |
| 1950 | 14023               | 728        | .2  |
| 1960 | 14371               | 451        | 3.1 |
| 1970 | 12490               | —          | —   |
| 1981 | 15447               | —          | —   |

Fig. 25 – Tabela de percentagem dos pescadores de Viana / (a) junto com a caça

Durante o século XX as atividades piscatórias de Viana mantêm-se ativas. Em 1930 a indústria da pesca é uma das melhores fontes de riqueza, destacando-se a pesca da sardinha, sendo uma das mais importantes e valiosas (Abreu, 2004).

### 3.3.1 A pesca – artes, aparelhos e instrumentos

Os pescadores vianenses que realizavam as suas atividade no mar, dedicavam-se à pesca do congro, pescada, mureia, pargo, sardinha,

chicharro, cavala, robalo, solha, goraz, ruivo, cabra, raia, cação, pregado, cascarra, entre outros de menor importância. Por sua vez os pescadores do rio, dedicavam-se à pesca da lampreia, sável, boga, truta, relhos, escalos, chaliços, linguado e também a alguns outros de menor relevância (Abreu, 2004).

Por volta do ano 1258, é descrita a pesca de camboa, conhecida como “camboa pedrino”, neste caso o termo “pescam” não era muito utilizado mas sim o termo “o peixe aí morre”. Tal fator deve-se às camboas serem realizadas pelo:

Aproveitamento de certos aglomerados de penedia da costa marítima (...) complementados com muros de pedras soltas (...) alagadas na preia-mar e por isso aí entram espécies costeiras com o fluxo da maré. Na baixa-mar, ficam (...) cercadas e à maré de captores, quando mesmo não a seco. (Abreu, 2004, p.245)

O autor refere ainda que as camboas se mantiveram até o século XIX, no local onde se instalaram os atuais estaleiros navais de Viana.

Neves (1972) menciona que no litoral os polvos eram caçados com o auxílio do bicheiro, que consistia num gancho de ferro agarrado a uma vara. No caso de Carreço também se pescavam congros, com um aparelho chamado de torta, que era formado por uma vara com um pedaço de arame grosso, dobrado num ângulo quase reto, não existindo desta forma a necessidade de entrar dentro da água. Também se pescavam em Carreço robalos, a partir de um rochedo ou a bordo de um barco, lançavam a linha com um arame zincado que ficava praticamente à superfície da água.

Sendo que o congro, a moreira, o pargo e a pescada são peixes do alto (mar), acredita-se que na idade média terão sido usadas artes e aparelhos do alto para os capturar. Contudo em relação ao cação, ao chicharro, à cavala, ao goraz e ao ruivo, estes deviam ser capturados por meios normais. No caso do pargo era apenas pescado com anzol e a sardinha apanhada por redes de emalhar (Silva, 1891).

Mais tarde no século XIX, Silva relata que para a pesca do alto existiam:

Três tipos de redes de emalhar permanentes ou de fundo, e que são a rede volante ((...) usadas em Viana), o zangarelho, a rasca e a

petisqueira, e dois tipo de rede de emalhar flutuante , que são a rede da sardinheira e o ganapão. (Silva, 1891, citado por Abreu, 2004, p.247)

Os poderes públicos estavam preocupados com as dimensões das malhas das redes, pretendiam deste modo salvaguardar a sobrevivência das espécies. Posteriormente surge a 17 de Janeiro de 1863, uma portaria que proibiu as redes de arrasto de malha miúda, uma vez que estas eram prejudiciais para a criação do peixe. Também em 1867 surge uma nova portaria que proíbe as redes de arrasto e varreduras, mas apenas a cinco léguas de distância das bocas dos rios ou das costas. Contudo em 1891 surge um novo regulamento de pesca, que proíbe de forma definitiva a utilização das mesmas (Silva, 1891).

Em relação às embarcações, em 1573 os marítimos de Viana possuíam com instrumento de trabalho as chiolas e as pinaças. Acredita-se que a pinça tenha sido na idade média o barco mais corrente para a realização da atividade piscatória (Abreu, 2004).

Em Viana no início do século XIX, existiam 10 lanchas, sendo que no final do século havia em Carreço 20 maceiras, sendo que em Viana 9 lanchas e 90 barcos (Silva, 1891).

Há conhecimento de dois tipos de lanchas nas proximidades, sendo elas a de Caminha, apesar de terem sido construídas em Vila Praia de Âncora. Que tinha a seguinte composição:

De 8 a 10m de comprimento de quilha, cerca de 3m de boca, 1m de altura entre a bancada e a face superior da caverna, e tendo a meio uma pequena cobertura com cerca de 1.80m de comprimento destinada a abrigo e guarda da roupa da tripulação. Possui um único mastro, onde se iça a verga de um grande bastardo. (Abreu, 2004, p.250)

A que mais provavelmente terá sido utilizada em Viana, é a lancha poveira sendo a representada na Fig.26 "é mais curta (6 a 8m e quilha e 2.80 a 3.20m de boca), mas maior pontal à vante do que à ré. Tem também um só mastro, mas munido de grande, vela latina, embora também possa ser accionada a remos" (Abreu, 2004, p.250).

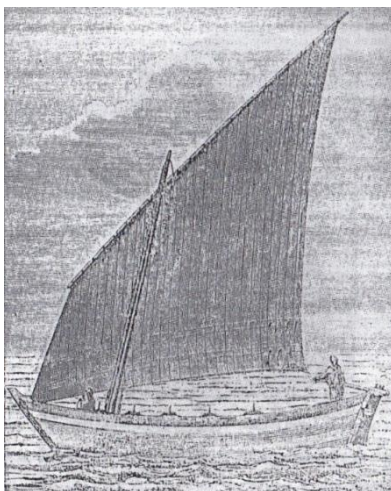


Fig. 26 – Lancha poveira

Os barcos mais comuns na costa de Viana eram os barcos poveiros, com o mesmo formato das lanchas mas de menores dimensões. Em viana estes barcos era utilizados para a pesca da sardinha, para a pesca costeira e para a pesca da lagosta. Também era utilizada a maceira representada na Fig.27, a mesma era uma embarcação de “boca rectangular e fundo em forma de tronco de pirâmide oco invertido articulado a um outro de maior inclinação ao qual a boca serve de base: não tem por isso proa nem popa previamente destinadas” (Abreu, 2004, p.251)



Fig. 27 – Maceira

As maceiras encalhavam facilmente na praia, dado seu pouco peso, apenas um homem podia efetuar estas manobras, nunca eram tripuladas por mais que dois homens. Aramavam também dois remos pequenos com estropo e tolete, sendo que raramente andavam à vela (Silva, 1891).

Em 1923 houve a necessidade de garantir mais segurança no trabalho do mar, desta forma foi proibido “no exercício da pesca embarcações de tonelagem insignificante, e que não garante as indispensáveis condições de segurança do pessoal e navegação e que vão para o mar sem estarem devidamente providas e apetrechadas com remos, mastros, vela e leme, etc” (Decreto nº 9329, 1923, citado por Abreu, 2004, p.251).

Com a evolução da tecnologia, os pescadores com melhores posses começaram a usar barcos motorizados. Porém a pesca de arrasto espanhola, fez com que o interesse por estas embarcações descesse, fazendo aumentar por outro lado a importância de barcos de pesca costeiros, sendo que desta forma também poupavam mais combustível. Em 1996 o avanço da tecnologia proporcionou aos barcos, equipamentos tais como sonda, rádio e radar. A sonda no caso do porto de Viana é particularmente importante, uma vez que os ventos dominantes do momento influenciam por onde o barco terá que entrar, sendo pela barra do norte, do centro ou do sul, que possuem profundidades distintas. Porém o radar e o rádio também são necessários, devido aos frequentes nevoeiros que o farol da Senhora D'Agonia não perfura (Abreu, 2004).

Em relação à pesca no rio, em 1862 no concelho de Viana foi proibido o lançamento ao rio de troviscada, coca ou outros venenos. Posteriormente em 1880 ficaram também abrangidos na proibição o barbasco e a cal (Silva, 1891).

A troviscada consistia em raízes amassadas com lama, colocadas numa meia ou num pedaço de tecido, que eram postas no afoque das enguias, que deste modo ficavam atordoadas e se deixavam apanhar à mão. A coca referida anteriormente, era proveniente de uma planta indiana chamada de coca do levante, de onde era extraída uma substância anestésica que se lançava ao rio para narcotizar os peixes e facilitar a sua apanha. Já se encontrava à venda em pó, deste modo apenas era necessário amassá-lo em pedaços de miolo de pão e atirar num local junto à margem onde houvesse pouca corrente. Em relação à cal, a mesma em contato com a água provocava uma libertação de calor e uma solução que acabava por matar o peixe (Abreu, 2004).

Em 1758 em Darque existiam vários aparelhos para pesca do rio, um deles era o caniço constituído por dois cones feitos de caules de arbustos entrançados, com a mesma base porém de alturas diferentes, encaixados um no outro, o cone interno tinha uma abertura para a entrada do peixe, uma vez que era atraído pelo isco que se encontrava no interior. Existia também o galripo, sendo igual a um caniço, porém com a materialidade em rede. Porém nas zonas de maior caudal os venenos e estas artes não tinham eficácia, sendo necessário utilizarem armadilhas de carácter momentâneo como por exemplo as redes, a utilização do anzol e as pesqueiras (Abreu, 2004).

Para a pesca a anzol qualquer isco serviria como por exemplo sementes, minhocas, grilos, entre outros. Este método consistia em deixar a cana ligada a



um sarilho e esperar que o peixe picasse. As pesqueiras também eram muito comuns na região de Viana, existindo naturais e artificiais. As naturais eram em locais com água onde houvesse rochedos em que se pudessem utilizar aparelhos de pesca, tais como a nassa, o boqueiro, etc. Para a construção das pesqueiras artificiais amontavam-se pedras ligadas com ferros (Neves, 1972).

Para a pesca das lampreias em Darque, utilizavam-se umas estacarias nas quais eram colocadas umas redes que atravessavam o rio. Na pesca noturna de forma a pescarem trutas, enguias e barbos, era utilizado o sistema de manjoada, que constituía em deixar cordas estendidas ou ganchos de madeira amarrados na margem com os anzóis com isco (Abreu, 2004).

Como artes de redes eram utilizadas a rede de barguean, lançada como um sistema de rede de cerco. A mesma tinha cerca de 20 metros de comprimento, eram necessários pelo menos dois homens, um em cada extremidade sendo que um homem ficaria imóvel e o segundo avançaria até onde a rede lhe permitisse, pescando desta forma linguados, solhas, robalos, etc. (Neves, 1972).

Segundo Abreu (2004), o autor Coelho (1861) alude que em Viana para a pesca fluvial haveriam cerca de 31 aljerifeiros no século XIX. Para a pesca da solha o autor refere que o barco mais usual era de fundo chato, de 15 cavernas e com cerca de 10 metros de pontal à proa, movido a varas que existem ainda nos dias de hoje. A maior parte deles foi adicionado um motor, são pintados de preto tanto no interior como no exterior para aumentar a durabilidade. Abreu (2004) refere ainda que é possível que sejam estes os barcos que Coelho mencionou.



Fig.28 – Barco de fundo chato

A Câmara Municipal de Viana do Castelo em 1862, criou um regulamento de código de posturas para a pesca fluvial, que visou até 1923 momento em que

o poder central passou a legislar e a limitar as redes que eram permitidas no rio Lima (Abreu, 2004).

### 3.3.2 Condição social dos pescadores

Abreu (2004) menciona que os pescadores do mar em 1550 já se encontravam preferencialmente localizados na Ribeira, mais perto das camboas. Eram considerados de um modo geral pobres, sendo que oito deles eram contribuintes mínimos e os restantes cinco se encontravam nos dois primeiros quartis da distribuição dos rendimentos. Nesta época existia uma grande rivalidade entre os pescadores portugueses e galegos, sabe-se que em 1560 os pescadores vianenses protestaram contra os pescadores galegos "sere os pescadores desta villa muyto poquos e pobres e os galegos sere muytos e muyto ricos" (Moreira, 1985, p.78).

Posteriormente o autor refere que em 1573:

Os pescadores vivem preferencialmente na Ribeira (53 em 56, dos quais 6 na Rua do loureiro, 2 na Rua de João Portela, 3 na de Pedro Bravo, 5 na Manuel João, 7 na Rua do Reimondo, e 25 entre Santa Catarina e a porta da Ribeira) (...) a Ribeira tendia a transformar-se em domicílio de marítimos (...) mas não era um bairro pobre. Porque os pescadores não são, nesta época, uma classe pobre. (Abreu, 2004, p.231)

Na distribuição dos rendimentos da vila situavam-se em média no 4º quartil e 9º decil. É relevante indicar que a atividade piscatória também era realizada por escravos, uma vez que há registo de "negros duma viúva moradora no Campo do Forno e de Manuel Vicente que morava à Rua de S. Sebastião. (...) há também uma viúva que "tem redes e barco" e de certeza que não é ela que pesca" (Abreu, 2004, p.231). O mesmo autor menciona que na vila de Viana, havia pescadores que eram proprietários dos seus barcos, contudo também havia os que eram pobres e que tinham a necessidade de emigrar.

Os caleiros, como eram conhecidos os pescadores de rio, em 1517 eram apenas 12, sendo que se situavam junto ao rio, na Rua do Cais e no arrabalde da Igreja Velha. Posteriormente em 1550, os caleiros eram apenas 9, mantendo a sua localização perto do rio. Eram pessoas de fortuna mediana, situando-se

5 deles abaixo da classe mediana da distribuição de rendimentos. Em 1573 passaram para 29 o número de caleiros, nesse ano os caleiros subiram na escala da distribuição de rendimentos (Abreu, 2004).

Como já foi referido anteriormente por Moreira (1985), a crise generalizada do comércio vianês do século XVII, fez com que se formasse de novo uma colónia piscatória. Para acentuar mais esse retorno à pesca, o convento de S. Domingos cedeu espaço para ampliação e crescimento de um bairro piscatório na zona da Ribeira, para onde a área residencial dos pescadores se concentrou até aos dias de hoje, existindo atualmente 122 habitações. O bairro encontra-se na envolvente do centro da cidade, próximo da Igreja da N.ª Sr.ª d'Agonia, com a qual os moradores têm uma grande ligação e costumes, sendo esta a sua padroeira.

Em 1859 os pescadores constituíram novamente um grupo ativo, sendo que os pescadores do alto mar eram constituído por 196 jovens entre os 18 e os 30 anos e 97 pessoas de idade mais avançada, em relação aos caleiros (pescadores de rio), já não havia jovens, apenas adultos de idade avançada (Coelho, 1861). Os pescadores do rio eram geralmente lavradores, artífices ou jornaleiros em acumulação, que só se dedicavam a pesca em tempo parcial (Araújo, 1978).

Com a introdução do capitalismo em 1917, estatui-se uma lei que proibia os estrangeiros de pescarem em águas portuguesas. Com o Estado Novo, uma resolução do Conselho de Ministros, em 13 de Outubro de 1965, definiu que a indústria da pesca só podia ser exercida por empresas nacionais (Vale, 1982, citado por Abreu, 2004).

Os pescadores foram enquadrados na organização corporativa nacional das Casas dos Pescadores a partir do ano 1933. As mesmas destinavam-se a fornecer educação, instrumentos, previdência e assistência aos trabalhadores marítimos, que:

Além da representação profissional, do abono de família e de escola para crianças e formação profissional, em 1950 outras potenciais funções foram atribuídas (...) criação de dispensários, lactários, creches, asilos para velhos e crianças, assistência medica, subsídio por nascimento dos filhos, subsídio de doença, subsídios ou pensões de invalidez ou de velhice, subsídio por falecimento, distribuição de

alimentos ou roupas aos sócios efectivos e famílias em épocas de crise de trabalho ou invernias. (Decreto nº 37751, 1950, citado por Abreu, 2004, p.239, 240)

Porém a Casa dos Pescadores em Viana do Castelo nunca chegou a desempenhar a totalidade das funções previstas no Decreto nº 37751 de 1950, posteriormente perdeu as funções escolares, sendo que o edifício que se encontrava no Largo de S. Roque foi demolido, restando desta forma apenas as funções de assistências que acabaram por ser englobadas no regime geral da Previdência Social (Abreu, 2004).

À semelhança do que aconteceu em outros pontos da Europa, surgiu mais um bairro de pescadores na mesma freguesia, contudo de menor escala. Localiza-se a cerca de 2 Km do Bairro da Ribeira, na Praia Norte, com um carácter de apoio social contendo 54 habitações, possuindo um estilo arquitetónico distinto ao do Bairro da Ribeira, com apenas duas plantas tipo, documentado por completo no arquivado distrital de Viana do Castelo.

### 3.3.3 Evolução do bairro dos pescadores da Ribeira

Após a análise das cartografias existentes da evolução de Viana do Castelo, foram obtidos os seguintes mapas através do arquivo municipal de Viana do Castelo e de três obras dos seguintes autores, Peixoto (2001) e Fernandes (1995, 2002). É relevante referir que estas cartografias são da evolução da cidade após o núcleo medieval, sendo que o objetivo é perceber a evolução do bairro em estudo.

Um dos primeiros mapas, para além do núcleo medieval é do ano de 1756. Neste mapa ainda não se encontram representadas as habitações dos pescadores, porém já é perceptível os arruamentos e as divisões dos loteamentos. Junto ao Convento de S.Domingos, já é visível o conjunto dos loteamentos doados pelo mesmo aos pescadores, para a construção das suas habitações, sendo que a zona se encontra assinalada a vermelho no mapa da Fig.29.





Fig.29 – Planta de Viana, datada a 1756

Na análise de mapas posteriores começam a surgir algumas dúvidas quanto ao verdadeiro desenvolvimento do bairro e das suas primeiras edificações. Sendo que são apresentadas duas variantes para a zona em estudo. A primeira surge com as plantas de Anselmo Damazio de 1855 e de Thomaz Correa de 1859/1860.

Na primeira planta (Fig.30) encontram-se representados cinco grupos de construções, assinaladas a roxo, sendo que três deles se encontram na atual rua dos Poveiros e dois na atual rua de Monsenhor Daniel Machado.



Fig.30 – Planta de Viana, datada a 1855, escala 1/5000

A segunda planta (Fig.31) datada de 1859/1860, realizada por Thomaz Correa, representa a mesma realidade. Pode-se analisar a vermelho o conjunto de habitações.

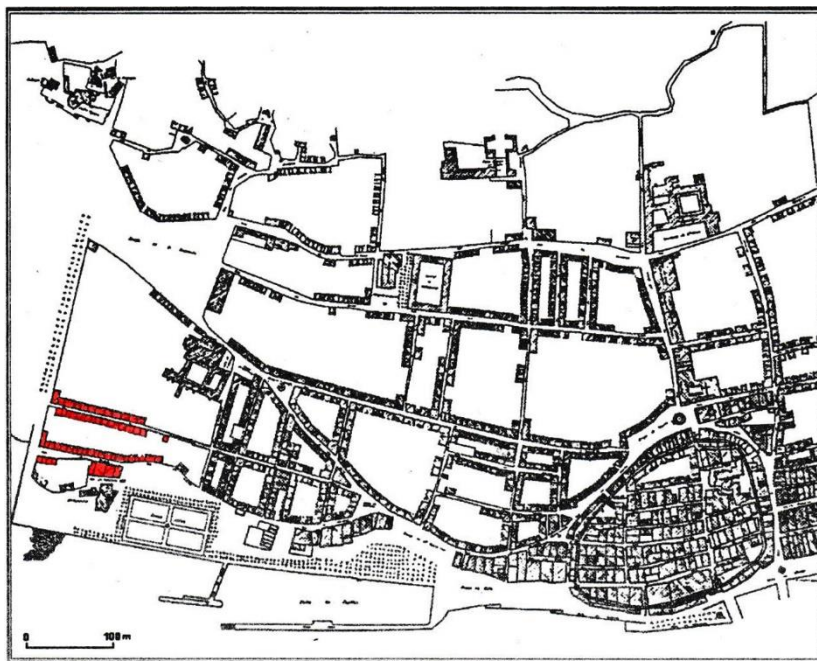


Fig. 31 - Planta geral da cidade de Viana do Castelo – 1859/1860

Porém a partir de 1868/1869 é perceptível que existem diferenças significativas em comparação com as plantas anteriormente apresentadas. Na carta cadastral da cidade de Viana do Castelo, 1868-1869 (Fig.32), já numa escala mais detalhada são observáveis os lotes, contudo surge uma dissemelhança significativa na atual rua Monsenhor Daniel Machado, sendo que nos dois mapas anteriores o grupo de habitações era seguido sem haver lotes vazios entre eles, entretanto a partir desta carta é visível que existiriam alguns sem nenhuma habitação. Acredita-se deste modo que existem duas possibilidades, a primeira seria que nas cartografias anteriores se encontrassem representados apenas os lotes e não as habitações. A segunda hipótese seria que as habitações se encontrassem em destroços, fornecendo de novo espaço possibilitando novas construções.



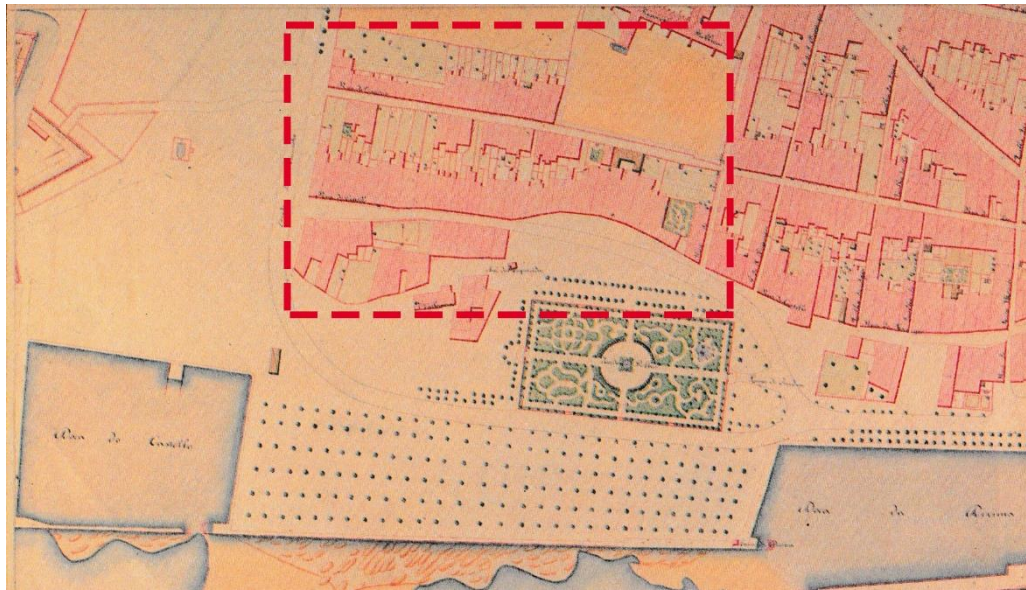


Fig. 32 – Carta cadastral da cidade Viana do Castelo – 1868/1869, escala 1/500

Num projeto de 1877 para a construção de uma avenida de ligação entre a estação ferroviária e a doca comercial, de Viana do Castelo, surge a representação do centro histórico, onde é exibido a vermelho o bairro, idêntico ao apresentado na carta cadastral (Fig.33).



Fig. 33 – Representação do bairro em 1877

Num mapa representativo das obras públicas municipais e de gestão de espaço urbano da cidade de 1903 (Fig.34) surge, mais uma vez, a vermelho a evolução do bairro. Neste mapa é observável que nos 26 anos decorridos são notáveis duas diferenças significativas. A primeira é na rua dos Poveiros, uma vez que já não existem lotes livres, entre as habitações como era visível nos mapas antecedentes. A segunda diferença é na rua Monsenhor Daniel Machado onde é perceptível que na parcela dos lotes corridos existiu um acréscimo do número de habitações.



Fig. 34 – Representação do bairro em 1903

No arquivo municipal encontra-se disponível a planta de trabalho do plano geral de urbanização de Viana do Castelo, de 1941 (Fig.35). Nesta planta analisou-se as novas habitações e também os lotes, sabe-se que os mesmos são de origem gótica, uma vez que apenas tem as fachadas frontais e posteriores. Observou-se ainda que os mesmos se encontram todos preenchidos nas duas ruas, à semelhança dos dias de hoje.

Ao analisar os tamanhos dos lotes percebeu-se também que na rua dos Poveiros, os lotes foram igualmente parcelados com três metros de largura, à semelhança dos que ficam de costas para a mesma rua, já os restantes lotes da Rua de Monsenhor Daniel Machado, voltados para a rua dos Poveiros variam entre os três e os cinco metros de largura, como será apresentado na Fig.36.

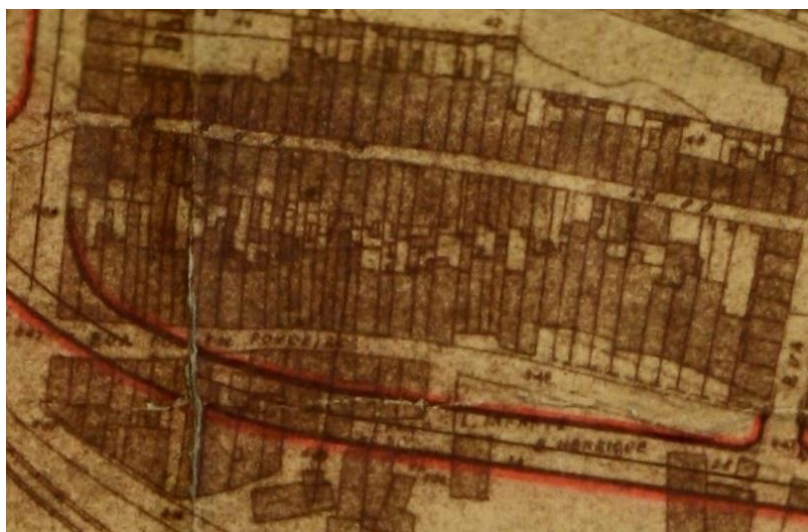


Fig. 35 - Habitações em estudo (1941)

10 m



Acredita-se que o que influenciou o parcelamento dos lotes com 3 metros ou múltiplos de 3, em apenas um do lado da rua de Monsenhor Daniel Machado, foi a divisão da parcela de terreno.

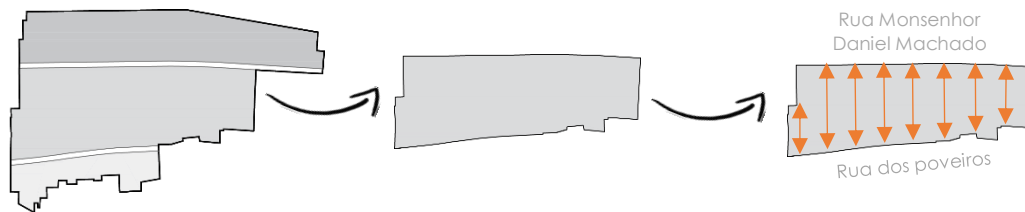
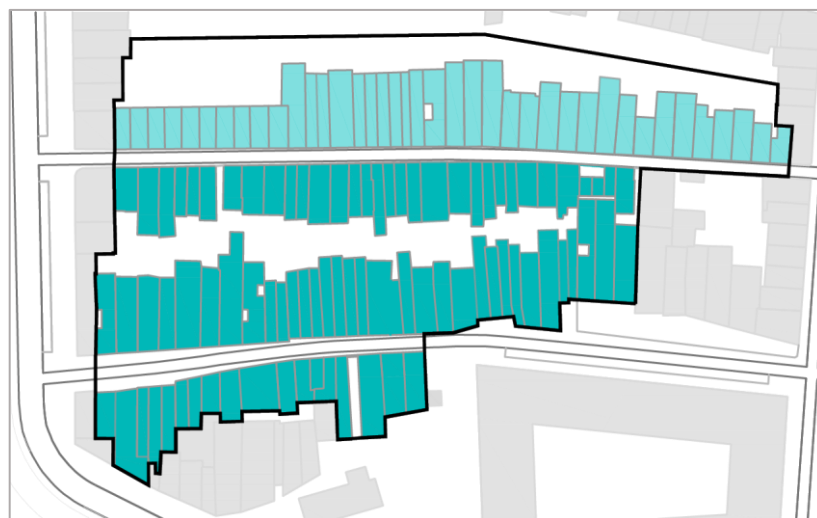


Fig.36 - Parcelamento dos lotes

Deste modo realizou-se uma planta atual, onde se identificaram lotes de dois tipos, a azul escuro estão representados os lotes que são ou eram originalmente de três metros de largura, sabe-se que alguns deles foram agrupados em múltiplos de três. Seguindo-se a tipologia dois assinalada a azul claro, que apenas se encontra num dos lados da rua Monsenhor Daniel Machado, sendo que a largura varia entre os três e cinco metros, não se encontrou nenhuma métrica específica, apenas este intervalo de medida.



Esc: 1/200 ON

■ Tipologia 1  
■ Tipologia 2

Fig. 37 - Tipologia dos lotes

Para a realização dos inventários ter-se-á se em consideração a planta de 1941, anteriormente apresentada, já que é a planta com mais rigor e mais antiga encontrada.

### 3.4 Evolução das habitações dos pescadores da Ribeira

Através de entrevistas não-diretivas (presentes em anexo) complementadas com a possibilidade de visitar algumas habitações, conseguiu-se apurar a planta original e as suas principais evoluções.

Desta forma, numa primeira fase a habitação terá passado a ser organizada da seguinte maneira:

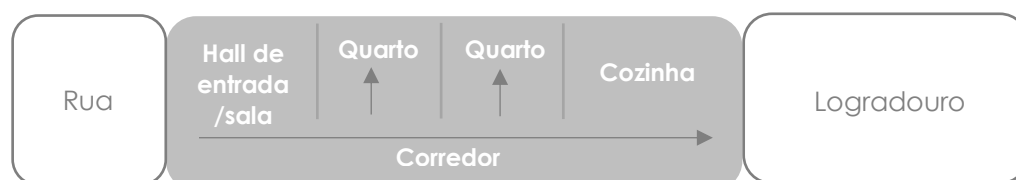


Fig. 38 – Organização na 1ª fase

É relevante referir que as habitações eram de dimensão reduzida, encontravam-se a uma cota inferior á da rua, desta forma da rua entrava-se para o hall de entrada/sala onde surgia um degrau para ajudar a diminuir esse desnível. Nessa divisória era visível um corredor de pequena largura do lado direito, que dava acesso aos dois quartos que se encontravam à esquerda, em alguns casos não existiam portas ou outro tipo de separação para o corredor devido as suas reduzidas dimensões, a cozinha encontrava-se no fundo da habitação. Da cozinha tinha-se acesso ao logradouro, onde se guardavam os aparelhos e utensílios da atividade piscatória (Fig.38).

Relativamente a segunda fase de evolução foi construído um wc no fundo do logradouro. Desta forma o esquema da evolução da habitação terá sido a seguinte:



Fig. 39 – Organização na 2ª fase de evolução

Numa terceira fase de evolução já é notório que as habitações começam a apresentar algumas dissemelhanças, acredita-se que estas se encontravam diretamente ligadas com as condições financeiras de cada família. Diferenças tais como, por exemplo, abrir novos vãos à procura de luz, alargar ou acrescentar as peças. Desta forma serão apresentados dois exemplos de plantas que apresentam as três evoluções anteriormente referidas.

### Exemplo nº 1

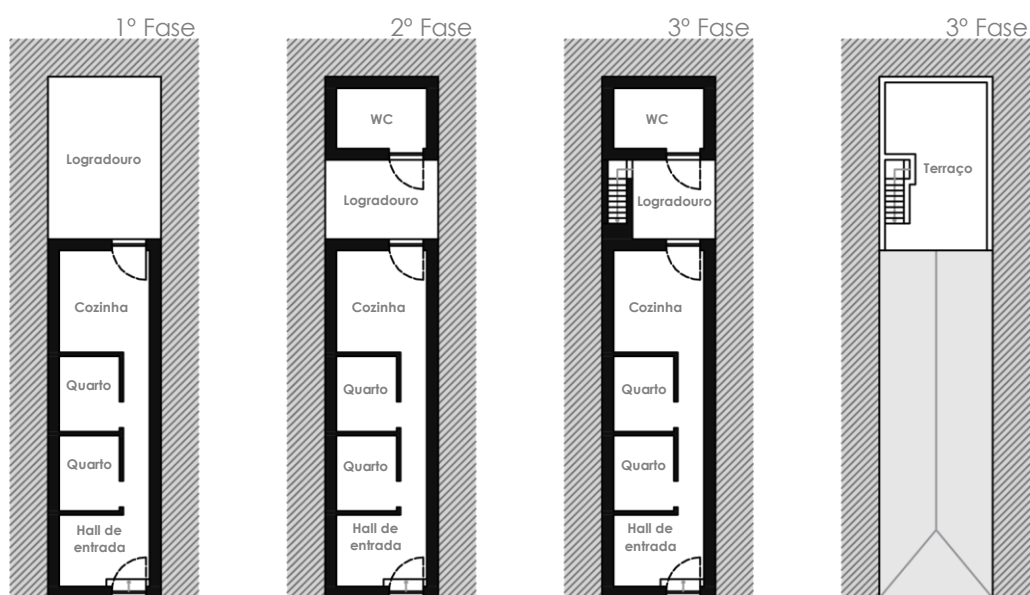


Fig.40 - Exemplo das três fases de evolução  
Esc: 1/200

### Exemplo nº 2

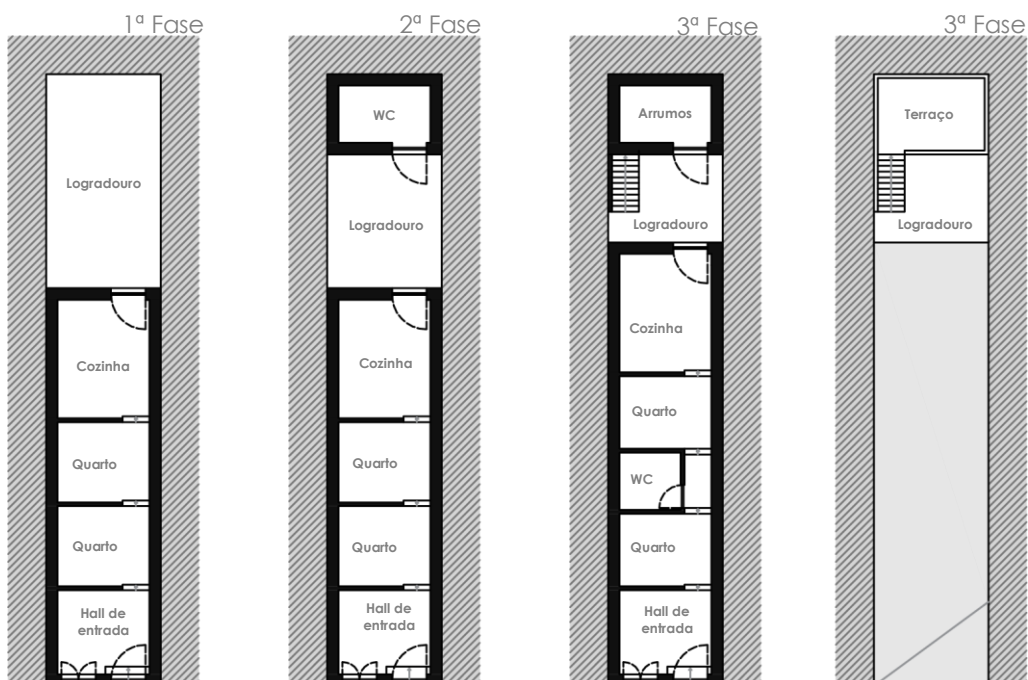


Fig.41 - Exemplo das três fases de evolução  
Esc: 1/200

Outro elemento interessante nesta fase foi o surgimento de terraços, sendo que foram encontrados duas tipologias, uma delas desenvolvida por cima do

anexo/instalações sanitárias e da zona exterior (fase 3 da Fig.40), proporcionando uma cobertura a essa zona exterior e a segunda tipologia aproveitando apenas a parte superior do anexo (Fig.41).

Em termos de volumetria sabe-se que inicialmente as habitações eram térreas e apenas possuíam uma porta ou uma porta e um janela, em termos de fachada a mesma era realizada com cantaria de pedra e caiada de branco, sendo que numa fase posterior também se começaram a utilizar cores variadas e a aplicar azulejo não industrializado.

### 3.5 Enquadramento legislativo da reabilitação urbana

Este subcapítulo será debruçado sobre o enquadramento legislativo da reabilitação urbana, onde se irá referir o Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo, a ARU (Área de Reabilitação Urbana) e as respetivas ajudas disponíveis para a reabilitação dos edifícios do centro histórico.

#### 3.5.1 Enquadramento face ao Plano de Pormenor do Centro Histórico

O Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo (PPCHVC)

encontra-se em vigor desde 2002. O mesmo tem como intenção de revitalizar a área central da cidade, melhorando as condições de conforto do espaço coletivo, juntamente com ações de reabilitação das estruturas edificadas e a estipulação de um conjunto de programas complementares urbanísticos, nomeadamente a nível de infraestruturas. Para poder responder aos pontos anteriormente referidos, foram estabelecidos os seguintes objetivos:

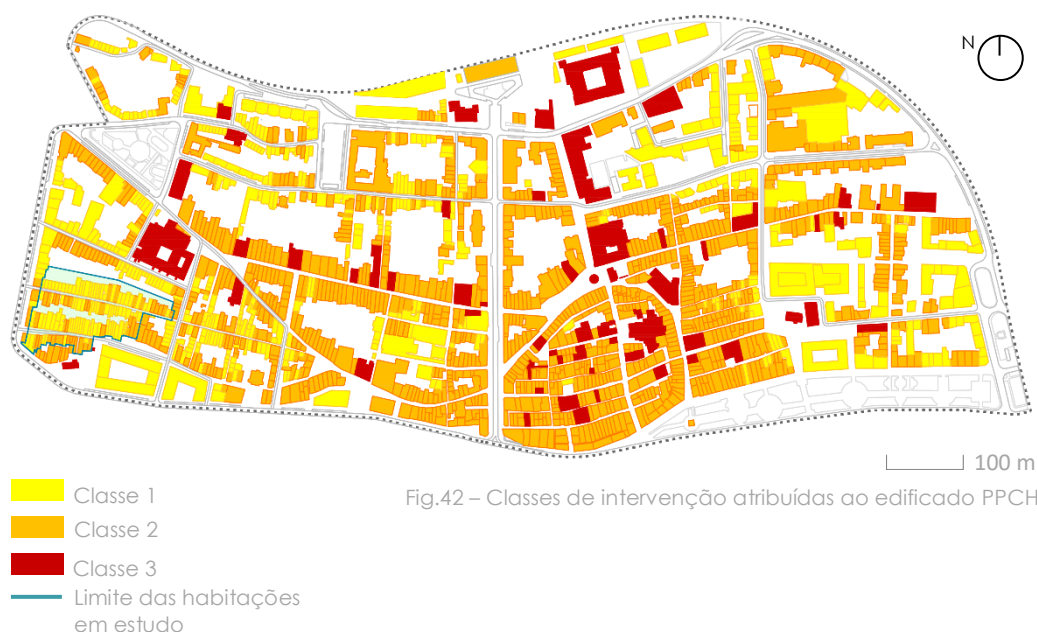
- Acentuar o carácter de centralidade do centro histórico, qualificando a oferta comercial à população e aos visitantes e reforçando a rede de equipamentos e serviços;
- Eliminar as intrusões visuais e as discrepâncias volumétricas, por forma a repor, na sua heterogeneidade, o equilíbrio da morfologia do centro histórico, em ordem à criação de condições para a sua classificação como património mundial;

- Aumentar a oferta residencial através da recuperação e reocupação dos imóveis, para melhoria das condições de vida da população;
- Favorecer as condições de trânsito pedonal, incluindo o das pessoas de mobilidade reduzida, aumentando as áreas de circulação restrita, desenhando percursos sem obstáculos, restringindo o tráfego (...);
- Reforçar as dinâmicas culturais e de sociabilidade urbanas a partir dos equipamentos, dos elementos patrimoniais e da qualificação do espaço público;
- Fomentar o lançamento e execução de intervenções exemplares nos domínios da reabilitação e da reutilização dos imóveis com valor patrimonial. (CMVC, 2016, p.11)

Em termos setoriais, o PPCH definiu linhas estratégicas nos seguintes domínios: o edificado, o património, a mobilidade urbana, o espaço público, as infraestruturas e os equipamentos de estrutura económica e condições sociais. Para o caso em análise nesta dissertação interessa focar particularmente o edificado e o património.

Em relação ao edificado o principal objetivo do PPCHVC (Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo) é o reforço da função habitacional, através da imposição deste uso nos pisos superiores dos edifícios do centro histórico. Deste modo, a reabilitação do edificado é essencial, sendo de igual modo importante a utilização de métodos construtivos tradicionais na sua realização.

No caso do património, foram estabelecidas três classes de intervenções permitidas ao edificado do centro histórico, em relação ao valor patrimonial que a câmara municipal atribuiu a cada edifício contido na zona em questão. É relevante mencionar que os tipos de intervenções permitidos nos edifícios estão dependentes da classe em que os mesmos se integram. Porém independentemente das mesmas, são sempre permitidas obras de manutenção e correção dos edifícios, do momento que estejam em acordo com as disposições previstas no PPCH e após prévia aprovação.



Encontram-se integrados dentro da delimitação do PPCH de Viana do Castelo 1763 edifícios. Após análise verificou-se que desse total, 558 edifícios correspondem à classe de intervenção 1, sendo que a 1137 foi atribuída a classe de intervenção 2 e por fim 68 a classe 3, como é visível no gráfico da Fig.43. É relevante referir que parte dos edifícios correspondentes à classe de intervenção 1 são edifícios novos.

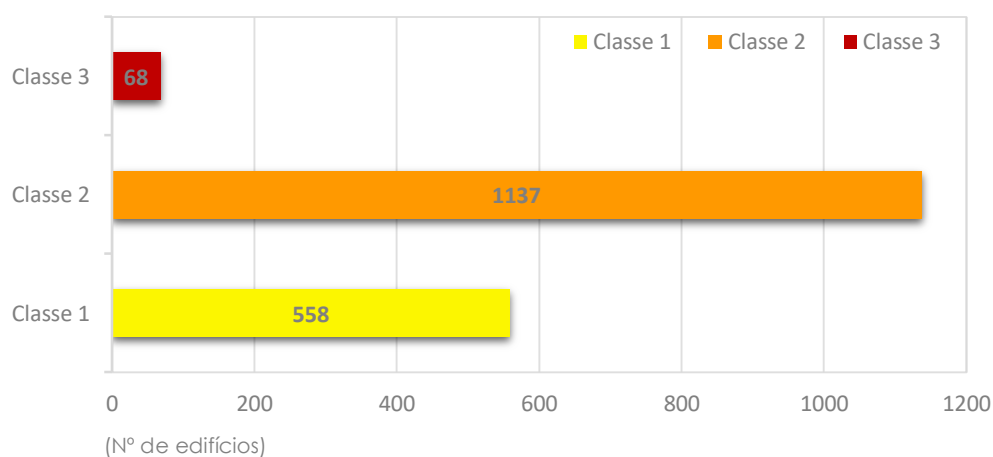


Fig.43 – Gráfico comparativo das classes de intervenção atribuídas ao edificado

No PPCH são também definidas uma serie de regras para a harmonia do conjunto do centro histórico, que se debruçam sobre os seguintes domínios: construções; utilização dos edifícios; sistema construtivo; caves; alinhamentos;

vãos; balanços; caixilharias; estores e portadas; acabamentos e revestimentos; socos e ensoleiramentos; prumadas, cabos e outros elementos; empenas; cores; número de pisos; andares recuados; coberturas; beirados, cornijas, platibandas, goteiras e gárgulas; caleiras, rufos, vedações e tubos de queda; chaminés e claraboias; elementos salientes das coberturas; painéis solares e conforto térmico (PPHC, 2002).

### 3.5.2 Área de Reabilitação Urbana (ARU)

O Município de Viana do Castelo adotou como uma das suas estratégia a regeneração urbana da cidade, sendo uma política municipal de reconhecido valor, como indicadores e resultados nacionalmente reconhecidos. Com o intuito de consolidar este objetivo, foi criada a Área de Reabilitação Urbana (ARU) no Centro Histórico de Viana do Castelo, em vigor para o período de tempo entre 2012-2020, sendo que a área de aplicação do mesmo é coincidente com a área do Plano de Pormenor do Centro Histórico. Englobando o núcleo medieval e as áreas adjacentes de expansão urbana da cidade, estando delimitada a nascente e a norte pelo caminho-de-ferro, a poente pela avenida do Campo do Castelo e a sul pela avenida João Alves Cerqueira, o largo João Tomás da Costa e pelo Jardim Marginal (CMVC, 2013).

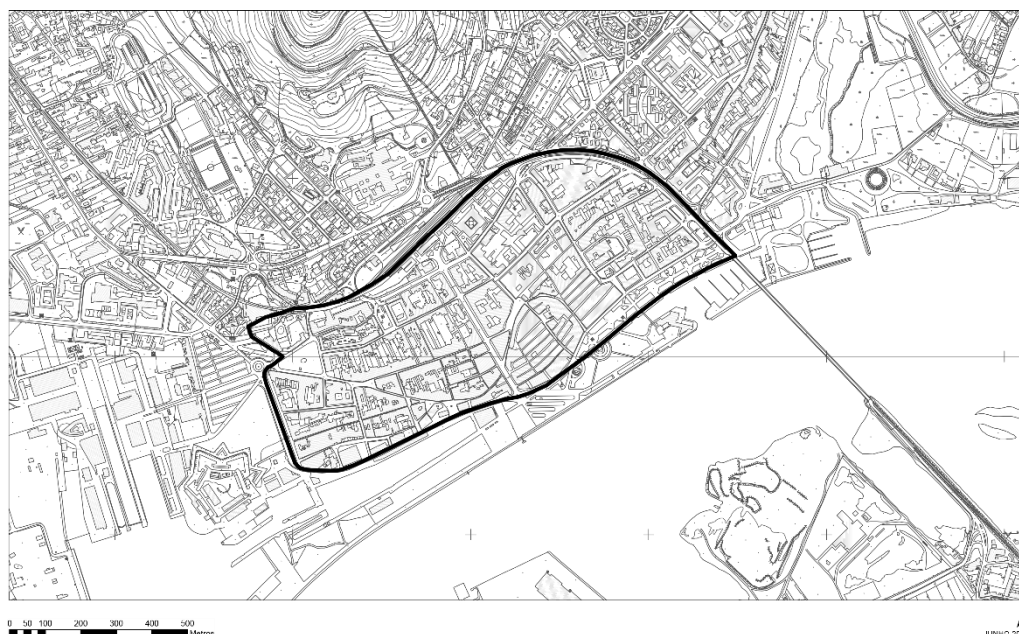


Fig.44 - Delimitação da ARU - VC

A ARU tem como propósito reforçar a política de reabilitação que tem vindo a ser implantada nesta zona, estabelecendo toda uma estratégia na definição de um contexto regulamentar, económico e fiscal propício à reabilitação.

Criando fontes de acesso a financiamentos e diversas medidas de incentivo (CMVC, 2013).

Tendo como base os censos realizados em 2011, pelo Instituto Nacional de Estatísticas (INE), são estudados os indicadores demográficos e sociais relativos à ARU, onde foram analisados os indivíduos, as famílias e os alojamentos.

No caso dos alojamentos foram analisadas as percentagens de habitações contidas pela ARU, tendo sido dada uma particular importância aos alojamentos vagos. O estudo revela que o número de alojamentos presentes nessa área é de 2106, representando assim 2,9% dos alojamentos do concelho. Relativamente ao estudo dos alojamentos vagos, é observado que rondam cerca de 634 habitações tendo desta forma um peso de 8.2%, sobre as restantes 4531 habitações desabitadas do concelho.

Relativamente aos indivíduos, foram analisados dados relativos à população residente na ARU e os seus grupos etários. O estudo permitiu concluir que a população residente com mais de 65 anos assume a maior percentagem, uma vez que representa cerca de 38% do total da população residente na ARU, sendo visualmente superior ao restante concelho onde este grupo etário representa cerca dos 20%. Porém os habitantes no intervalo dos 19 anos representam apenas cerca de 11%, um peso claramente inferior em comparação com a média de 20% do concelho. Relativamente ao nível de escolaridade da população residente na zona da ARU, não difere de forma significativa da restante população do concelho. Analisando a percentagem de pessoas analfabetas, o número ronda os 5% na ARU e 4% no restante concelho. É necessário referir que metade dos residentes tem o correspondente ao grau básico de escolaridade, sendo cerca de 53% da ARU em comparação com os 56% do restante concelho. A percentagem de pessoas com cursos superiores na população da ARU representa cerca de 16% face aos 14% do restante concelho (CMVC, 2016).

Deste modo, é perceptível que se trata de uma área que tem vindo a perder população, principalmente dos grupos etários mais jovens, apresentando desta forma uma população mais envelhecida, podendo-se afirmar maiormente reformada.





Fig.45 - Concentração da função habitacional em 2015

Segundo o levantamento dos usos realizado pela CMVC em 2015, foi elaborado o mapa de distribuição espacial (Fig.45) onde são assinaladas com manchas a maior concentração habitacional da ARU. São apresentadas as áreas localizadas a poente da Avenida dos Combatentes, com maior importância os quarteirões mais a sul, a malha medieval, englobando também no núcleo medieval a sua extensão até a Capela das Almas (CMVC, 2016).

É relevante referir que a zona em estudo nesta dissertação tem um maior impacto habitacional da ARU, como é visível no mapa da Fig.45, onde é perceptível uma maior intensificação da mancha sobre a zona do bairro dos Pescadores da Ribeira.

A determinação da Área de Reabilitação Urbana (ARU) no centro histórico de Viana do Castelo tem como objetivos os seguintes pontos:

- a) Reforçar a política de reabilitação que vem sendo prosseguida pelo município para esta área.
- b) Definir um contexto regulamentar, económico e fiscal propício à reabilitação.
- c) Assegurar o acesso a fontes de financiamento para a reabilitação urbana.

d) Integrar de forma mais clara eficaz as diversas medidas de incentivo existentes.

e) Dar acesso aos proprietários e titulares de outros direitos, ónus e encargos sobre os edifícios ou frações a um conjunto mais alargado de incentivos disponíveis.

f) Incentivar a atividade económica nos setores ligados à reabilitação urbana, contribuindo para a criação / manutenção de emprego.

(CMVC, 2013, p. 3,4)

Em 2015 foi desenvolvido o Plano Estratégico de Desenvolvimento Urbano (PEDU), que tem como objetivo estabelecer prioridades de investimento inscritas no eixo urbano do Programa Operacional Regional. Uma das componentes do PEDU, é o Plano de Ação para a Regeneração Urbana (PARU) realizado em 2016, alusivo aos centros históricos, zonas ribeirinhas e zonas industriais abandonadas, que se encontrem incluídas em Áreas de Reabilitação Urbana (ARU). A PARU tem como objetivos reforçar a atratividade de Viana do Castelo, apostar na afirmação das principais vocações e fileiras económicas da cidade, promover a articulação do tecido urbano e a criação de novas atmosferas colaborativas e inclusivas (CMVC, 2016).

Segundo o Regime Jurídico da Reabilitação Urbana (RJRU), a cada ARU corresponde uma Operação de Reabilitação Urbana (ORU) que consiste num “conjunto articulado de intervenções visando, de uma forma integrada, a reabilitação urbana de uma determinada área” (RJRU, 2014, p. 4).

A ORU foi estabelecida em Viana do Castelo em 2016, com um prazo de vigência de 15 anos, a execução desta deverá ser acompanhada pela Assembleia Municipal, que realizará relatórios anuais podendo alterar a programação da operação a cada 5 anos. A ORU geralmente pode ser simples ou sistemática. No caso do centro histórico de Viana do Castelo será do tipo sistemática, uma vez que se constituirá:

Numa intervenção integrada de reabilitação urbana desta área, dirigida à reabilitação do edificado e à qualificação das infraestruturas, dos equipamentos e dos espaços verdes e urbanos de utilização

coletiva, visando a requalificação e revitalização do tecido urbano, associada a um programa de investimento público. (CMVC, 2016, p. 53)

É relevante referir que no caso das ORU sistemáticas as mesmas se encontram enquadradas pelo PERU, podendo ser aprovadas pelo Plano de Pormenor de Reabilitação ou instrumento próprio. No caso de Viana do Castelo, uma vez que apenas existe um Plano de Pormenor não sendo exclusivo à reabilitação, a mesma foi aprovada através de instrumento próprio (CMVC, 2016).

A definição da ARU fornece a esta área ferramentas que permitem “atrair investimento orientado para a consolidação de dinâmicas económicas existentes /emergentes com sentido de inovação, num quadro de crescente coesão e sustentabilidade, contribuindo para a afirmação de Viana do Castelo nos planos regional e nacional” (CMVC, 2016, p.55).

Para tal foram estabelecidos distintos domínios de atuação, tais como o intuito de tornar a cidade sustentável, sendo portanto de grande importância criar dinâmicas de conservação corrente e preventiva no edificado. Deste modo é necessário que se estabeleça medidas de relacionamento pró-ativas com todos os intervenientes, incentivando também a prática de manutenção preventiva e a realização de obras de manutenção dos edifícios.

Valorizar o património é mais um domínio de atuação importante, devendo-se proteger a paisagem urbana consolidada, promovendo o património cultural e arquitetónico e também aumentando as dinâmicas culturais (CMVC, 2016).

O desenvolvimento de uma cidade inteligente, é de igual modo de grande importância, sendo que nesse sentido é necessário criar um ambiente propício ao desenvolvimento e à difusão de conhecimentos, ideias, aprendizagens e inovações. Deste modo é necessário criar parcerias com instituições de ensino e investigação tais como o Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC), a Escola Superior Gallaecia (ESG), a Universidade do Minho (UM), etc. Também é de grande importância promover a realização de seminários, workshops, exposições e promover ações de formação que ampliam os conhecimentos dos utilizadores e moradores da ARU.

Tenciona-se de igual modo, estabelecer um programa de iniciativas e investimento público, que tenha como objetivo criar um quadro de referência

estável para a gestão da ARU. Deste modo é necessário a criação de uma Comissão de Acompanhamento, que monitorize os indicadores de impacto e de execução e que disponibilize todo o tipo de informação relevante relacionada com a execução da ORU. Nas obras de reabilitação e manutenção do edificado poderá haver discriminações positivas, em termos de taxas municipais. Deve-se realizar também campanhas de sensibilização para a realização da manutenção periódica e preventiva do edificado, divulgando soluções técnicas adequadas (CMVC, 2016).

Serão apresentados de seguida os benefícios atribuídos pela câmara municipal de Viana do Castelo aos proprietários dos edifícios englobados pela ARU, para a realização de obras de reabilitação.

- Simplifica e agiliza os procedimentos de licenciamento e de comunicação prévia de operações urbanísticas (CMVC, 2013).
- Facilita o acesso ao financiamento para obras de reabilitação (CMVC, 2013).
- Os edifícios localizados na área da ARU encontram-se isentos do Imposto Municipal sobre Imposto Municipal sobre Imóveis (IMI) num período de cinco anos, podendo ser esse período renovado para os imóveis alvos de ações de reabilitação, nos termos definidos pela lei (CMVC, 2016).
- Dentro da delimitação da ARU encontram-se isentos do Imposto Municipal sobre as Transmissões onerosas de imóveis (IMT), as aquisições de prédios ou frações autónomas de prédios urbanos destinados apenas a habitação própria e permanente, durante a primeira transmissão onerosa do prédio reabilitado (CMVC, 2016).
- Sobre o Imposto sobre o rendimento de Pessoas Singulares (IRS), é previsto a dedução de 30% dos encargos relacionados com a reabilitação do edificado, até ao limite de 500€. Relativamente aos rendimentos prediais decorrentes do arrendamento de edifícios reabilitados, têm uma mais-valia de 5% sobre a taxa de tributação (CMVC, 2016).
- Para rendimentos obtidos através de investimentos imobiliários construídos entre 1 de Janeiro de 2008 e 31 de Dezembro de 2013 na ARU, no qual pelo menos 75% dos seus ativos sejam bens imóveis sujeitos a ações de reabilitação, encontram-se isentos do Impostos sobre o Rendimento das pessoas Coletivas (IRC) (CMVC, 2016).

- Nas empreitadas de reabilitação urbanas realizadas na zona da ARU a taxa de tributação sobre o Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA) tem uma redução de 6%. Porém apenas estão incluídas empreitadas de remodelação, renovação, restauro, reparação ou conservação dos edifícios ou partes autónomas dos mesmos (CMVC, 2016).

- Para além dos contributos já significativos apresentados anteriormente, que representam a abdicação de uma parte da receita fiscal proveniente dos impostos do município de Viana do Castelo, como por exemplo as receitas relacionados com o IML e o IMT, foi criado ainda um regime municipal de incentivo à reabilitação urbana relativamente à cobrança de taxas transversal às obras de reabilitação. Beneficiando desta forma estas obras com incentivos de redução de 50% do valor final das taxas de urbanização e edificação e a isenção de 100% sobre as taxas de ocupação de domínio público referente à ARU (CMVC, 2016).

Como se pode verificar existem vários objetivos em comum entre as Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais e os diplomas legislativos da Câmara Municipal de Viana do Castelo. Diversos objetivos e ajudas são propostas pela entidade municipal para a Área de Reabilitação Urbana (ARU), entre eles por exemplo promover o envolvimento das comunidades em questão, como também o envolvimento dos meios de ensino como foi referido anteriormente, neste caso com o ensino superior que se encontram nas proximidades (IPVC, ESG e UM). A organização de workshops para a sensibilização da população e dos arquitetos e dos de mais profissionais que possam vir a intervir na zona, a fim de realizarem intervenções mais conscientes que respeitem e não danifiquem o património. E os variados benefícios que a Câmara Municipal de Viana propõe para a reabilitação urbana da cidade para as habitações contidas na ARU.



## 4. ESTUDO DE CASO





#### 4. Estudo de caso

Uma vez que o estudo de caso se debruça sobre as 122 habitações dos pescadores da Ribeira de Viana do Castelo, com o intuito de retratar a realidade desta comunidade piscatória, realizou-se fichas de análise individuais e comparativas de natureza qualitativa e quantitativa. Sendo que deste modo se conseguiu reunir informações detalhadas e numerosas, para se obter informações da situação atual das habitações em estudo. Tendo como objetivo perceber se realmente este património se encontra em risco de perda, assim também como a identidade arquitetónica da comunidade.



## 4.1 Fichas de análise individual

Deste modo para a elaboração das fichas de análise individual, tiveram-se em conta os seguintes parâmetros:

### 4.1.1 Dados gerais, onde são abordados:

- **O uso do edifício.**
- **O estado geral:**
  - Bom (quando se encontra em bom estado).
  - Médio (sem revestimento, com revestimento escalavrado ou com pintura deteriorada; caixilharias ou beirais deteriorados).
  - Mau (deterioração significativa da cobertura e das fachadas ou com graves problemas estruturais).
  - Obras (atualmente em obras).
  - Ruínas (quando se encontra em ruínas).
- **Classe atribuída pelo PPCHVC:**
  - Classe 1
  - Classe 2
  - Classe 3

### 4.1.2 Categorias analíticas:

- **Volumetria:**

**Indicadores:** volumetria original; tipo de cobertura; número de pisos.
- **Composição da fachada:**

**Indicadores:** janelas; portas; varanda (tanto a nível numéricos como tipológicos).
- **Materiais de construção:**

**Indicadores:** cobertura; revestimento; janelas; portas; varandas.

4.1.2.1 Legenda da descrição tipológica

| Janelas                                                                           |                                                                                   |                                                                                   |                                                                                   |                                                                                   |                                                                                     |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|
| Uma folha                                                                         | Duas folhas                                                                       | Três folhas                                                                       | Quatro folhas                                                                     | Uma folha + bandeira                                                              | Duas folhas + bandeira                                                              |
|  |  |  |  |  |  |

Fig.46 – Icon das janelas

| Portas                                                                            |                                                                                   |                                                                                   |                                                                                   |                                                                                     |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|
| Uma folha                                                                         | Duas folhas                                                                       | Três folhas                                                                       | Duas folhas + bandeira                                                            | Duas folha + duas bandeiras                                                         |
|  |  |  |  |  |

Fig.47 – Icon das portas 1

| Portas                                                                              |                                                                                     |                                                                                     |                                                                                     |                                                                                      |                                                                                       |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| Uma folha com janela                                                                | Duas folhas e uma janela                                                            | Duas folhas e duas janelas                                                          | Uma folha, com janelas e bandeira                                                   | Duas folhas com duas janelas e uma bandeira                                          | Duas folhas com duas janelas e duas bandeiras                                         |
|  |  |  |  |  |  |

Fig.48 – Icon das portas 2

| Varandas                                                                            |                                                                                     |
|-------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|
| Em consola                                                                          | Recuada                                                                             |
|  |  |

Fig.49 – Icon das varandas

4.1.3 Observações

- Observações gerais por habitação.

**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

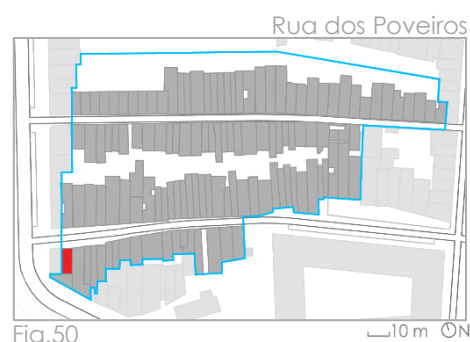
**Ficha 01****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1**Volumetria****Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2

Fig.50

10 m

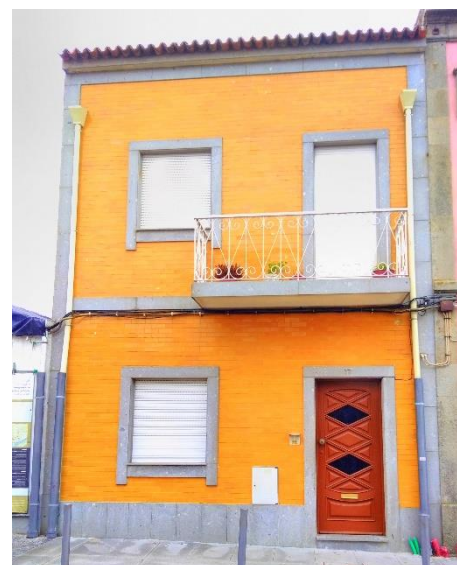
**Composição da fachada****Janelas:** 3  **Portas:** 1 **Varanda:** Sim **Materiais de construção****Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Revestimento  
cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** Metal

Fig.51

**Observações:**

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 02

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.52

10 m N

Dados gerais**Uso:** Armazém**Estado geral:** Médio**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Duas águas**Número de pisos:** 1

Fig.53

Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha amianto**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira**Varanda:** -Observações:

Relativamente à fachada a mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

## Ficha 03

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Médio

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2

### Volumetria

**Original:** Sim

**Tipo de cobertura:** Duas águas

**Número de pisos:** 1

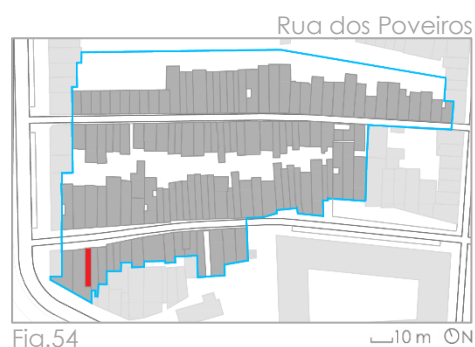


Fig.54

10m N

### Composição da fachada

**Janelas:** 1 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha canudo

**Revestimento:** Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** -



Fig.55

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma contém platibanda, porém não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 04

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.56

10m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1

Fig.57

Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** -Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda nem qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

## Ficha 05

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2

### Volumetria

**Original:** Sim

**Tipo de cobertura:** Três águas

**Número de pisos:** 1

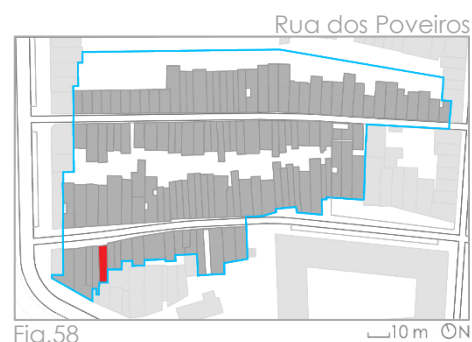


Fig.58

### Composição da fachada

**Janelas:** 1 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro; metal

**Varanda:** -

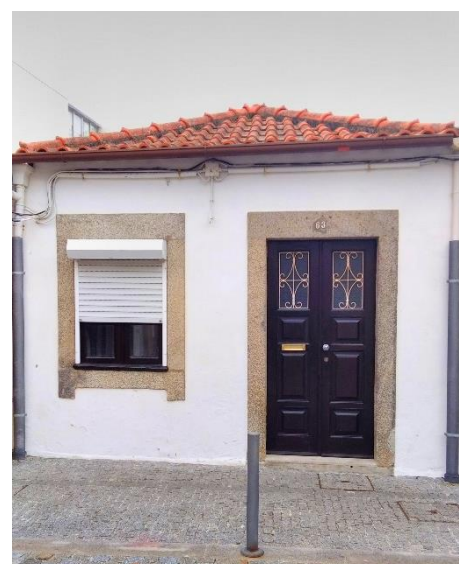


Fig.59

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 06

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros

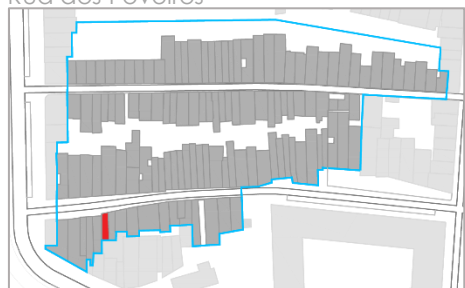


Fig.60

10m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento  
cerâmico;  
Reboco pintado**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig.61

Observações:

A habitação partilha a cobertura com a habitação 07. Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 07

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Médio

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Sim

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 1

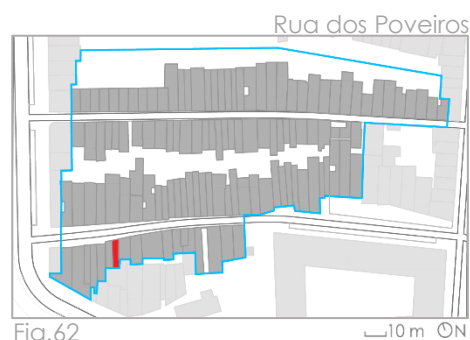


Fig.62

10m ON

### Composição da fachada

**Janelas:** 0

**Portas:** 1



**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Reboco pintado

**Janelas:** -

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** -



Fig.63

### Observações:

A habitação partilha a cobertura com a habitação 06. Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 08

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.64

10 m ON

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2

Fig.65

Composição da fachada**Janelas:** 5 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira**Varanda:** MetalObservações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibandas, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 09

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Três águas

**Número de pisos:** 2

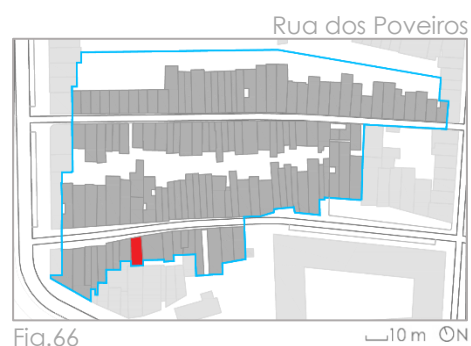
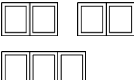


Fig.66

### Composição da fachada

**Janelas:** 3 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Sim 



Fig.67

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha canudo

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** Metal

### Observações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibanda e elementos ornamentais. São visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 10

Janeiro de 2017

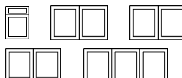
Rua dos Poveiros

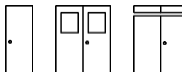


Fig.68

10 m ON

Dados gerais**Uso:** Junta de freguesia / Restauração**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada

**Janelas:** 5 

**Portas:** 3 

**Varanda:** Sim 

Materiais de construção**Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** Metal

Fig.69

Observações:

Edifício partilhado onde se pode encontrar de um lado a junta de freguesia de Monserate e do outro um restaurante. Relativamente à fachada a mesma não contém platibanda ou qualquer elemento ornamental. São visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

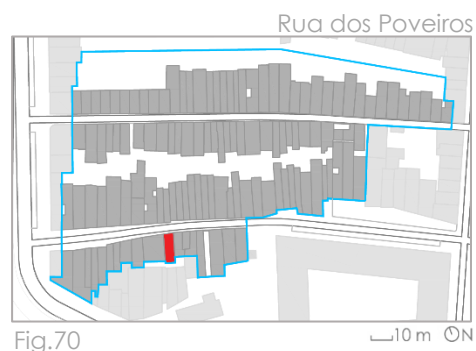
**Ficha 11****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1**Volumetria****Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2

Fig.70

**Composição da fachada****Janelas:** 3   **Portas:** 1 **Varanda:** Sim **Materiais de construção****Cobertura:** Telha cerâmica não identificada**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** Metal; betão

Fig.71

**Observações:**

Relativamente à fachada a mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 12

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.72

10 m ON

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de metal**Portas:** Metal**Varanda:** -

Fig.73

Observações:

Relativamente à fachada o piso superior mantém a métrica primitiva, que se encontra representada no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

## Ficha 13

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Médio

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Três águas

**Número de pisos:** 2

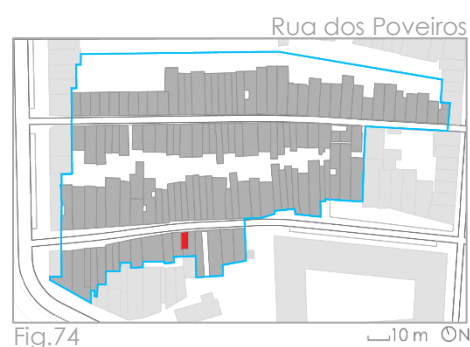


Fig.74

### Composição da fachada

**Janelas:** 3 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha canudo

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de metal

**Portas:** Metal; vidro

**Varanda:** -



Fig.75

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que o piso inferior mantém a métrica primitiva, embora se tenha alterado a cêrcea. A mesma não contém platibanda nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 14

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.76

10m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig.77

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

## Ficha 15

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 2

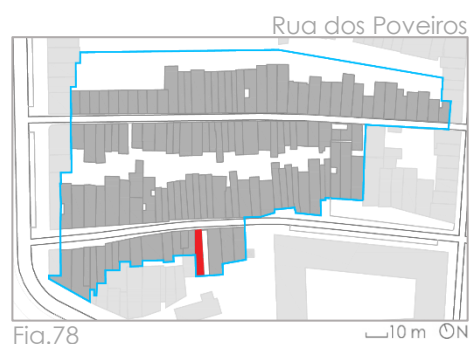


Fig.78

### Composição da fachada

**Janelas:** 1 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha canudo

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** -



Fig.79

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 16

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros

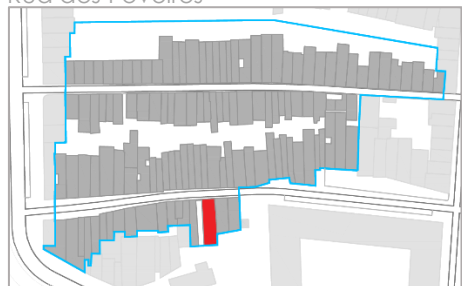


Fig.80

10m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Mau**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2

Fig.81

Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** MetalObservações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 17

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Três águas

**Número de pisos:** 2

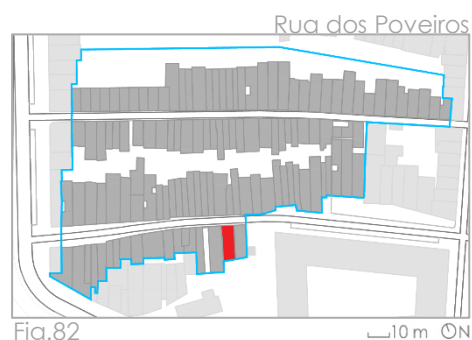


Fig.82

10m ON

### Composição da fachada

**Janelas:** 5

**Portas:** 1

**Varanda:** Sim

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Reboco pintado

**Janelas:** Caixilharia de PVC

**Portas:** PVC

**Varanda:** Metal



Fig.83

### Observações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 18

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.84

10m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Médio**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** -

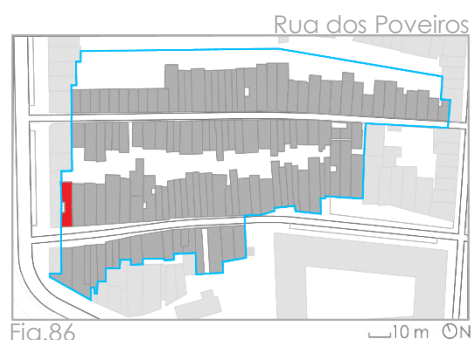
Fig.85

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

**Ficha 19****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Médio**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1**Volumetria****Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2**Composição da fachada****Janelas:** 4 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim **Materiais de construção****Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** Metal; betão**Observações:**

Relativamente à fachada a mesma não contém platibanda nem apresenta qualquer elemento ornamental. O edifício possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 20

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.88

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de PVC**Portas:** PVC; vidro**Varanda:** -

Fig.89

Observações:

Relativamente á fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

## Ficha 21

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 1

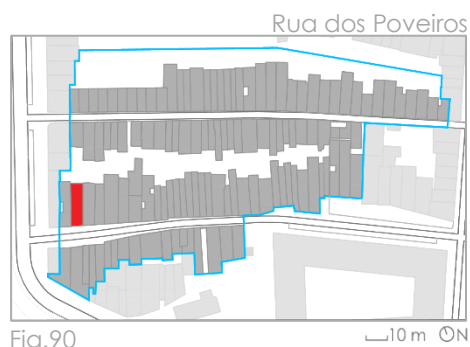


Fig.90

### Composição da fachada

**Janelas:** 1 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de PVC

**Portas:** PVC; vidro

**Varanda:** -

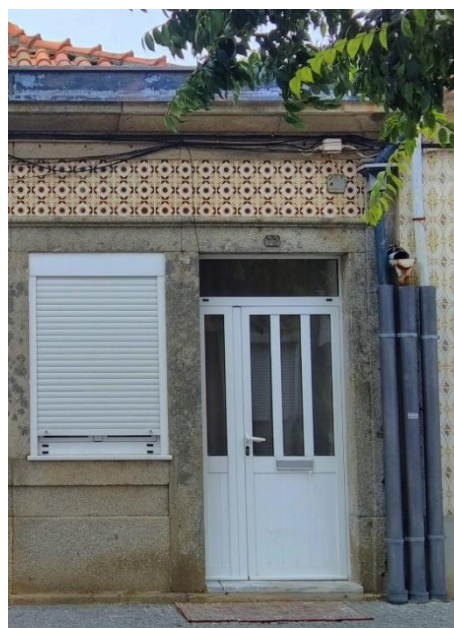


Fig.91

### Observações:

Relativamente á fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 22

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.92

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1

Fig.93

Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento  
cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de PVC**Portas:** PVC; vidro**Varanda:** -Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

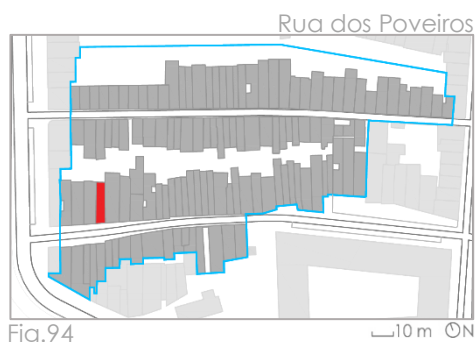
**Ficha 23****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1**Volumetria****Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2

Fig.94

10m N

**Composição da fachada****Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim **Materiais de construção****Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** Metal; betão

Fig.95

**Observações:**

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 24

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros

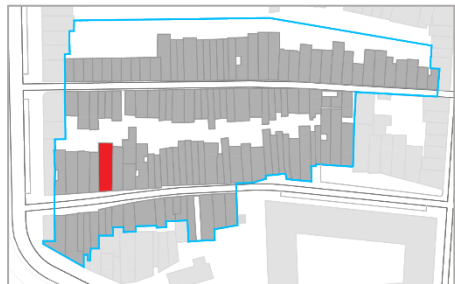
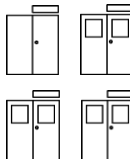


Fig.96

10 m ON

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2

Fig.97

Composição da fachada**Janelas:** 4 **Portas:** 4 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco de pedra;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** MetalObservações:

A fachada contém platibanda contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

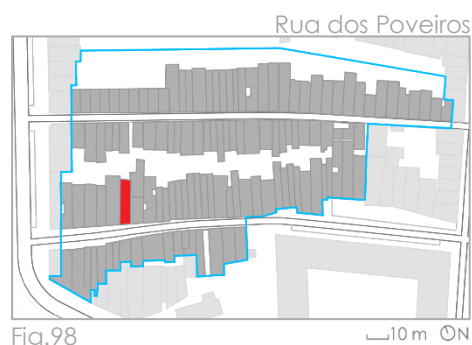
**Ficha 25****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1**Volumetria****Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1

Fig.98

10m ON

**Composição da fachada****Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** Não**Materiais de construção****Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** -

Fig.99

**Observações:**

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 26

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros

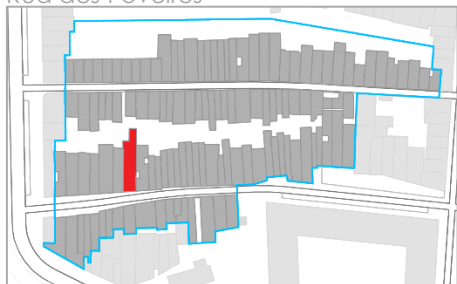


Fig.100

10m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1

Fig.101

Composição da fachada**Janelas:** 0**Portas:** 2 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha cerâmica não identificada**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** -**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** -Observações:

A fachada contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 27

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 2

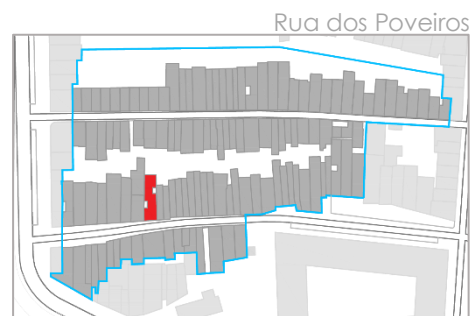


Fig.102

10m ON

### Composição da fachada

**Janelas:** 3 

**Portas:** 3 

**Varanda:** Sim 

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** Metal



Fig.103

### Observações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibanda contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 28

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.104

10m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de metal**Portas:** Metal; vidro**Varanda:** -

Fig.105

Observações:

A habitação partilha a cobertura com a habitação 29. Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 29

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2

### Volumetria

**Original:** Sim

**Tipo de cobertura:** Três águas

**Número de pisos:** 1

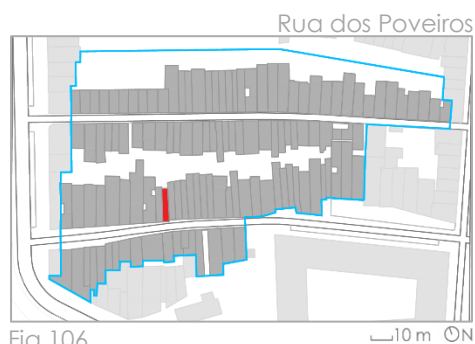


Fig.106

### Composição da fachada

**Janelas:** 1 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro; metal

**Varanda:** -



Fig.107

### Observações:

A habitação partilha a cobertura com a habitação 28. Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 30

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.108

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Duas águas**Número de pisos:** 1

Fig.109

Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda nem elementos ornamentais. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

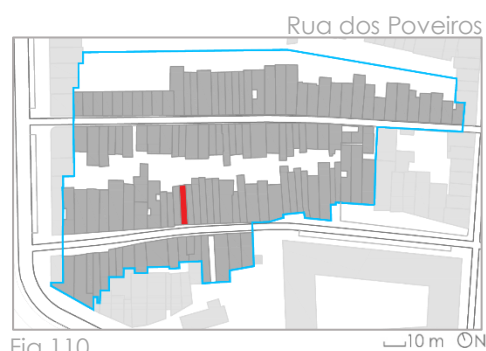
**Ficha 31****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1**Volumetria****Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Duas águas**Número de pisos:** 1

Fig.110

10 m

**Composição da fachada****Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** Não**Materiais de construção****Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de PVC**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig.111

**Observações:**

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda nem elementos ornamentais. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 32

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.112

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Médio**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Duas águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha cerâmica não identificada**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig. 113

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 33

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Sim

**Tipo de cobertura:** Duas águas

**Número de pisos:** 1

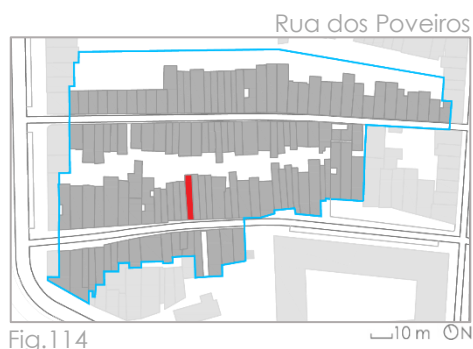


Fig.114

### Composição da fachada

**Janelas:** 1 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de PVC

**Portas:** PVC

**Varanda:** -



Fig.115

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 34

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.116

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Em obras**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Duas águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 -**Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de metal**Portas:** Metal; vidro**Varanda:** -

Fig.117

Observações:

Obras a decorrer, relativamente à fachada pré-existente acredita-se que mantém a métrica primitiva. Porém não é perceptível a pré-existência de qualquer platibanda ou elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior no rés-do-chão, proibida pelo PPVCCH.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 35

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Médio

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Sim

**Tipo de cobertura:** Duas águas

**Número de pisos:** 1

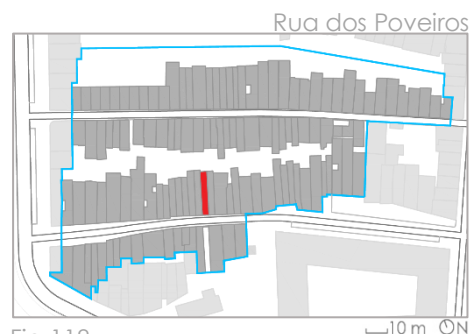


Fig.118

### Composição da fachada

**Janelas:** 1 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha canudo

**Revestimento:** Revestimento  
cerâmico;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Metal; vidro

**Varanda:** -



Fig.119

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma contém platibanda, apresenta ainda elementos ornamentais. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 36

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.120

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2

Fig.121

Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Reboco pintado**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** MetalObservações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma não contém platibandas, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

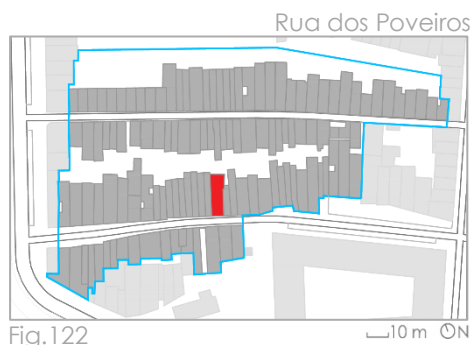
**Ficha 37**Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Médio**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2

Fig.122

Composição da fachada

**Janelas:** 4

**Portas:** 2

**Varanda:** Sim

Materiais de construção**Cobertura:** Telha cerâmica não identificada**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** Metal

Fig.123

Observações:

Trata-se de um edifício que contém duas habitações, uma referente ao piso inferior e a segunda no superior. A fachada não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 38

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig. 124

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Uma água**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 0**Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;**Janelas:** -**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig. 125

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

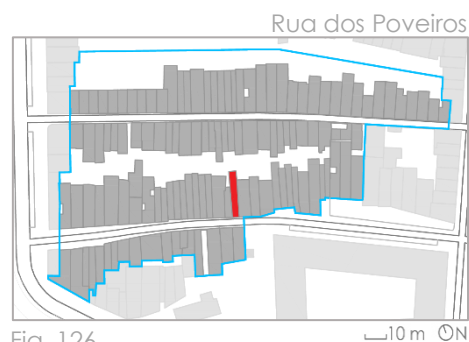
**Ficha 39****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1**Volumetria****Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1

Fig. 126

**Composição da fachada****Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** Não**Materiais de construção****Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig. 127

**Observações:**

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 40

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig. 128

10 m N

Dados gerais**Uso:** Restauração**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 2 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig. 129

Observações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 41

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Sim

**Tipo de cobertura:** Três águas

**Número de pisos:** 1

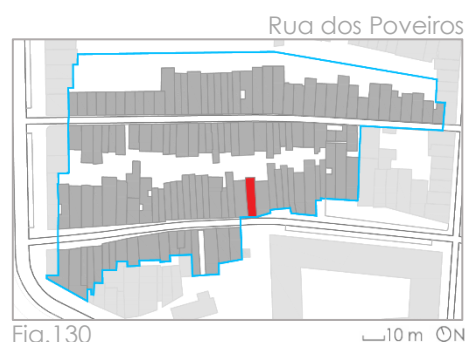


Fig.130

10 m N

### Composição da fachada

**Janelas:** 1 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Metal; vidro

**Varanda:** -



Fig.131

### Observações:

Relativamente a fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 42

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.132

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Médio**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1

Fig.133

Composição da fachada**Janelas:** 2 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de metal**Portas:** Metal; vidro**Varanda:** -Observações:

Relativamente à mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

## Ficha 43

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 2

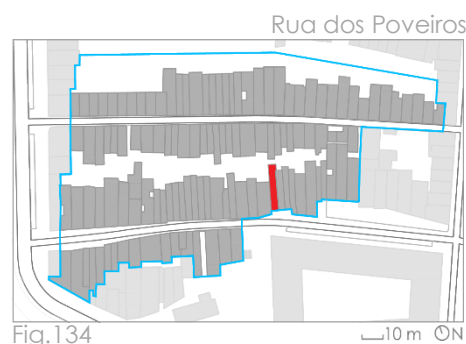


Fig.134

### Composição da fachada

**Janelas:** 3 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** PVC; vidro

**Varanda:** -



Fig.135

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 44

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.136

10m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** Metal; betão

Fig.137

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

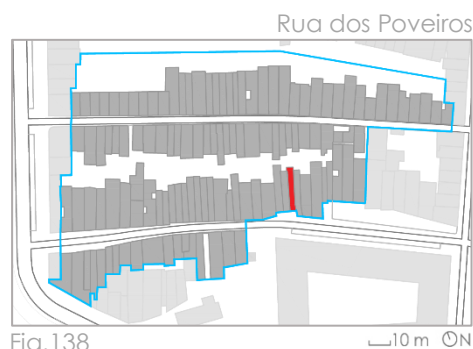
**Ficha 45****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1**Volumetria****Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2

Fig. 138

10m ON

**Composição da fachada****Janelas:** 2 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim **Materiais de construção****Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** PVC; vidro**Varanda:** Metal

Fig. 139

**Observações:**

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 46

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.140

10 m N

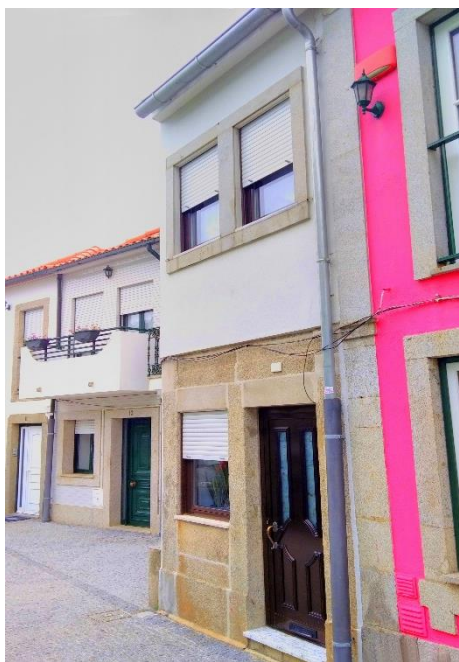
Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig.141

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

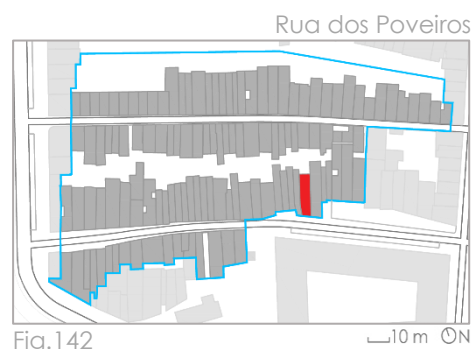
**Ficha 47****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1**Volumetria****Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2

Fig.142

10m ON

**Composição da fachada****Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** Não**Materiais de construção****Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira**Varanda:** -

Fig.143

**Observações:**

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 48

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.144

10 m ON

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 5 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Metal; vidro**Varanda:** Metal

Fig.145

Observações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 49

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Duas águas

**Número de pisos:** 2

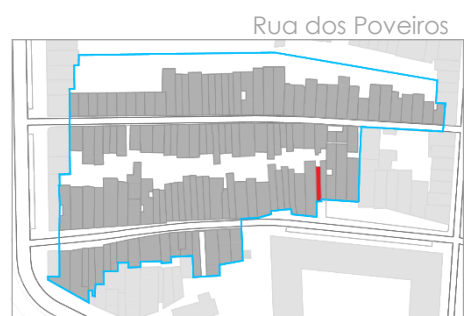


Fig.146

10 m ON

### Composição da fachada

**Janelas:** 3

**Portas:** 1

**Varanda:** Sim

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** Metal



Fig.147

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 50

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros



Fig.148

10m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Duas águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha cerâmica não identificada**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Reboco Pintado**Janelas:** Caixilharia de PVC**Portas:** PVC; vidro**Varanda:** -

Fig.149

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva, embora se tenha alterado a cêrcea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 51

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Médio

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 2

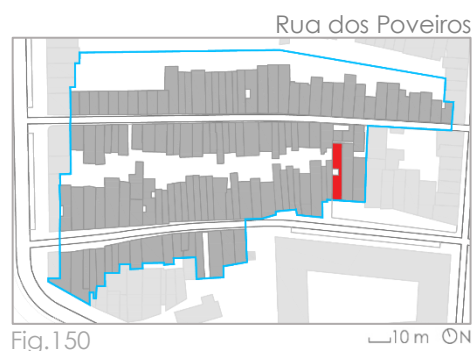


Fig. 150

### Composição da fachada

**Janelas:** 3

**Portas:** 1

**Varanda:** Sim

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro; metal

**Varanda:** Metal



Fig. 151

### Observações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibanda, apresenta ainda elementos ornamentais. A habitação possui caixa de estores exterior proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 52

Janeiro de 2017

Rua dos Poveiros

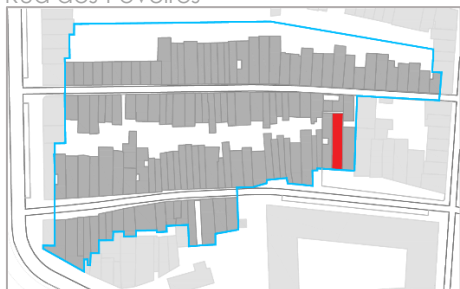


Fig.152

10 m ON

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira**Varanda:** Metal

Fig.153

Observações:

O edifício é constituído por duas moradias, a que se encontra representada nesta ficha e a habitação 53. Relativamente à fachada a mesma contém platibanda, sendo que também apresenta elementos ornamentais. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 53

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 2

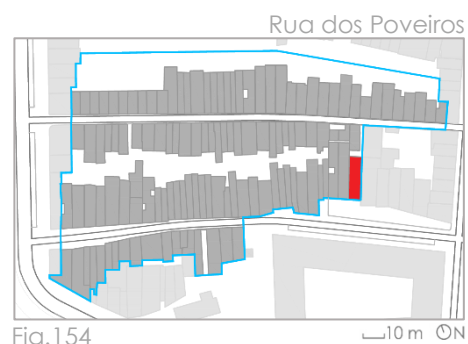


Fig.154

### Composição da fachada

**Janelas:** 1

**Portas:** 1

**Varanda:** Sim

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro; metal

**Varanda:** Metal



Fig.155

### Observações:

O edifício é constituído por duas moradias, a que se encontra representada nesta ficha e a habitação 52. Relativamente à fachada a mesma contém platibandas, sendo que também apresenta elementos ornamentais. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 54

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.156

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Mau**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 Vão cego**Portas:** 1**Varanda:** Não

Fig.157

Materiais de construção**Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** -**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** -Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 55

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2

### Volumetria

**Original:** Sim

**Tipo de cobertura:** Três águas

**Número de pisos:** 1

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.158

10 m N

### Composição da fachada

**Janelas:** 1 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** -



Fig.159

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma contém platibanda, contudo apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 56

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.160

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2

Fig.161

Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 2 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha marselha**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** MetalObservações:

Trata-se de duas habitações, uma correspondente a cada porta. Relativamente à fachada a mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 57

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 2

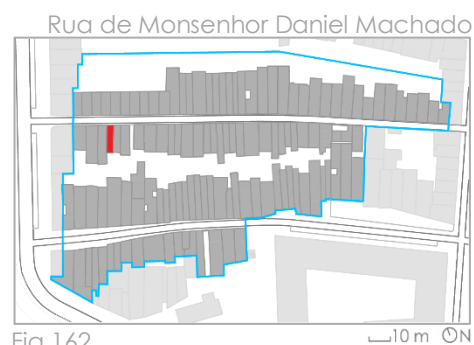


Fig. 162

10m ON

### Composição da fachada

**Janelas:** 3

**Portas:** 1

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha cerâmica não identificada

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** -



Fig. 163

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 58

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.164

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 2  **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** -

Fig.165

Observações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 59

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 2

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig. 166

10m ON

### Composição da fachada

**Janelas:** 3

**Portas:** 1

**Varanda:** Sim

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha canudo

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** Metal



Fig. 167

### Observações:

Relativamente a fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 60

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig. 168

10m N



Fig. 169

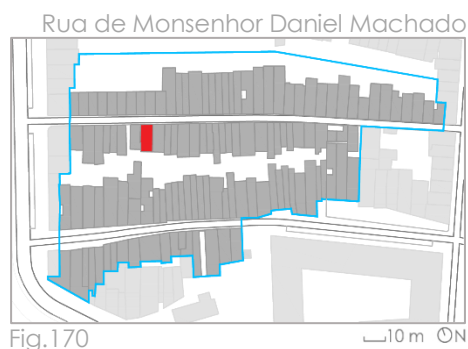
Dados gerais**Uso:** Restauração**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 3 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -Observações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



**Habitacões dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

**Ficha 61**Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -Observações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 62

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.172

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Médio**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig.173

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

**Habitacões dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

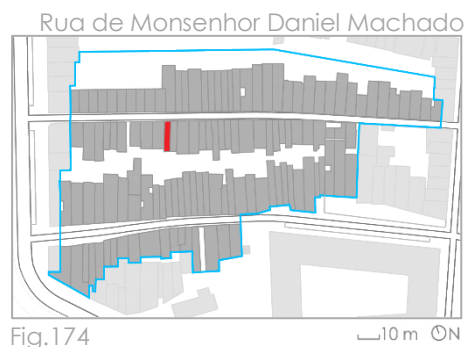
**Ficha 63****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Médio**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1**Volumetria****Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2

Fig.174

10 m ON

**Composição da fachada****Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** Não**Materiais de construção****Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** -

Fig.175

**Observações:**

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 64

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.176

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Médio**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 2 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig.177

Observações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 65

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

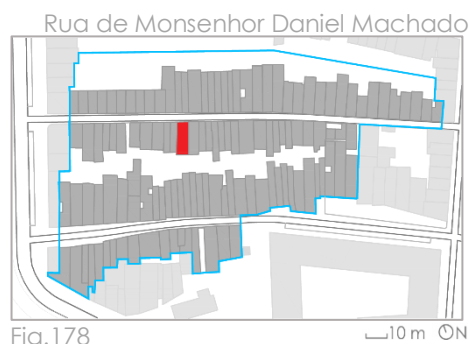
**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 2



### Composição da fachada

**Janelas:** 5

**Portas:** 1

**Varanda:** Sim

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha cerâmica não identificada

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** Metal; betão



### Observações:

Relativamente à fachada apesar a mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 66

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.180

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 2 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Metálico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig.181

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

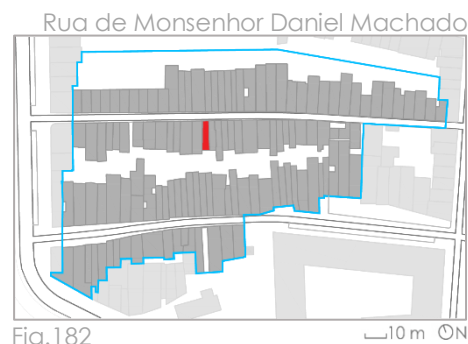
**Ficha 67****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2**Volumetria****Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2

Fig.182

10 m N

**Composição da fachada****Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** Não**Materiais de construção****Cobertura:** Telha marselha**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** -

Fig.183

**Observações:**

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 68

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado

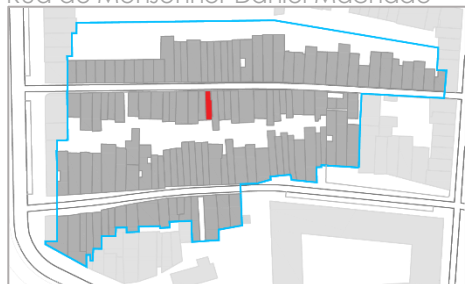


Fig.184

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira**Varanda:** -

Fig.185

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 69

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Médio

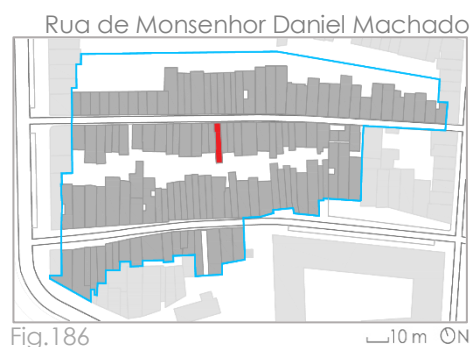
**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Sim

**Tipo de cobertura:** Três águas

**Número de pisos:** 1



### Composição da fachada

**Janelas:** 1 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro; metal

**Varanda:** -



Fig.187

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 70

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.188

10 m ON

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Médio**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1

Fig.189

Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** -Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

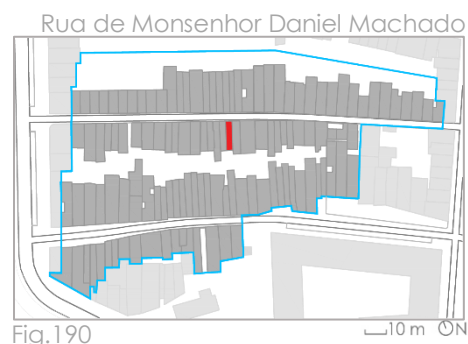
**Ficha 71****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1**Volumetria****Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2

Fig.190

**Composição da fachada****Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** Não**Materiais de construção****Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado  
Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** -

Fig.191

**Observações:**

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 72

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.192

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 2 **Portas:** 3   **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra;  
Metal**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** -

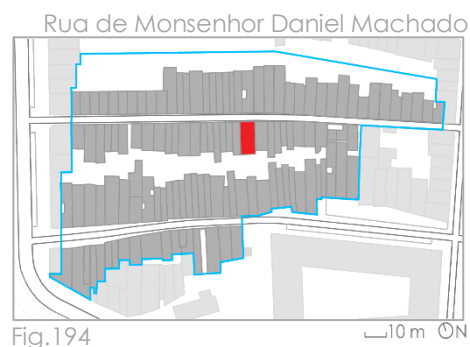
Fig.193

Observações:

Acredita-se que inicialmente o edifício era composto por três habitações, cada uma correspondente a uma das portas (devido a presença de três números de polícia), atualmente a mesma é constituída por dois alojamentos. Relativamente à fachada a mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental.

**Habitacões dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

**Ficha 73****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2**Volumetria****Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2**Composição da fachada**

|                 |     |  |
|-----------------|-----|--|
| <b>Janelas:</b> | 2   |  |
| <b>Portas:</b>  | 2   |  |
| <b>Varanda:</b> | Sim |  |

**Materiais de construção****Cobertura:** Telha marselha**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** Metal, betão**Observações:**

Relativamente à fachada a mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 74

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado

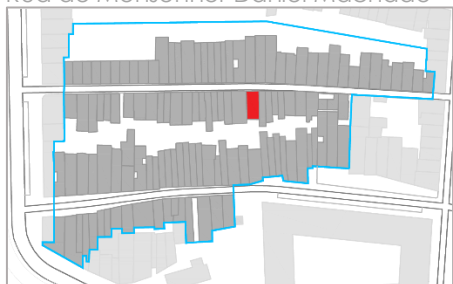


Fig.196

10m N



Fig.197

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra;  
Metal**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 75

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Sim

**Tipo de cobertura:** Duas águas

**Número de pisos:** 1

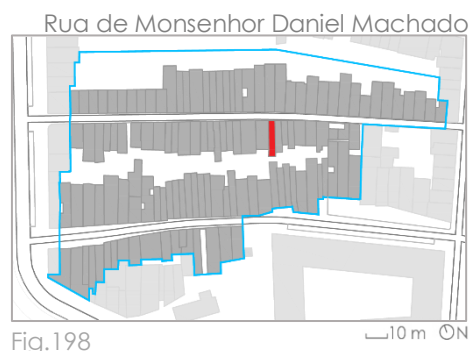


Fig.198

### Composição da fachada

**Janelas:** 1 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Reboco pintado

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** -



Fig. 199

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 76

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.200

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Médio**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig.201

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 77

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Três águas

**Número de pisos:** 1

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.202

10 m

### Composição da fachada

**Janelas:** 0

**Portas:** 1



**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha canudo

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** -

**Portas:** Madeira; vidro; Metal

**Varanda:** -



Fig.203

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 78

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.204

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Reboco pintado**Janelas:** Caixilharia de metal**Portas:** Metal; vidro**Varanda:** -

Fig.205

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 79

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Três águas

**Número de pisos:** 2

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.206

10 m ON

### Composição da fachada

**Janelas:** 3   

**Portas:** 1 

**Varanda:** Sim 

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** Madeira



Fig.207

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão embora se tenha alterado a cércea. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 80

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.208

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Plana**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 0**Portas:** 1 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** -**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra;  
Revestimento  
cerâmico**Janelas:** -**Portas:** Metal; vidro**Varanda:** Cimento

Fig.209

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 81

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Ruína

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Sim

**Tipo de cobertura:** -

**Número de pisos:** 1

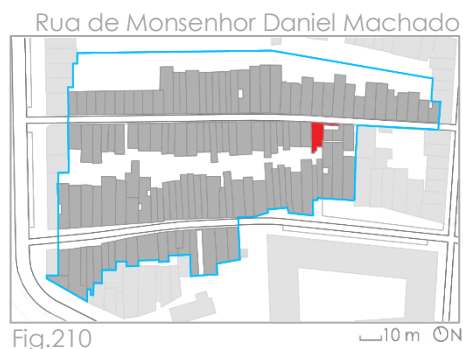


Fig.210

### Composição da fachada

**Janelas:** 1 Vão cego

**Portas:** 1

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** -

**Revestimento:** Cantaria de pedra

**Janelas:** -

**Portas:** Metal

**Varanda:** -



Fig.211

### Observações:

Relativamente à fachada a mesma encontra-se em ruína, acredita-se que inicialmente se tratava de duas habitações, sendo que a fachada era constituída por duas portas, posteriormente acredita-se (devido ao tapamento parcial de um dos vãos) que passou a ser apenas uma habitação. A mesma continha platibanda, porém não é perceptível ter existido qualquer elemento ornamental. A porta funciona atualmente como entrada a uma casa recuada a qual não se conseguiu acesso para registo.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 82

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.212

10 m N

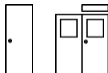
Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 2 **Portas:** 2 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** Metal

Fig.213

Observações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibanda e apresenta elementos ornamentais. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 83

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Três águas

**Número de pisos:** 2

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.214

10m

### Composição da fachada

**Janelas:** 3 

**Portas:** 3 

**Varanda:** Sim 

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** Metal



Fig.215

### Observações:

Atualmente o edifício tem duas habitações. Relativamente à fachada a mesma contém platibanda e também elementos ornamentais.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 84

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.216

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** Metal

Fig.217

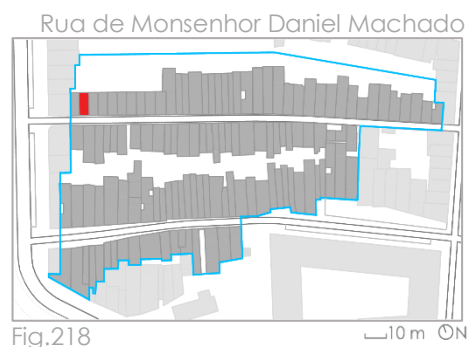
Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cêrcea. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

**Ficha 85****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1**Volumetria****Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2**Composição da fachada****Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** Não**Materiais de construção****Cobertura:** Telha cerâmica não identificada**Revestimento:** Reboco pintado  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de PVC**Portas:** PVC; vidro**Varanda:** -**Observações:**

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 86

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.220

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha cerâmica não identificada**Revestimento:** Reboco pintado;**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig. 221

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 87

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Três águas

**Número de pisos:** 2

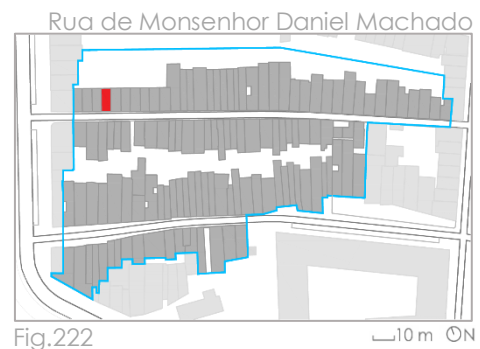


Fig.222

### Composição da fachada

**Janelas:** 3 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Reboco pintado

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** -



Fig.223

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 88

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.224

10m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** Metal

Fig.225

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 89

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Sim

**Tipo de cobertura:** Duas águas

**Número de pisos:** 1

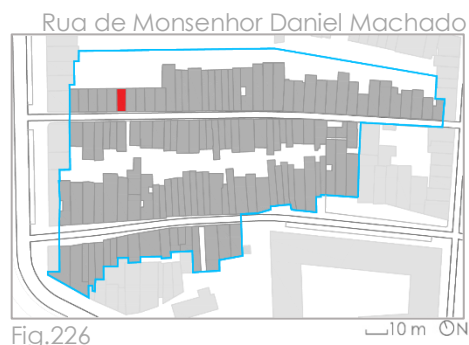


Fig.226

### Composição da fachada

**Janelas:** 1 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha cerâmica não identificada

**Revestimento:** Reboco pintado

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Metal; vidro

**Varanda:** -



Fig.227

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, que vem descrito como proibida no PPVCCH.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 90

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.228

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Duas águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha cerâmica não identificada**Revestimento:** Reboco pintado**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** PVC; vidro**Varanda:** Metal

Fig.229

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 91

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Médio

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 2

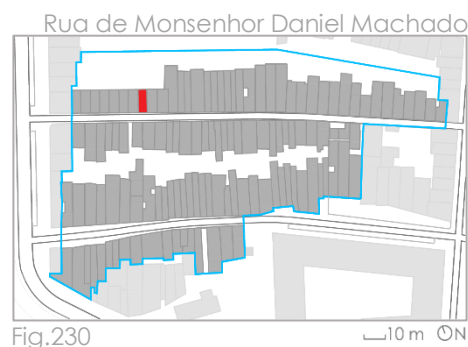


Fig.230

### Composição da fachada

**Janelas:** 3 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro; metal

**Varanda:** -



Fig.231

### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibandas, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 92

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.232

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 2 **Portas:** 2 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** -

Fig.233

Observações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibandas, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 93

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

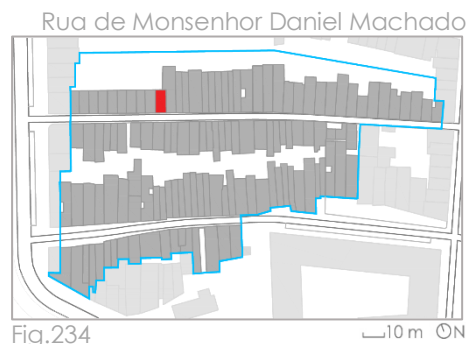
**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 2



### Composição da fachada

**Janelas:** 4

**Portas:** 2

**Varanda:** Sim

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro; metal

**Varanda:** Metal



### Observações:

Atualmente o edifício tem duas habitações. Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma não contém platibanda, nem elementos ornamentais.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 94

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado

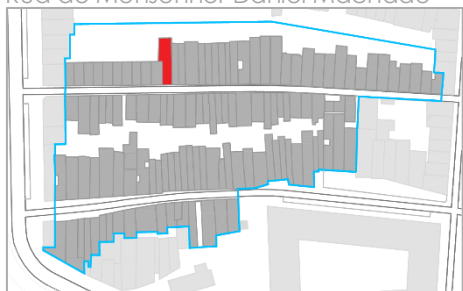


Fig.236

10m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig.237

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 95

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Sim

**Tipo de cobertura:** Três águas

**Número de pisos:** 1

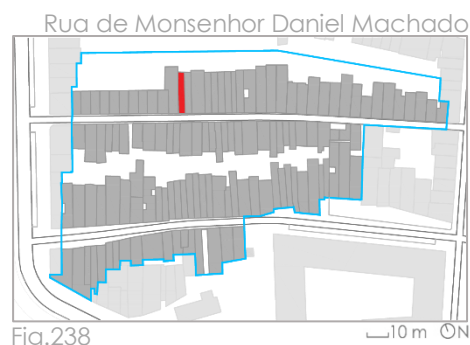


Fig.238

### Composição da fachada

**Janelas:** 1 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha canudo

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de PVC

**Portas:** PVC; vidro

**Varanda:** -



Fig.239

### Observações:

Acredita-se que inicialmente se tratava de duas habitações (devido aos números de polícia), atualmente funciona como apenas uma habitação. Relativamente à fachada a mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 96

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.240

10m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig.241

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 97

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Em obras

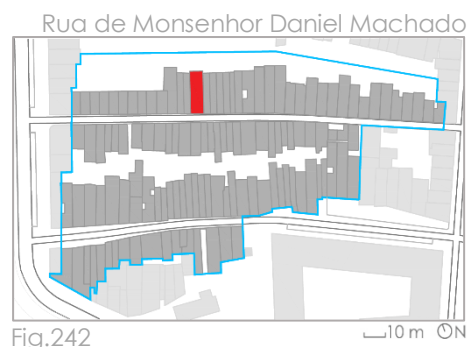
**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 2



### Composição da fachada

**Janelas:** 5 -

**Portas:** 1 -

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha canudo

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira

**Varanda:** -



### Observações:

Atualmente em obras, relativamente à fachada a mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, que vem descrito como proibida no PPVCCH.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 98

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.244

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig.245

Observações:

Inicialmente acredita-se se ter tratado de quatro habitações, uma vez que é perceptível ter existido quatro portas (na habitação 98 e 99), posteriormente transformaram-se em duas habitação e dois dos vãos foram parcialmente tapados. Relativamente à fachada a mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 99

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Médio

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Sim

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 1

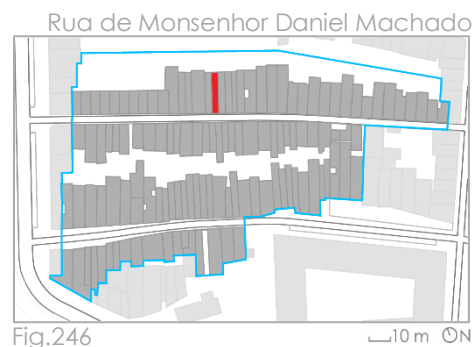


Fig.246

10m ON

### Composição da fachada

**Janelas:** 1 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** -



Fig.247

### Observações:

Inicialmente acredita-se se ter tratado de quatro habitações, uma vez que é perceptível ter existido quatro portas (na habitação 98 e 99), posteriormente transformaram-se em duas habitação e dois dos vãos foram parcialmente tapados. Relativamente à fachada a mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 100

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.248

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Duas águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** PVC; vidro**Varanda:** -

Fig.249

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

**Ficha 101****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Médio**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1**Volumetria****Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.250

10 m N

**Composição da fachada****Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** Não**Materiais de construção****Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** -

Fig.251

**Observações:**

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 102

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.252

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Duas águas**Número de pisos:** 1

Fig.253

Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de metal**Portas:** Madeira; metal**Varanda:** -Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

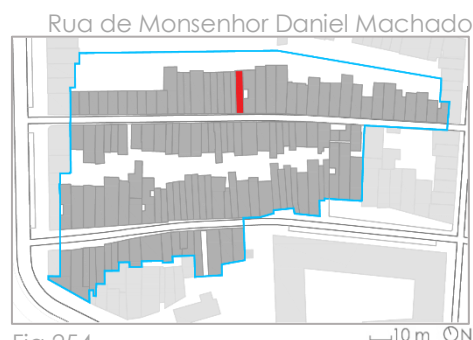
**Ficha 103****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1**Volumetria****Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Duas águas**Número de pisos:** 1

Fig.254

**Composição da fachada****Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** Não**Materiais de construção****Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** -

Fig.255

**Observações:**

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 104

Janeiro de 2017

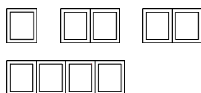
Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.256

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Médio**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada

**Janelas:** 4 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Sim 

Materiais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** Metal; betão

Fig.257

Observações:

Relativamente à fachada a mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 105

### Dados gerais

**Uso:** Restauração

**Estado geral:** Bom

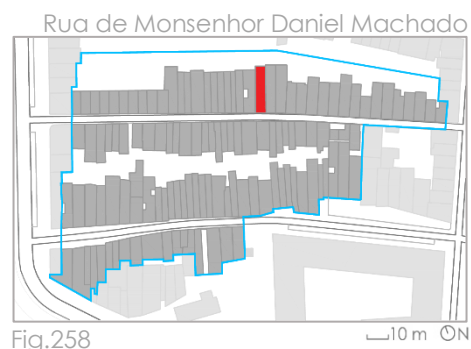
**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 2



### Composição da fachada

**Janelas:** 3 

**Portas:** 3 

**Varanda:** Sim 

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** Metal



### Observações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibanda e apresenta também elementos ornamentais. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 106

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.260

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 5 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha cerâmica não identificada**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig.261

Observações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 107

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Médio

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Quatro águas

**Número de pisos:** 2

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.262

10m 0N

### Composição da fachada

**Janelas:** 5 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Sim 

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha cerâmica não identificada

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro; metal

**Varanda:** Metal



Fig.263

### Observações:

Relativamente à fachada a mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 108

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.264

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** Metal

Fig.265

Observações:

Acredita-se que inicialmente se tratava de duas habitações, sendo que posteriormente apenas de uma, (devido a presença de dois números de polícia). Relativamente à fachada a mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 109

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Médio

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Cinco águas

**Número de pisos:** 2

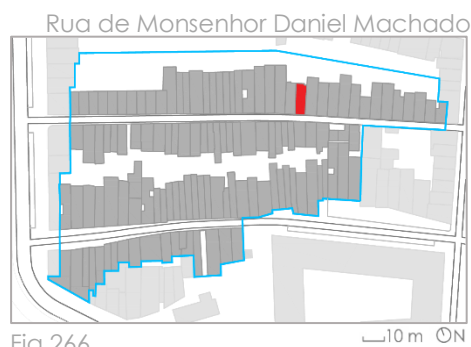


Fig.266

10m ON

### Composição da fachada

**Janelas:** 3 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Sim 

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha cerâmica não identificada

**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** Metal; betão;  
revestimento cerâmico



Fig.267

### Observações:

Relativamente à fachada a mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 110

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.268

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha cerâmica não identificada**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** MetalObservações:

Trata-se de duas habitações, acredita-se que uma no rés-do-chão e a segunda no piso superior. Relativamente à fachada a mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH.



Fig.269

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 111

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

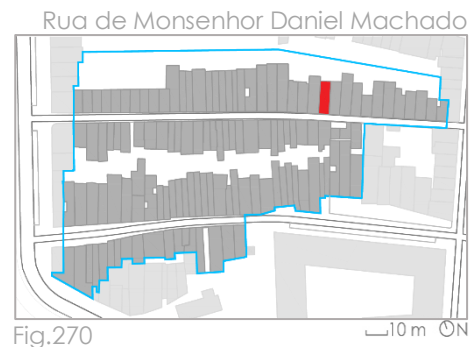
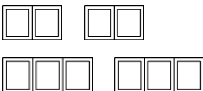
**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2

Fig.270

### Composição da fachada

**Janelas:** 4 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Sim 

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha portuguesa

**Revestimento:** Revestimento  
cerâmico;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal

**Varanda:** Metal; revestimento  
cerâmico



Fig.271

### Observações:

Trata-se de duas habitações, acredita-se que uma no rés-do-chão e a segunda no piso superior. Relativamente à fachada a mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 112

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.272

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira;**Varanda:** Metal

Fig.273

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. A habitação possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 113

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Ruína

**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Sim

**Tipo de cobertura:** -

**Número de pisos:** 1

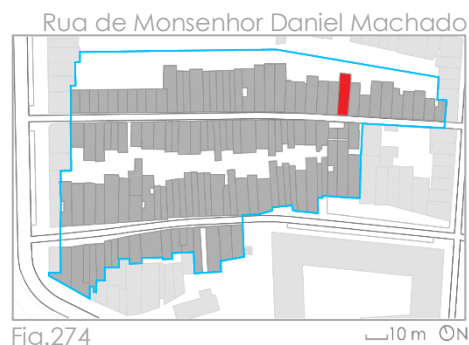


Fig.274

### Composição da fachada

**Janelas:** 1 -

**Portas:** 1 -

**Varanda:** Não



Fig.275

### Materiais de construção

**Cobertura:** Sem cobertura

**Revestimento:** Cantaria de pedra

**Janelas:** -

**Portas:** -

**Varanda:** -

### Observações:

Em ruína, apenas composta pela fachada principal. Apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 114

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.276

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra;  
Metal**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira**Varanda:** Metal

Fig.277

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

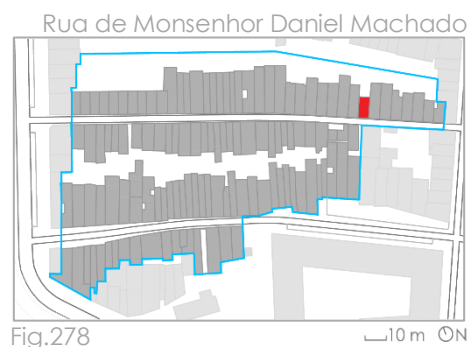
**Ficha 115****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Mau**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1**Volumetria****Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 1**Composição da fachada****Janelas:** 1 -**Portas:** 1 -**Varanda:** Não**Materiais de construção****Cobertura:** Telha portuguesa**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** -**Portas:** -**Varanda:** -

Fig.279

**Observações:**

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 116

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.280

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1Volumetria**Original:** Sim**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 1Composição da fachada**Janelas:** 1 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig.281

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta qualquer elemento ornamental.



**Habitações dos pescadores da Ribeira**

Janeiro de 2017

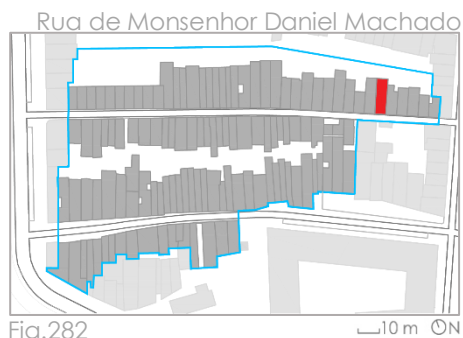
**Ficha 117****Dados gerais****Uso:** Habitacional**Estado geral:** Médio**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2**Volumetria****Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2

Fig.282

10m ON

**Composição da fachada****Janelas:** 4 **Portas:** 2 **Varanda:** Sim **Materiais de construção****Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Revestimento  
cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro; metal**Varanda:** Metal

Fig.283

**Observações:**

Trata-se de duas habitações. Relativamente à fachada a mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. O edifício possui caixa de estores exterior, proibida pelo PPVCCH. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 118

Janeiro de 2017

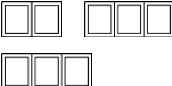
Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.284

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Quatro águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada

**Janelas:** 3 

**Portas:** 1 

**Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha canudo

**Revestimento:** Revestimento  
cerâmico;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig.285

Observações:

Relativamente à fachada a mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 119

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Bom

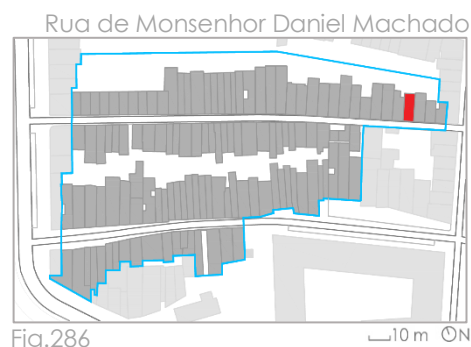
**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Três águas

**Número de pisos:** 2



### Composição da fachada

**Janelas:** 3 

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha canudo

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de madeira

**Portas:** Madeira; vidro

**Varanda:** -



### Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 120

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado

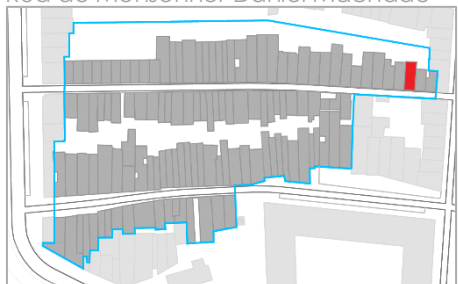


Fig.288

10 m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** Sim Materiais de construção**Cobertura:** Telha canudo**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Reboco pintado;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** Metal, betão

Fig.289

Observações:

Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva no rés-do-chão, embora se tenha alterado a cércea. A mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## Habitações dos pescadores da Ribeira

Janeiro de 2017

Ficha 121

### Dados gerais

**Uso:** Habitacional

**Estado geral:** Em obras

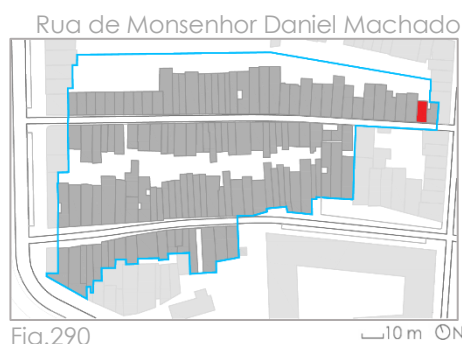
**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 1

### Volumetria

**Original:** Não

**Tipo de cobertura:** Três águas

**Número de pisos:** 2



### Composição da fachada

**Janelas:** 3  --

**Portas:** 1 

**Varanda:** Não

### Materiais de construção

**Cobertura:** Telha cerâmica não identificada

**Revestimento:** Reboco pintado;  
Cantaria de pedra

**Janelas:** Caixilharia de metal

**Portas:** Metal; vidro

**Varanda:** -



### Observações:

Atualmente em obras. Relativamente à fachada apesar de não se conhecer a pré-existência, acredita-se que mantém a métrica primitiva, embora se tenha alterado a cércea. A mesma contém platibanda, contudo não apresenta nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.



## Habitações dos pescadores da Ribeira

## Ficha 122

Janeiro de 2017

Rua de Monsenhor Daniel Machado



Fig.292

10m N

Dados gerais**Uso:** Habitacional**Estado geral:** Bom**Classe atribuída pelo PPCHVC:** 2Volumetria**Original:** Não**Tipo de cobertura:** Três águas**Número de pisos:** 2Composição da fachada**Janelas:** 3 **Portas:** 1 **Varanda:** NãoMateriais de construção**Cobertura:** Telha marselha**Revestimento:** Revestimento cerâmico;  
Cantaria de pedra**Janelas:** Caixilharia de madeira**Portas:** Madeira; vidro**Varanda:** -

Fig.293

Observações:

Acredita-se que inicialmente era composta por duas habitações (devido aos dois números de polícia). Relativamente à fachada a mesma não contém platibanda, nem apresenta qualquer elemento ornamental. São também visíveis cabos de ligação de telecomunicações e de abastecimento de luz.

## 4.2 Análise comparativa

Com base nas fichas de inventário, foram realizadas tabelas de análise comparativa (disponíveis no anexo), a partir das quais se retirou a informação que se sintetizará em gráficos. Desta forma nos gráficos seguintes serão abordados as seguintes categorias: volumetria, tipo de cobertura, número de pisos, número de janelas e portas por edifício, imóveis com varandas e materialidade.

### 4.2.1 Volumetria

Quanto à volumetria (de acordo com o lote que foi possível medir a partir da planta do ano 1941), 53 habitações mantém a volumetria original, sendo que 69 delas foram alteradas.

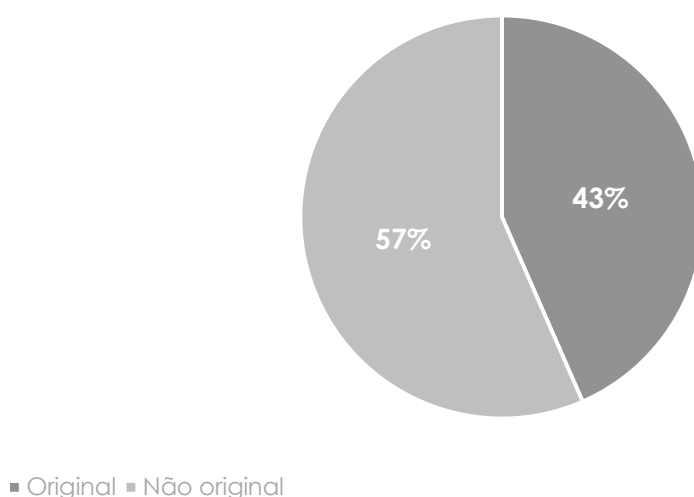
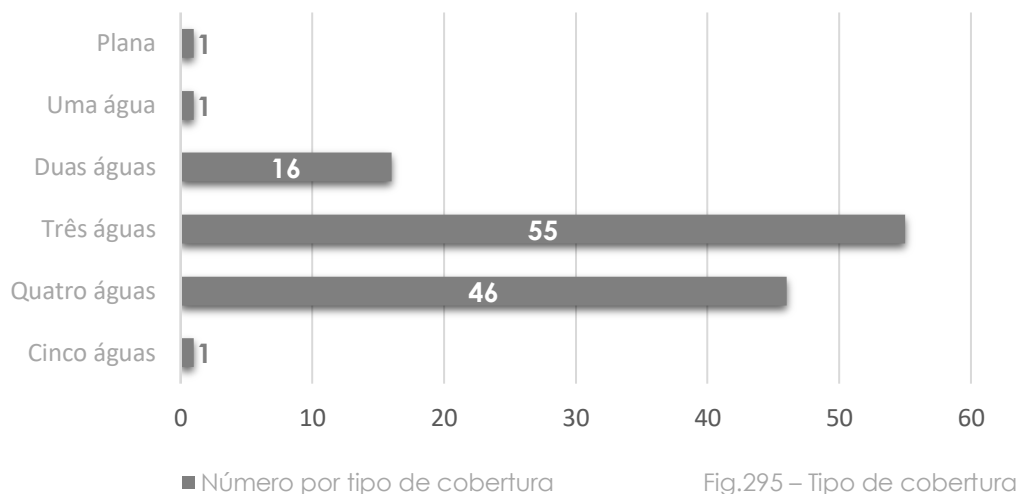


Fig.294 – Volumetria

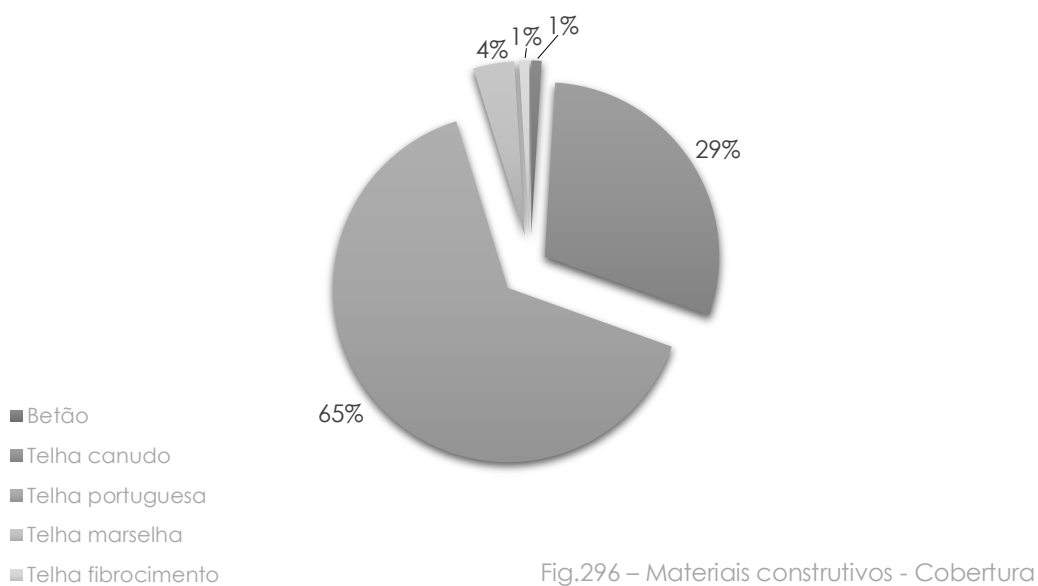
### 4.2.2 Tipo de cobertura

Analisando o tipo de cobertura das habitações, é perceptível que a maioria são de três águas representando 46%, seguindo-se as de quatro águas com 38%, sendo que as de duas águas rondam os 13% e uma de cobertura plana e de uma água representam cada uma delas 1%. É relevante mencionar que duas habitações não possuem cobertura, por se encontrarem em ruínas.



#### 4.2.2.1 Materiais construtivos - Cobertura

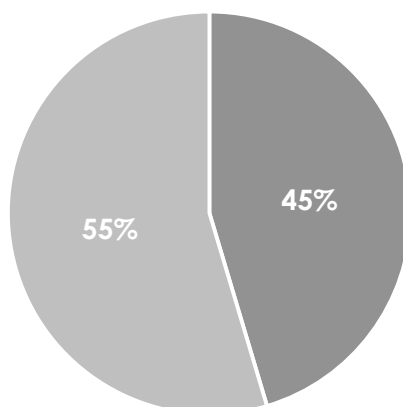
Em relação ao material da cobertura, existe 1 habitação com cobertura de betão; 31 com telha canudo; 68 com telha portuguesa; 4 com telha marseilha; 1 com telha fibrocimento.



#### 4.2.3 Número de pisos

Quanto ao número de pisos existem 51 habitações de rés-do-chão e 71 de rés-do-chão e andar. É relevante mencionar que se acredita que inicialmente as habitações em estudo seriam todas apenas de rés-do-chão.





■ Rés-do-chão ■ Rés-do-chão + andar

Fig.297 - Número de pisos

#### 4.2.3.1 Materiais construtivos – Revestimento das fachadas

Ao analisar os materiais utilizados no revestimento das fachadas, foi verificado que existem: 7 habitações com reboco pintado; 6 de cantaria de pedra; 4 com reboco pintado e revestimento cerâmico; 54 com reboco pintado e cantaria de pedra; 42 com revestimento cerâmico e cantaria de pedra; 6 de reboco pintado, revestimento cerâmico e cantaria de pedra; 1 de cantaria de pedra e metal; 2 com reboco pintado, cantaria de pedra e metal.

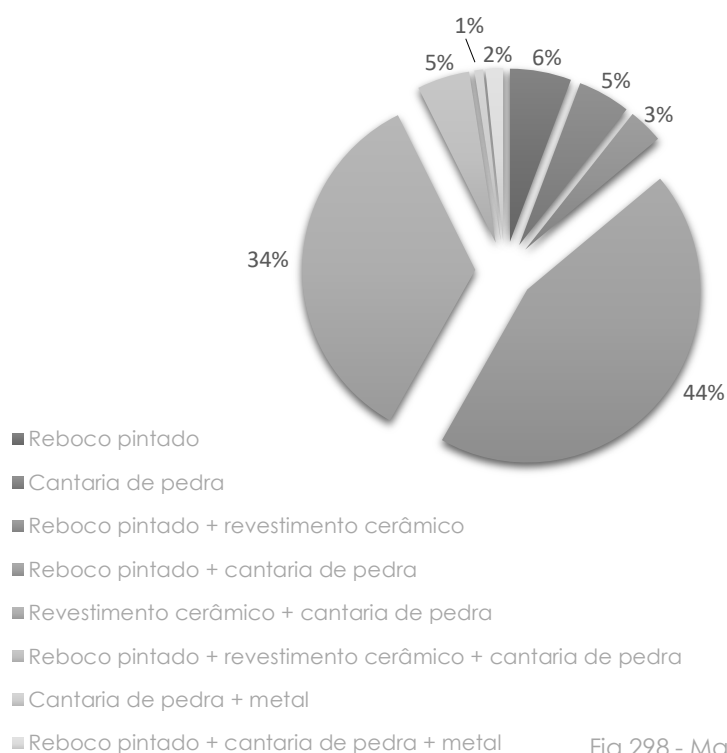
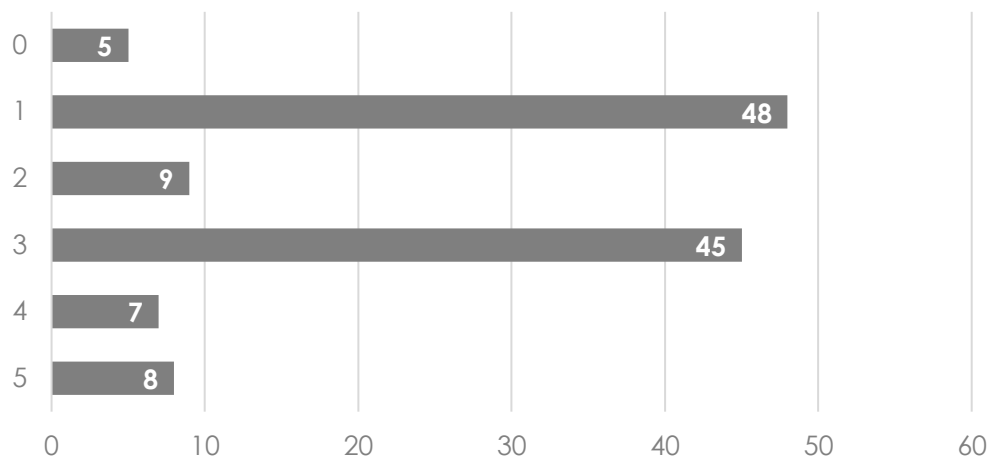


Fig.298 - Materiais de construtivos - Revestimento da fachada

#### 4.2.4 Número de janelas

Relativamente ao número de janelas por habitação, foi perceptível que a maioria possui apenas uma janela representando os 39%, seguindo-se as habitações que têm três janelas com 37%, sendo que as que possuem duas ou cinco têm a percentagem de 7% cada uma, as que contêm quatro representam os 6% e as que não têm nenhuma retratam os 4%.



■ Número de janelas

Fig.299 - Número de janelas

Em relação ao número de folhas por janelas, as percentagens são as seguintes: uma folha - 12%; duas folhas - 78%; três folhas - 6%; quatro folhas - 1%; uma folha com bandeira - 1%; duas folhas com bandeira - 2%.

##### 4.2.4.1 Materiais construtivos – Caixilharias das janelas

Analisando as habitações verificou-se que os materiais utilizados nas caixilharias, foram em: 95 habitações caixilharia de madeira (84%); 8 habitações caixilharia de metal (7%); 10 habitações caixilharia de PVC (9%).

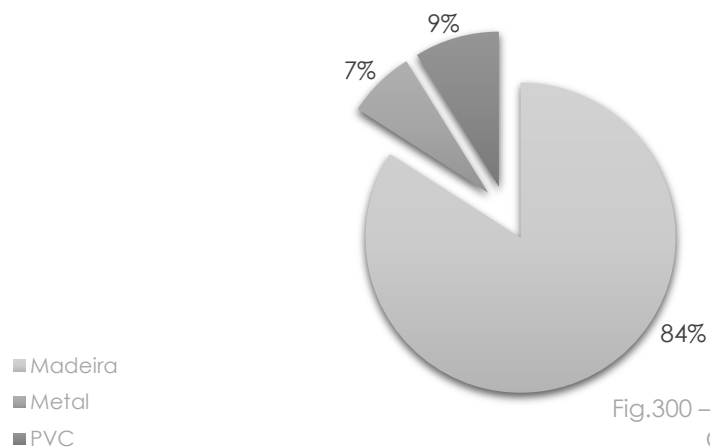


Fig.300 – Materiais de construtivos - Caixilharia das janelas

#### 4.2.5 Número de portas

Ao analisar o número de portas por edifício observou-se que o que predomina é a existência de apenas uma porta, sendo que 87% das habitações se encontram neste grupo. Seguindo-se as de duas portas representando 7%, os imóveis que possuem três portas constituem os 5% e por fim apenas existe 1% de edifício com quatro portas.

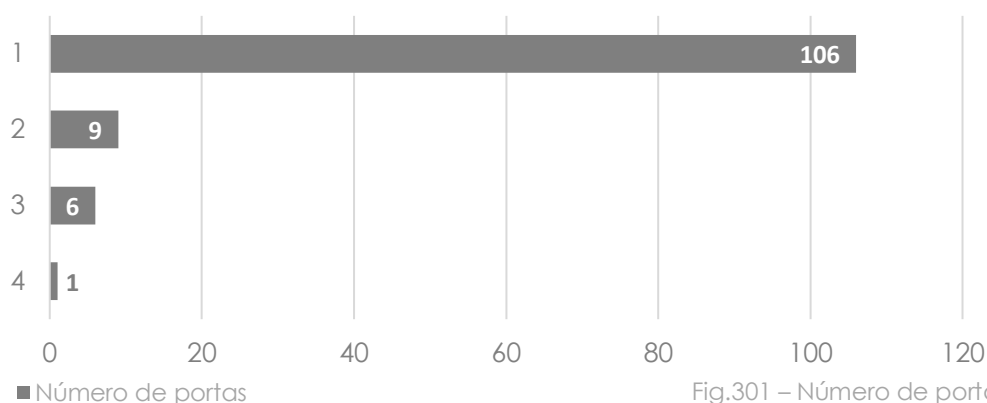


Fig.301 – Número de portas

Em relação ao número de folhas por portas, as percentagens são as seguintes: uma folha - 10%; duas folhas - 2%; três folhas - 1%; duas folhas com uma bandeira - 2%; duas folhas com duas bandeiras - 1%; uma folha com uma janela - 25%; duas folhas com uma janela - 5%; duas folhas com duas janelas - 28%; uma folha com janela mais bandeira - 2%; duas folhas com duas janelas e uma bandeira 12%; duas folhas com duas janelas e duas bandeiras - 2%.

##### 4.2.5.1 Materiais construtivos – Portas

Quanto aos materiais utilizados nas portas verificou-se que: 8 edifícios têm portas de madeira; 2 têm portas de metal; 1 de madeira e metal; 53 contam com portas de madeira e vidro; 11 com portas metal e vidro; 31 têm portas madeira, metal e vidro; 1 só apresenta porta de PVC e 11 têm portas de PVC e vidro.

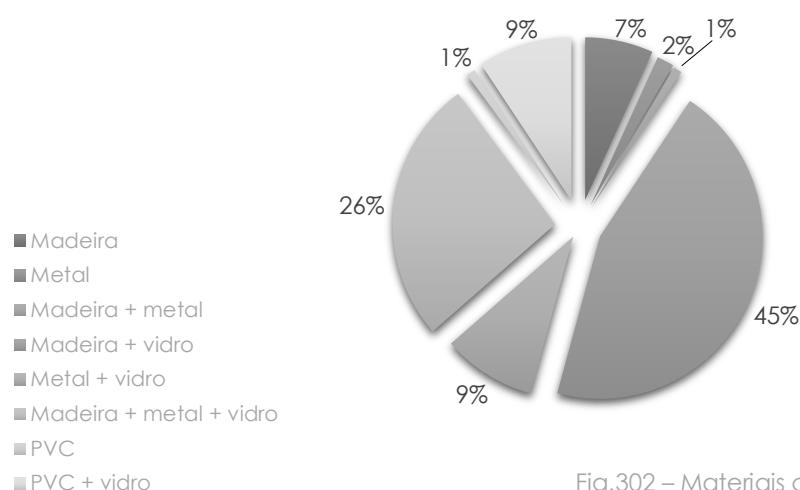


Fig.302 – Materiais construtivos - Portas

#### 4.2.6 Número de varandas

Examinando as habitações foi perceptível que existem 42 que possuem varanda, sendo que a maioria (80 imóveis) não têm varanda. Sabe-se ainda que das moradias que possuem varanda 83% se encontram em consola, sendo que 17% não.

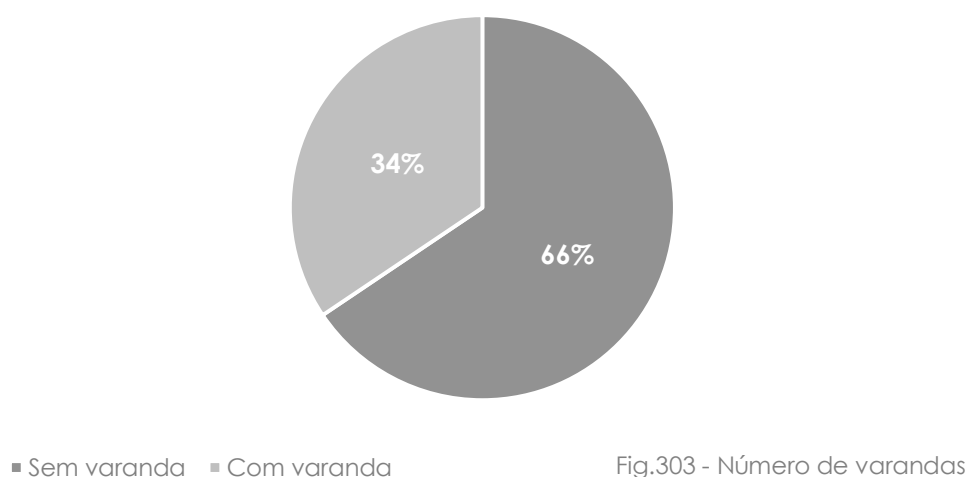


Fig.303 - Número de varandas

##### 4.2.6.1 Materiais construtivos – Varandas

Ao analisar os imóveis que possuem varandas observou-se que 1 habitação tem como material construtivo cimento; 1 tem madeira; 31 têm varanda de metal; 8 de betão e metal; 2 de betão, metal e revestimento cerâmico.

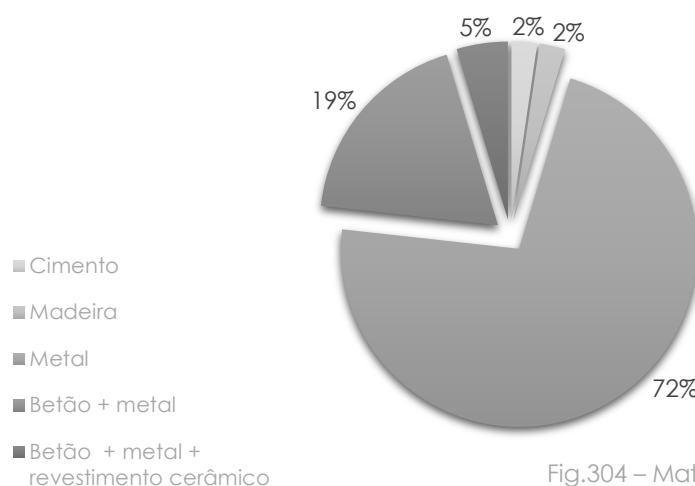


Fig.304 – Materiais construtivos - Varandas

Em resumo, inicialmente as habitações eram térreas, atualmente a maioria é constituída por rés-do-chão e andar. O tipo de cobertura dominante é a de três águas e o material mais utilizado é a telha portuguesa.

Em relação aos materiais de construção presentes nas fachadas das habitações, foi possível apurar através do inventário que predominam o reboco pintado e a cantaria de pedra. Contudo foi também possível verificar que a colocação de certos materiais nas fachadas principais, tais com o metal e azulejo industrial descaracterizam os edifícios.

Quanto a composição da fachada em termos de vãos, as habitações que contêm mais do que duas janelas por piso contribuem para a descaracterização tanto a nível individual como do conjunto, o mesmo ocorre quando as janelas possuem mais que duas folhas. Atualmente a porta mais comum é a de duas folhas e bandeira, em termos de materialidade a maioria é de madeira e vidro, não prejudicando a identidade arquitetónica do local. É relevante referir que a utilização de PVC ou metal quando na sua totalidade, podem igualmente contribuir para a descaracterização. Outro elemento presente nas habitações dos pescadores do Bairro da Ribeira, descaracterizador é a presença de varandas, as mesmas surgem em consola ou por pisos recuados.



## 5. SISTEMATIZAÇÃO





## 5. Sistematização

Neste capítulo realizar-se-á uma análise comparativa entre o que se conseguiu apurar na fundamentação teórica e na contextualização, sobre a arquitetura piscatória dos casos de proximidade, Póvoa de Varzim e Caminha, em comparação com a arquitetura piscatória em estudo nas habitações dos pescadores da Ribeira. O principal objetivo é perceber como seriam originalmente as habitações dos pescadores, compreendendo desta forma o que criou a sua identidade arquitetónica.

### 5.1 Análise da evolução das habitações

Como já foi analisado anteriormente as habitações dos pescadores da Ribeira era de dimensão reduzida, numa fase inicial em termos de organização da rua tinha-se acesso ao hall de entrada/sala, porém as habitações encontravam-se a uma cota inferior em relação à rua, desta forma foi colocado um degrau para ajudar a transição entre o exterior e o interior. Desse compartimento tinha-se acesso a um corredor que se encontrava do lado direito da habitação, que fazia a distribuição para dois quartos localizados à esquerda e para a cozinha no fundo da habitação, da mesma tinha-se acesso ao logradouro, utilizado para arrumos de aparelhos e utensílios da atividade piscatória.

Desta forma, numa primeira fase a habitação terá sido organizada do seguinte modo:

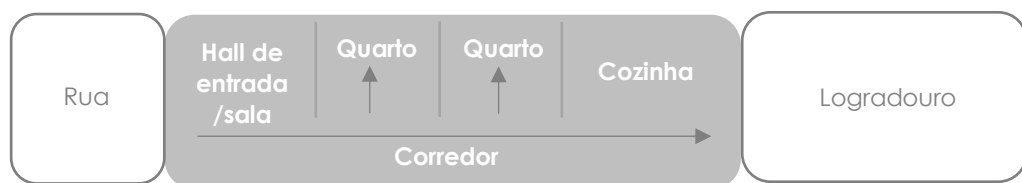


Fig. 305 – Organização na 1ª fase

Numa segunda fase, a única evolução que as habitações terão sofrido terá sido a construção de um anexo com função de instalação sanitária no fundo do logradouro. O esquema desta fase de evolução é o seguinte:

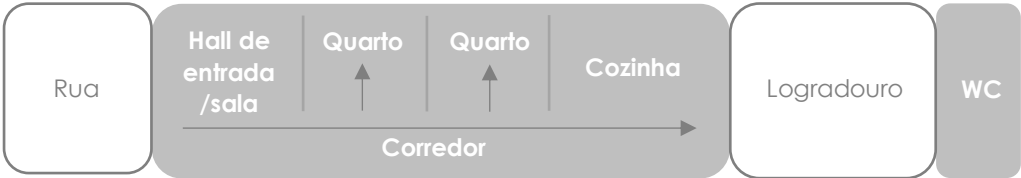


Fig. 306 – Organização na 2ª fase de evolução

Posteriormente, numa terceira fase de evolução é perceptível que as habitações começam a apresentar algumas dissemelhanças, provavelmente provenientes das condições financeiras de cada família como já foi mencionado. Nesta fase é notável algumas diferenças em comparação as fases anteriores, tais como a abertura de novos vãos devido à procura de luz natural, o aumento de algumas peças na habitação ou o surgimento de novas, como por exemplo a colocação das instalações sanitárias no interior. Nesta fase surgiu também um novo elemento, o terraço, do qual se encontrou duas tipologias, uma delas desenvolvida por cima do anexo/wc e da zona exterior (Fig.307), proporcionando um género de cobertura à zona exterior e a segunda tipologia aproveitando apenas a parte superior do anexo (antigas instalações sanitárias) (Fig.308).



Fig. 307 – Terraço, tipologia 1  
Esc:1/200

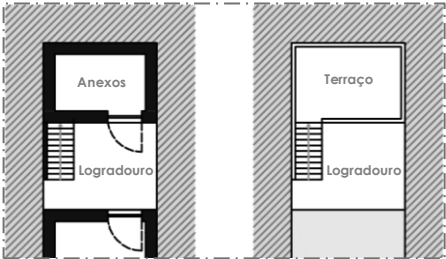


Fig. 308 – Terraço, tipologia 2  
Esc:1/200

Desta forma realizou-se uma tabela comparativa dos casos de estudo em comparação a arquitetura piscatória, de maior proximidade analisadas na fundamentação teórica, sendo estas as comunidades piscatórias da Póvoa de Varzim e de Caminha. Nesta fase será feita uma comparação em relação as fases de evolução do interior das habitações.

| 1ª Fase da habitação |                                                               |
|----------------------|---------------------------------------------------------------|
| Viana do Castelo     | Rua → Hall de entrada/sala → 2 Quartos → Cozinha → Logradouro |
| Póvoa de Varzim      | Rua → Sala + Camaretas → Cozinha → Logradouro                 |
| Caminha              | Rua → Hall de entrada/sala → 2 Quartos → Cozinha → Logradouro |

| <b>2ª Fase de evolução da habitação</b> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-----------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Viana do Castelo</b>                 | Rua → Hall de entrada/sala → 2 Quartos → Cozinha → Logradouro → instalações sanitárias                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| <b>Póvoa de Varzim</b>                  | Rua → Sala/2 Quartos → Cozinha → Logradouro                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>Caminha</b>                          | Rua → Hall de entrada/sala → 2 Quartos → Cozinha → Arrumos (semienterrados)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| <b>3ª Fase de evolução da habitação</b> |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
| <b>Viana do Castelo</b>                 | <p>- Abertura de novos vãos.</p> <p>- Aumento de algumas divisões.</p> <p>- Em alguns casos as instalações começam a aparecer no interior da habitação.</p> <p>- Surgimento de terraços, do qual foram encontradas duas tipologias:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• No caso da habitação possuir casa de banho no anexo, foi desenvolvido um terraço por cima do mesmo e da zona exterior (Fig.307), proporcionando um género de cobertura na zona exterior.</li> <li>• A segunda tipologia aparece quando as instalações sanitárias se encontram dentro da habitação, desta forma o terraço surge apenas na parte superior do anexo (antigo wc) cobertura acessível (este elemento encontra-se separado da habitação (Fig.308).</li> </ul> |
| <b>Póvoa de Varzim</b>                  | <p>- Devido à procura de espaço para arrumos, no caso da Póvoa de Varzim a cobertura da sala que antes era de telha à vista passou a ser lisa, ganhando desta forma a função de arrumos, desta forma surge um novo piso chamado de falso.</p> <p>- Posteriormente o falso ganha altura devido à busca de luz natural. Desta forma a cobertura da habitação separa-se em dois, sendo que a da cozinha se mantém e a do falso sobe, esta peça tem a função de arrumos e de quarto para as crianças quando necessário.</p>                                                                                                                                                                                                                                  |

|                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|----------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Caminha</b> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Nesta fase algumas habitações ganham um compartimento superior em cima dos arrumos semienterrados, com a função de sala.</li> <li>- Em outros casos surge uma divisão com a função de casa de banho, a mesma pode aparecer dentro da habitação, ou na zona exterior próximo dos arrumos semienterrados.</li> </ul> |
|----------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fig. 309 – Tabela com as fases de evolução da habitação

Numa primeira fase as habitações mais semelhantes às habitações da Ribeira de Viana do Castelo eram as de Caminha, sendo que a sua organização era composta por um de hall de entrada/sala, um corredor que dava acesso a dois quartos e a cozinha no fundo da habitação, a partir da qual se podia aceder ao logradouro. Já no caso da Póvoa de Varzim da rua entrava-se para a sala onde existiam camaretas, seguindo-se da cozinha que dava acesso ao logradouro.

Numa segunda fase começam a aparecer variações de caso para caso, em relação às habitações da Ribeira de Viana a única alteração encontrada é a construção de um anexo no fundo do logradouro com a função de wc. No caso da Póvoa de Varzim o que marca esta fase de evolução é o desaparecimento das camaretas, uma vez que foram colocados paredes de tabique ou tapamentos de madeira, formando assim dois quartos com os vãos orientados para a sala. Por sua vez em Caminha depois foi criado um espaço semienterrado utilizado para arrumos acessível por uma porta após a cozinha.

Numa terceira fase no caso de Viana do Castelo como já foi referido surgiu a abertura de novos vãos, também ocorreu o aumento de algumas divisões, sendo que em alguns casos os wc começaram a aparecer no interior da habitação. Houve também o aparecimento de terraços. No caso da Póvoa de Varzim devido a procura de espaços para arrumação e de luz natural surgiu um novo piso chamado de falso, que posteriormente podia ser utilizado como quarto para as crianças. No caso das habitações de Caminha alguma delas ganham uma nova divisão superior em cima dos arrumos semienterrados, em relação ao wc, o mesmo pode surgir no interior da habitação ou próximo dos arrumos semienterrados.

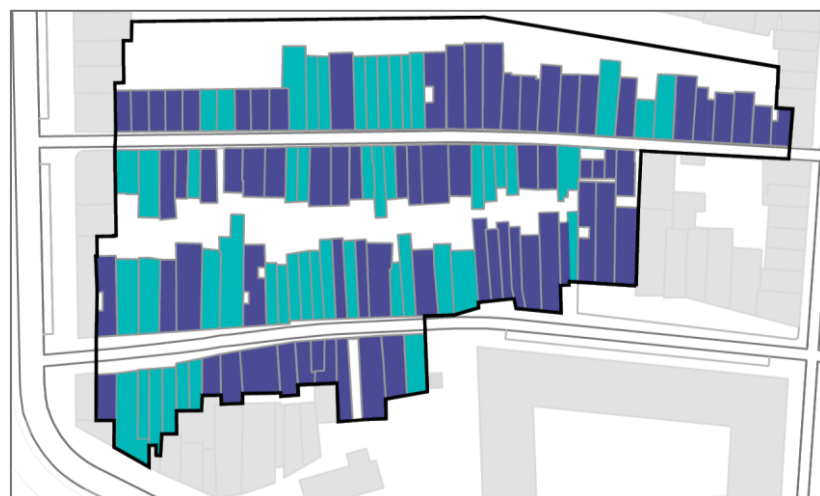
Deste modo é perceptível que cada comunidade teve a sua própria forma de desenvolver as suas habitações ao longo dos tempos, de acordo com as suas necessidades e posses financeiras.

## 5.2 Análise da fachada principal

Em relação à volumetria acredita-se que as habitações dos pescadores da Ribeira de Viana do Castelo, eram inicialmente térreas, de pequenas dimensões, as suas paredes eram realizadas em cantaria de pedra e caiadas de branco. Relativamente aos vãos as mais antigas habitações possuíam apenas uma porta, sendo que posteriormente se adicionou uma janela, a materialidade das portas e das caixilharias das janelas eram de madeira.

Numa segunda fase de evolução é perceptível que as habitações começaram a apresentar também cores variadas e azulejo não industrializado. Em relação aos vãos para além dos esquemas já existentes começam a aparecer casas com uma porta e duas janelas. Deste modo acredita-se que possivelmente em alguns casos os proprietários não teriam inicialmente condições financeiras para a abertura de mais vãos, que posteriormente quando tiveram oportunidade o realizaram. Outra situação possível, na qual se acredita, é que os moradores começaram a comprar lotes que se encontravam junto das suas habitações e desta forma as alargaram (em alguns casos é mesmo observável este acontecimento devido ao número de polícia em cima da janela, mostrando que anteriormente terá sido uma porta). Nas entrevistas também se menciona a prática de juntar lotes (ver entrevista à moradora da habitação 19).

Para se analisar quais são as habitações que têm maior probabilidade de se aproximarem das originais realizaram-se os seguintes mapas relacionados com o número de pisos e o número de vãos.



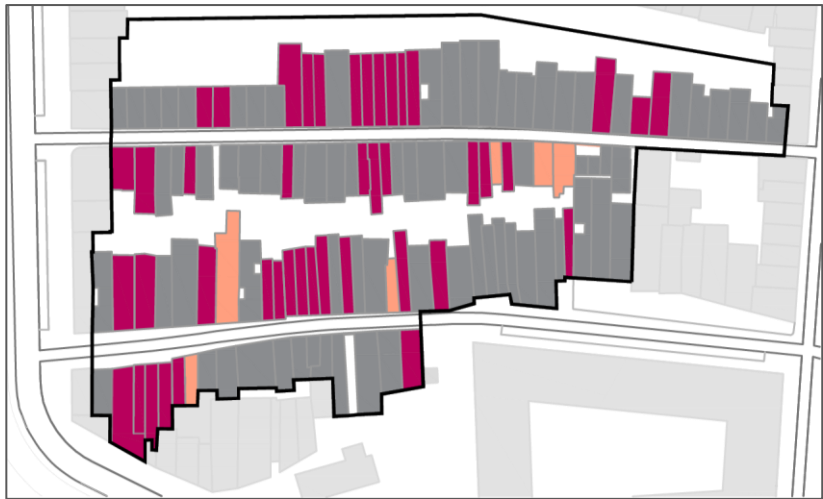
Esc: 1/200 GN

■ Rés-do-chão

■ Rés-do-chão + andar

Fig.310 – Número de pisos

Esc:1/200



Esc: 1/200 N

Fig.311 - Número de janelas

Sem janela  
 Uma janela  
 Duas ou mais janelas

No mapa da Fig.310 foram assinaladas as habitações de rés-do-chão e as de rés-do-chão mais andar, como já foi referido as habitações dos pescadores eram inicialmente térreas. Outro elemento caracterizador é o número de vãos representados na Fig.311, como já foi mencionado as habitações originalmente apenas possuíam uma porta ou uma porta e uma janela, desta forma a partir destes dois mapas é possível analisar quais são as habitações que conservam essas características. As restantes representadas a cinza escuro já foram bastante alteradas, em termos de volumetria e na composição da fachada. Porém a evolução não deve ser sinonimo de perda de identidade, como se irá ver no próximo capítulo.

Desta forma realizou-se uma tabela comparativa com o mesmo objetivo da anteriormente apresentada, sendo que desta vez a mesma é referente à evolução das fachadas principais das habitações das três comunidades.

|                 | Viana do Castelo                                                                                                                                                                | Póvoa de Varzim                                                                                                                                  | Caminha                                                                                          |
|-----------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Paredes:</b> | <div>1ª Fase:<br/>Cantaria de pedra;<br/>caíadas de branco</div> <div>2ª Fase:<br/>Cantaria de pedra;<br/>caíadas de branco;<br/>coloridas;<br/>revestimento<br/>cerâmico</div> | <div>1ª Fase:<br/>Cantaria de pedra;<br/>caíadas de branco</div> <div>2ª Fase:<br/>Cantaria de pedra;<br/>caíadas de branco;<br/>coloridas</div> | <div>1ª Fase:<br/>Coloridas</div> <div>2ª Fase:<br/>Brancas;<br/>revestimento<br/>cerâmico</div> |

|                  |                                                               |                                                                   |                                              |
|------------------|---------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------|
| <b>Vãos:</b>     | 1ª Fase:<br>Porta;<br>porta e janela                          | 1ª Fase:<br>Porta;<br>porta e janela; porta<br>entre duas janelas | 1ª Fase:<br>Porta;                           |
|                  | 2ª Fase:<br>Porta;<br>porta e janela;<br>porta e duas janelas | 2ª Fase:<br>Porta;<br>porta e janela; porta<br>e duas janelas     | 2ª Fase:<br>Porta;<br>porta e janela         |
| <b>Dimensão:</b> | Entre os 3 e 5 metros<br>de largura                           | Entre os 5 e 6 metros<br>de largura                               | Entre os 2.20 e<br>6.20 metros de<br>largura |

Fia. 312 – Tabela da evolução das fachadas

É notável que em termos de fachada existem parecenças entre as habitações da Ribeira de Viana do Castelo, com as da comunidade piscatória da Póvoa de Varzim. Sabe-se também que alguns moradores do bairro eram de origem poveira, o que poderá ter influenciado a identidade do bairro. Ambas as comunidades numa primeira fase construíam as suas habitações com cantaria de pedra sendo caiadas de branco, também eram semelhantes quanto ao número de vãos, porém diferentes em largura. Numa segunda fase, de forma semelhante também começaram a apresentar novas cores, porém não se teve conhecimento, na fundamentação teórica, que as habitações da Póvoa de Varzim fossem revestidas de azulejo, ao contrário das de Viana do Castelo.

Por outro lado em termos de fachada não se encontram muitas semelhanças com as habitações dos pescadores de Caminha, apenas se pode encontrar uma relação relativamente aos números de vãos. É relevante mencionar que ao contrário dos casos de Viana do Castelo e da Póvoa de Varzim, estas habitações eram inicialmente coloridas e só numa fase posterior começaram a ser pintadas de branco ou a serem revestidas a azulejo, à imagem do que acontecia no resto da Vila de Caminha.

### 5.3 Sistematização tipológica através do alçado principal



Fig.313 – Sistematização tipológica da planta tipo e fachada  
Esc:1/200

Cruzando os resultados obtidos na análise da evolução das plantas tipo e das fachadas principais, elaborou-se a sistematização tipológica através do alçado principal com base na metodologia de Caniggia e Maffei (1979) (Fig.313).

A primeira tipologia corresponde à fachada que só possuiu uma única abertura. Já a segunda tipologia traduz-se na fachada com o aparecimento de um segundo vão. A terceira tipologia, embora menos comum apresenta duas janelas e uma porta, em alguns casos sabe-se que esta tipologia resulta da junção de dois ou mais lotes. Mais recentemente já numa fase de descaracterização as plantas deixam de ser tipo e começam a aparecer os segundos pisos, onde surgem mais vãos.



## 6. CONCLUSÕES



## 6. Conclusões

O tema desta dissertação de mestrado “As habitações dos pescadores da Ribeira, de Viana do Castelo” foi escolhido devido ao estado atual em que as mesmas se encontram. O estudo debruça-se sobre 122 habitações, localizadas entre a rua dos Poveiros e a rua Monsenhor Daniel Machado, sendo que as mesmas pertencem à área do centro histórico, encontrando-se portanto englobadas no PPCHVC e na ARU.

Foram atribuídas classes aos edifícios pelo PPCHVC, que condicionam o tipo de intervenções permitidas em cada categoria. Na classe 1 são permitidas obras de reconstrução, admitindo-se ainda as de construção, na classe 2 são permitidas obras de reabilitação, admitindo-se também a reconstrução, sendo que na classe 3 são permitidas obras de restauro, admitindo-se a reabilitação.

É relevante referir que num total de 122 habitações que o bairro contém, foi atribuída a classe 1 a 86 moradias. Seguindo-se a classe 2, atribuída a 36 habitações. E por fim a classe 3 que não foi atribuída a nenhum edifício da zona em estudo.



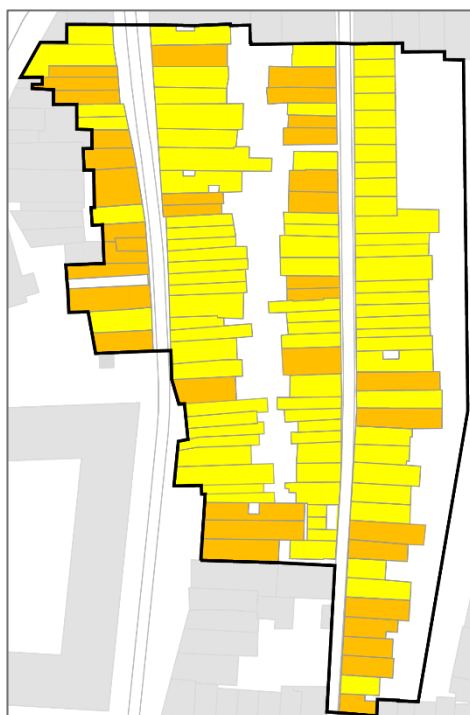
Esc: 1/200 QN Fig.314 - Número de pisos

Verde Rés-do-chão  
Amarelo Rés-do-chão + andar



Esc: 1/200 QN Fig.315 - Número de janelas

Laranja Sem janela  
Vermelho Uma janela  
Cinza Duas ou mais janelas



Esc: 1/200

Classe 1  
 Classe 2

Fig.316 – Classes do PPCHVC

Como foi mencionado a classe 1 permite obras de reconstrução e construção, deste modo não existe nenhuma proteção para 86 das 122 habitações em estudo. Porém na fundamentação teórica defende-se que o conceito académico de reconstrução, é um tipo de intervenção que apenas deve ser utilizado em circunstâncias históricas excecionais, tais como acontecimentos traumáticos, como por exemplo resultantes de fogos, terremotos, guerras, entre outros. Visto que nenhum dos casos ou circunstâncias se verificam na área englobada pelo PPCHVC, não se justifica ser admitida a reconstrução, uma vez que os edifícios em estudo aos quais foram atribuídas a classe 1, não sofreram qualquer acidente dessa natureza.

Com o intuito de analisar se a classe 2 foi atribuída aos edifícios que se encontram mais próximos dos originais, conservando as suas características, são apresentados três mapas. Os dois primeiros (Fig.314, 315) anteriormente apresentados na sistematização, onde também foi referido que as habitações da Fig.315, representadas a rosa claro e rosa escuro, são as que mais conservam as características originais das habitações dos pescadores da Ribeira. Deste modo elaborou-se um terceiro mapa (Fig.316), com as classes atribuídas pelo PPCHVC, onde é possível verificar que existe um número significativo de habitações que conservam essas mesmas características às quais apenas foi atribuída a classe 1.

A ARU veio reforçar a política de reabilitação, criando meios de acesso a ajudas financeiras e a diversos incentivos em colaboração com a CMVC, como já foi abordado anteriormente na contextualização. Contudo, este incentivo de regeneração do centro histórico de Viana do Castelo pode também acabar por agravar a descaraterização, quando as decisões referentes as intervenções não são refletidas com atenção. Assim, é urgente consciencializar a população, os profissionais da área e as entidades políticas responsáveis, para a necessidade de preservar e proteger a identidade destes locais. A escolha do tema da presente dissertação surgiu também pela intenção de consciencializar a sociedade e as entidades para o valor patrimonial que o Bairro da Ribeira contém, sendo uma zona de forte identidade para os moradores e também para os restantes vianenses. Porém as habitações têm vindo a ser cada vez mais descaracterizadas, perdendo desta forma gradualmente a sua identidade e valor patrimonial.

Como foi mencionado na fundamentação teórica a realização de inventários é um elemento importante para registo e proteção do património, sendo que também é uma base de trabalho de interesse com potencialidade de desenvolvimento. Desta forma um dos objetivos desta dissertação de mestrado passa por **inventariar a arquitetura popular piscatória do Bairro da Ribeira em Viana do Castelo**. A partir do inventário às 122 fachadas foram observados em cada habitação os dados gerais, tais como: uso, estado geral e classe atribuída pelo PPCHVC. Como categorias analíticas foram estudadas a volumetria, a composição das fachadas e os materiais construtivos. Sendo que como indicadores foram analisados quanto à categoria de análise da volumetria: a preservação ou não da volumetria original, o tipo de cobertura e o número de pisos. Em relação à composição da fachada: o número e tipologia de janelas, portas e varandas. E por fim os indicadores correspondentes à categoria de análise dos materiais construtivos relativos à: cobertura, revestimento, janelas, portas e varandas.

A realização deste inventário para além de fornecer um contributo no sentido de registo do património existente em Viana do Castelo, também permitiu identificar como seriam originalmente as habitações e quais os elementos dissonantes, que descaracterizam as habitações dos pescadores da Ribeira. Foi perceptível no capítulo da sistematização, que em termos de fachada, as habitações do Bairro da Ribeira de Viana do Castelo, eram semelhantes às da comunidade piscatória da Póvoa de Varzim. O que facilmente se explica pelo

facto de alguns moradores da Ribeira terem origem poveira, o que de certa forma poderá ter originado esta semelhança entre ambas as comunidades.

É relevante referir que para se ter uma melhor perceção da evolução das habitações e para uma análise mais consistente as mesmas, também se realizou um estudo aos lotes, o que permitiu por exemplo analisar nas fichas de inventário se as habitações mantêm ou não as métricas originais.

Outro elemento de interesse, que também não se encontrava nos pontos primordiais da presente dissertação, foi a identificação da planta original da comunidade piscatória da Ribeira e as suas principais evoluções. Na sistematização foi perceptível que a planta original é semelhante à da comunidade piscatória de Caminha, porém ambas tiveram evoluções distintas. Desta forma ao realizar um registo da evolução das habitações em estudo, contribui-se para o conhecimento, sendo que neste sentido existia uma lacuna, uma vez que não se tem conhecimento de nenhum outro estudo ou obra debruçada sobre este tema em relação à comunidade piscatória do Bairro da Ribeira.

Sabe-se portanto que inicialmente as habitações eram térreas, de cantaria de pedra caiadas de branco, com uma porta na fachada principal. Relativamente aos vãos possuíam apenas uma porta.. Quanto à sua organização interior a habitação encontrava-se a uma cota inferior à da rua. Desta forma para facilitar a transição para o hall de entrada/sala foi colocado um degrau para ajudar a diminuir esse desnível. Desse compartimento tinha-se acesso ao corredor que fazia a distribuição para os dois quartos que se encontravam à esquerda e para a cozinha que ocupava a zona traseira da habitação, da mesma tinha-se acesso ao logradouro, que era utilizado para arrumos de utensílios e aparelhos relacionados com a pesca.

Numa segunda fase de evolução para além de caíarem as fachadas de branco, também começaram a colocar cores variadas e revestimentos cerâmicos. Em relação aos vãos também começaram a aparecer habitações com uma porta e uma janela. Em relação ao interior da habitação a única alteração encontrada foi a construção de um anexo no fundo no logradouro com a função de instalação sanitária.

Posteriormente a partir de uma terceira fase podem-se verificar mais variações, acredita-se que estejam diretamente relacionadas com as posses financeiras que as famílias teriam na altura. Uma vez que é perceptível que nesta fase os

moradores começaram a realizar algumas alterações, tais como alargar ou acrescentar novas peças na habitação, como por exemplo em alguns casos a colocação das instalações sanitárias no interior das mesmas, ou acrescentarem a cozinha, entre outros. Mas o que marcou principalmente esta terceira fase de evolução foi a construção de terraços, dos quais foram encontradas duas tipologias, a primeira é visível nos casos em que o terraço nasce por cima da zona exterior e do anexo (nas habitações visitadas coincidiam com as que possuem as instalações sanitárias no anexo), porém é relevante mencionar que esse terraço se encontra a uma cota inferior à cobertura. O espaço que inicialmente era exterior mantém a caixa de escadas é aberta, sendo que desta forma mesmo tendo ganho uma cobertura o espaço inferior encontra-se desprotegido das condições climáticas. A segunda tipologia foi encontrada nos casos em que o terraço nasce por cima do anexo, acessível por uma escadaria exterior, não tendo qualquer elemento que ligue o anexo ao resto da habitação (nas moradias visitadas esta tipologia aparece quando as instalações sanitárias se encontram no interior da habitação e o anexo tem a função de arrumos). Já numa fase de descaracterização deixa de existir planta tipo e a habitação cresce verticalmente, surgindo no primeiro piso um ou mais vãos.

O estudo do lote também permitiu perceber a métrica inicial e dessa forma descobrir quais eram as medidas originais das habitações. Outro elemento que prova que inicialmente algumas moradias não eram tão grandes, mas sim que se tratavam de duas ou mais habitações é a presença do número de polícia por cima de algumas janelas, esse elemento prova que originalmente se tratavam de duas ou mais habitações, que posteriormente foram vendidas, constituindo atualmente apenas uma moradia, das quais se taparam parcialmente os vãos das portas transformando-as em janelas. Acredita-se desta forma que as habitações que se encontram mais alteradas em termos de métrica tenham resultado dessa junção. A entrevista à moradora da habitação 19 também refere essa prática, é também visível por exemplo nas habitações da Fig. 193, Fig.239, Fig.241 e Fig.245.

Deste modo a partir do objetivo anterior, foi possível obter informação que permitiu adquirir respostas para o seguinte objetivo, que consiste em **identificar quais os elementos descaracterizadores do valor patrimonial do bairro**. Deste modo através da realização do inventário foi possível identificar os elementos que mais descaracterizam o valor patrimonial e a identidade do bairro, sendo que os mesmos são:

### Composição da fachada

- Grandes envidraçados;
- Janelas com mais de duas folhas;
- Portas com mais de duas folhas e bandeira;
- Varandas;
- Pisos recuados;
- Caixa de estores exteriores.

### Materiais de construção

- Placas de zinco;
- Azulejo industrial;
- Chapisco;
- Portas de vidro;
- Portas metálicas.

### Outros

- Cabos de ligação de telecomunicações;
- Cabos de abastecimento de luz;
- Contadores à vista;
- Antenas.

No entanto, é compreensível que devido às condições em que os moradores vivem e às suas capacidades financeiras, que alguns dos elementos anteriormente apresentados como descaracterizadores possam vir a ser admissíveis, porém não recomendados.

Desta forma para responder ao último objetivo que consiste em **definir recomendações técnicas para a conservação dos elementos arquitetónicos exteriores**, serão apresentadas algumas recomendações com base na análise cruzada da fundamentação teórica, da contextualização, do PPCHVC e interpretação pessoal. Deste modo as recomendações propostas são as seguintes relativamente à:

### Volumetria

**Número de pisos:** não deveriam ser permitidas construções para além de rés-do-chão ou rés-do-chão mais andar.



**Andares recuados:** nas novas construções não se recomenda a realização de andares recuados, porém tolera-se os existentes.

**Demolições:** apenas devem ser permitidas se a habitação ou os elementos a demolir se encontrarem em estado de ruína irrecuperável, representando uma ameaça à segurança das pessoas e aos bens da envolvente.

### Composição da fachada

**Edificado descaracterizado:** aconselha-se a recuperação das habitações atualmente descaracterizadas pela colocação de elementos dissonantes ligeiros ou profundos, procedendo-se a sua remoção recolocando expressões originais.

**Alterações à fachada:** apenas se deveriam autorizar alterações à fachada, quando as mesmas tiverem o intuito de melhorar: desempenho estrutural, métricas, ritmos, materiais e características originais do edifício.

**Vãos:** nas intervenções realizadas às fachadas dos atuais edifícios devem ser preservadas a dimensão e a organização dos vãos. Devem ser progressivamente repostas as métricas primitivas ao nível do piso térreo. Nos novos edifícios os vãos devem reproduzir os ritmos e proporções do respetivo contexto urbano.

Desaconselha-se que o desenho das janelas tenham mais que duas folhas, os grandes envidraçados também não deveriam ser permitidos. Em relação às portas sugere-se a não utilização de portas de vidro, ou de portas que sejam na sua totalidade metálicas.

**Varandas:** Não é aconselhável a construção de varandas.

**Estores e portadas:** é desaconselhável a utilização de portadas exteriores e a colocação de caixas exteriores de estores.

**Beirados, cornijas, platibandas, goteiras e gárgulas:** os beirados, cornijas, platibandas, goteiras e gárgulas devem ser mantidos como solução de remate, sendo que no caso de ampliação sugere-se que os mesmos se mantenham à cota primitiva. Os novos edifícios devem optar por soluções de remates semelhantes, respeitando deste modo a harmonia dos edifícios da envolvente.

**Cantarias, ombreiras, peitoris e soleiras:** recomenda-se a preservação destes elementos, aconselhando-se a sua limpeza, porém a mesma não deverá ser executada a partir de métodos agressivos que danifiquem o material.

Alude-se à importância dos elementos anteriormente referidos não serem rebocados ou pintados. No caso de existirem elementos que já se encontrem nesse estado, sugere-se a remoção com processos que não comprometam o material.

**Elementos salientes a cobertura:** não deveria ser permitida a colocação de antenas ou outros elementos salientes na cobertura que sejam visíveis no espaço público.

**Prumadas, cabos e outros elementos:** não deveriam ser permitidas nas fachadas elementos tais como armários elétricos, de gás, sistema de telecomunicações, alarmes, cablagens, aparelhos de ar condicionado, exaustores e respetivas condutas. Sendo que também era aconselhável que os contadores fossem disfarçados, para uma melhor leitura do edifício.

## **Materiais de construção**

**Caixilharias:** as caixilharias devem ser preferencialmente de madeira, admitindo-se também a utilização de caixilharias metálicas.

**Acabamentos e revestimentos:** os acabamentos das fachadas devem ser de reboco pintado a tinta não texturada, a utilização de chapisco deveria ser expressamente proibida. Deverão ser permitidas cantarias de pedra. Em relação ao revestimento cerâmico apenas deveria ser permitida a colocação de azulejo não industrial, obedecendo assim a tipos originais.

**Revestimentos desadequados:** em edifícios portadores de revestimentos desadequados e sem valor cultural, aconselha-se a sua alteração para um revestimento mais característico do local onde a habitação se insere.

**Coberturas:** apenas se aconselha a utilização das seguintes telhas cerâmicas: canudo, portuguesa, admitindo-se também a marselha. Recomenda-se a remoção de fibrocimento, chapas onduladas e telhas cerâmicas de cores diferentes da usual no local.

Para a preservação da autenticidade do Bairro da Ribeira, seguem-se alguns conselhos que podem ajudar a valorizar a unidade de bairro. Desta forma propõe-se ações de sensibilização que envolvam a população residente no Bairro da Ribeira, em questões relacionados com intervenções de reabilitação urbana. Também seria de interesse antes de intervir prestar atenção à imagem do edifício em questão e ao conjunto onde o mesmo se insere, sendo recomendável manter as dimensões existentes evitando desta forma alterações entre a proporção da fachada com a rua, preservando deste modo a tipologia do bairro em questão, evitando que haja intervenções que quebrem a leitura do conjunto. Sugere-se também a recuperação das habitações que se encontram em ruínas, contribuindo também, deste modo, para a leitura do conjunto. Em relação à aplicação de novos materiais, deve ser permitido desde que estes tenham uma boa integração com a envolvente.

Outra recomendação urgente, seria que às habitações às quais foi atribuída pelo PPCHVC a classe 1, começassem a integrar a classe 2, de forma a que as mesmas tenham maior proteção.

É perceptível que algumas atitudes tomadas perante este património o podem danificar drasticamente, o que pode levar mesmo à sua perda e descaracterização. É relevante mencionar que não está apenas em questão o património arquitetónico, mas também o cultural. Para além da degradação e abandono como já foi referido na fundamentação teórica, atualmente as cidades sofrem também de fortes pressões económicas e imobiliárias devido ao aumento da densidade populacional nas cidades, o que por vezes pode levar as entidades responsáveis a ceder em certos pontos, que prejudiquem o valor patrimonial e a identidade dos locais.

É importante a utilização de métodos antigos usados pela própria comunidade nas intervenções, porém devido à evolução dos tempos também é aceitável a utilização de arquitetura contemporânea, uma vez que a mesma pode contribuir para um maior conforto nas habitações, porém a mesma deve-se adaptar e respeitar o local onde se insere, assim como a identidade presente no local.

Deste modo é necessário encontrar um equilíbrio e estabelecer determinadas medidas preventivas que ajudem os conjuntos históricos a sobreviverem à vida contemporânea. Sendo portanto de grande interesse que as entidades responsáveis, como por exemplo as câmaras municipais identifiquem os riscos

existentes contra o património e estabeleça novas normas mais adequadas para a problemática. Sendo que para isso seria necessário uma profunda análise realizada por uma equipa de profissionais das mais distintas áreas, tais como arquitetos, urbanistas, paisagistas, sociólogos, ecologistas, historiadores de arte, entre outros.

Como também já foi mencionado a sensibilização é uma parte fundamental para a salvaguarda e proteção do património. A consciencialização de toda a sociedade é de extrema importância, a mesma pode ser realizada pelos meios de comunicação, em documentários, livros, exposições, entre outros. Porém também é necessário e de grande interesse que essa consciencialização comece a partir da educação desde as camadas mais jovens até ao ensino superior. Para uma sociedade mais responsável e com mais maturidade para lidar com o património.

É necessário proteger as diversidades culturais presentes nas sociedades, sendo essencial manter a sua autenticidade. Este conceito de autenticidade foi descrito na fundamentação teórica, como o somatório de características, desde o estado original até à situação atual, resultante das várias alterações que ocorreram no tempo. Compreende-se desta forma que cada comunidade teve as suas próprias evoluções e possuem identidades distintas uma das outras, porém na contemporaneidade as mesmas encontram-se em risco, devido à globalização a que as cidades estão expostas. Deste modo é necessário que esta preocupação pela proteção também provenha dos próprios moradores das comunidades, sendo de interesse que em caso de ameaça ao seu património os mesmos procurem soluções junto das entidades municipais, entre outros. Somente com a ajuda dos populares e das entidades responsáveis se conseguirá proteger o património arquitetónico e cultural das comunidades.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



## Referências bibliográficas

Abreu, A. (2009). *História de Viana do Castelo* (Vols. 1-3). Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Aguiar, J. (2002). *Cor e Cidade Histórica: estudos cromáticos e conservação do património*. Porto: FAUP publicações.

Albarelo, L., Digneffe, F., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy, D., & Saint-Georges, P. (1997). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Almeida, R., & Faria, M. (2006). A problemática da “identidade” e o lugar do “património” num mundo crescentemente cosmopolita. Recuperado de: <http://hdl.handle.net/10400.14/10366>

Antunes, A. (1945). *Para a história de Viana do Castelo: Ensaio, (1)*. Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Arenhardt, M., Le Bourlegat, C., & Castilho, A. (2009). Cultura e identidade: os desafios para o desenvolvimento local no assentamento, Aroeira, Chapadão do Sul. *Interações Campo Grande*, 10(2), 159-169. Recuperado de: <http://www.scielo.br/pdf/inter/v10n2/v10n2a04.pdf>

Asquith, L., & Vellinga, M. (Eds) (2006). *Vernacular Architecture in the twenty-first century, theory, education and practice* (2ª ed). New York: Taylor & Francis.

Arieira, T. (2009). *Proposta de requalificação intramuros do burgo medieval de Viana do Castelo*. (Dissertação de mestrado, Universidade do Minho, Portugal). Recuperado de: [https://issuu.com/arieiras/docs/14\\_janeiro\\_2010\\_\\_high\\_quality\\_](https://issuu.com/arieiras/docs/14_janeiro_2010__high_quality_)

Antunes, A., Gomes, A., Menéres, A., Dias, C., Castre, C., Távora, F., ... Pimentel, R. (1980). *Arquitectura Popular em Portugal*, (vol.3). Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses

Bas, B. (1983). *As construccions populares: un tema de etnografía de Galicia*. A Coruña: Edicións do Castro.

Brandi, C. (2006). *Teoría do Restauro*. Amadora: Edições Orion.

Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Batista, G. (2005.) *Memória e Identidade: aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural*. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/pdf/1154/115416147004.pdf>.

Benavides, J. (1997). *La arquitectura vernácula: una memoria rota*. *Revista Ph*, (20), 60-64. Recuperado de: <http://www.iaph.es/revistaph/index.php/revistaph/issue/view/20#.WNgiCsDyvU>

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto editora.

Bourdieu, P. (1979). *La Distinction, critique sociale du jugement*. Paris: Éditions de Minuit.

Caniggia, G., & Maffei, G. (1979). *Composizione architettonica e tipologia edilizia*. Venezia: Marsilio.

Câmara Municipal de Viana do Castelo (2016). *Operação de Reabilitação Urbana para o Centro Histórico*. Recuperado de: <http://www.cm-vianacastelo.pt/pt/noticias/aprovada-operacao-de-reabilitacao-urbanapara-o-centro-historico>

Câmara Municipal de Viana do Castelo (2016). *Programa Estratégico de Reabilitação Urbana*. Recuperado de: <http://www.cmviana-castelo.pt/pt/operacao-de-reabilitacao-urbana-para-a-arudo-centro-historico>.

Carpio, J., Marques, H., & Martins, J. (2001). *Desenvolvimento local em Mato Grosso do Sul: reflexões e perspectivas*. Campo Grande: Editora UCDB.

Correia, M. (2009). *Conservation intervention in earthen heritage: Assessment and significance of failure, criteria, conservation theory and strategies* (Tese de doutoramento, Oxford Brookes University, England).

Costa, A. (2008) *Sociedade de Bairro: Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural* (2ª ed.). Lisboa: Celta editora.

Duarte, C., & Lamas, J. (n.d). *Guia do construtor no centro histórico de Tavira*. Câmara Municipal de Tavira.



Feilden, B. (2004). *Conservation of Historic Buildings*. Recuperado de: <http://pt.scribd.com/>

Feilden, B., & Jokilehto, J. (1998). *Management Guidelines for World Cultural Heritage Sites*. Rome: ICCROM.

Fernandes, M., & Mateus, R. (2001). *Arquitectura vernacular: uma ligação de sustentabilidade* (p. 205-216). Recuperado de: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/15423>

Ferreira, R. (2012). *Des-construindo o espaço urbano: A descaracterização do conjunto arquitetônico e paisagístico do centro histórico de Bonfim/MG*. 1º Seminário da rede Conservação, Recife. Recuperado de: <http://www.ct.cecibr.org/crci/br/informacao/acervoparadownload/category/12artigos.html?download=129%3Adesconstruindoospaourbanoadescaracterizao-do-conjunto-arquitetonico-e-paisagstico-do-centrohistoricode-bofim-mg>

Flores, C. (1973). *Arquitectura popular española*. Madrid: Aguilar Ediciones.

Flores, M. (2006). *A identidade cultural do território, como base de estratégias de desenvolvimento: uma visão do estado da arte*. Recuperado de: [http://camara.fecam.org.br/uploads/28/arquivos/4069\\_FLORES\\_M\\_Identidade\\_Territorial\\_como\\_Base\\_as\\_Estrategias\\_Desenvolvimento.pdf](http://camara.fecam.org.br/uploads/28/arquivos/4069_FLORES_M_Identidade_Territorial_como_Base_as_Estrategias_Desenvolvimento.pdf)

Ghiglione, R., & Matalon, B. (1997). *O Inquérito: Teoria e prática*. Oeiras: Celta editora.

Gil, A. (1995). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas.

Gonçalves, M. (1995). *Viana do Castelo: a consolidação de uma cidade 1885-1926*. Lisboa: Edições Colibri.

González, J. (2010). La arquitectura sin arquitectos, algunas reflexiones sobre arquitectura vernácula. *Revista AUS*, (8), 12-15. Recuperado de: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281722857004>

González-Varas, I. (2005). *Conservación de Bienes Culturales: Teoría, historia, principios y normas*. Madrid: Cátedra.

Groat, L., & Wang, D. (2002). *Architectural Research Methods*. New York: John Wiley & Sons.

Hall, C. (1992). *White, Male and Middle Class: Explorations in Feminism and History*. Cambridge: Polity Press.

Internacional Council of Monuments and Sites [ICOMOS] (1964). *Carta de Veneza*. Recuperado de: <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>.

Internacional Council of Monuments and Sites [ICOMOS] (1999). *Carta sobre o Património Construído Vernáculo*. Recuperado de: <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/cartasobrepatrimoniovernaculo1999.pdf>

Jaramillo, J. (2012). *Casas do Povo, Casas dos Pescadores: A dimensão arquitetónica de um organismo para o desenvolvimento social*. (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Portugal). Recuperado de: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/80362>

Jokilehto, J. (1986). *A History of Architectural Conservation: The Contribution of English, French, German and Italian Thought towards an International Approach to the Conservation of Cultural Property*. Recuperado de: <http://mestradoreabilitacao.f.a.utl.pt/disciplinas/jaguiar/jukkajokilehto1986historyofconservation.pdf>

Leal, A. (2001). *Viana no tempo : génese e consolidação urbanística do centro histórico de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Llano, P. (1981). *Arquitectura Popular en Galicia*. Santiago de Compostela: Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia.

Lopes, F., & Correia, M. (2004). *Património Arquitectónico e Arqueológico: Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*. Lisboa: Livros Horizonte.

Mateus, M. (2016). Por um bairro melhor. *Revista Visão*. Recuperado de: <http://visao.sapo.pt/iniciativas/por-um-bairro-melhor/2016-03-22-Nao-há-nada-pior-do-que-descaracterizar-os-bairros>

Mestre, V. (2010) *Património de influências portuguesas: O mito do modelo perfeito da casa popular de origem portuguesa*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

Monteiro, R. (2015). *A rua e as meias casas de pescadores de Caminha*. (Dissertação de mestrado, Escola Superior Gallaecia, Portugal).

Moreira, R. (1995). *Viana e o Mar: O mar a imagem da cidade*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Moreira, M. (2005). *A história de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Moutinho, M. (1979). *Arquitectura popular portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa.

Muñoz Viñas, S. (2005). *Contemporary Theory of Conservation*. Oxford: Elsevier.

Norbert, E., & Scotson, J. (1965) *The Established and the Outsiders*, Londres: Sage Publications.

Oliveira, E., & Galhano, F. (1992). *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Orbasli, A. (2008). *Architectural Conservation*. Oxford: Blackwell Science.

Pacheco, H. (1985). *Portugal, Património Cultural Popular: O ambiente dos homens*. Porto: Areal Editores.

Peixoto, A. (2001). *Litoral e as cidades: matrizes cartográficas, Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Arquivo Municipal de Viana do Castelo.

Peixoto, M. (1936). *O litoral e a cidade: matizes cartográficas*. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Pereira, J. (2014). *O território, o castelo e a comunidade: reflexões sobre a intervenção patrimonial contemporânea nos castelos em Portugal*. (Dissertação de mestrado, Escola Superior Gallaecia, Portugal).

Petzet, M. (2004). *Principles of Preservation: An Introduction to the International Charters for Conservation and Restoration 40 years after the Venice Charter*. In M. Petzet & J. Ziesemer (Eds.), *Monuments and Sites* (vol.1, pp. 7-29). Munchen: ICOMOS. Recuperado de: <http://www.icomos.org/venicecharter2004/petzet.pdf>

Prats, L. (1997). *Antropologia e Património*. Barcelona: Editora Ariel.

Barreta, o bairro piscatório de Olhão na mira do imobiliário. *Público* (2016, Maio 23). Recuperado de: <https://www.publico.pt/2016/05/23/local/noticia/barreta-o-bairro-chique-de-olhao-por-ser-popular-corre-o-risco-de-vir-a-ser-cidade-para-turista-ver1732553>

Reis, H. (2008). *Evolução da estrutura urbana de Viana do Castelo: factores de transformação e elementos de continuidade*. (Dissertação de mestrado, Universidade Fernando Pessoa Faculdade Ciências e Tecnologias Porto, Portugal).

Silva, A. (1986). *A cultura castreja no noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal da Paços de Ferreira.

Silva, E. (2000). *Património e identidade. Os desafios do turismo cultural*. Antropológicas. Recuperado de: <http://revistas.rcaap.pt/antropologicas/article/viewFile/932/734>

Sousa, F. (1984). *A vida de D. Frei Bertolameu dos mártires*. Brasil: Casa da moeda.

Souza, L. (1995). *O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento*. Lisboa: Editora Bertrand.

Sousa, M. (2000). *Reis e Rainhas de Portugal*. Lisboa: Editora SporPress.

Stubbs, J. (2009). *Time Honored: global View of Architectural Conservation*. New Jersey: Wiley.

Teixeira, M. (1999). *O Urbanismo Português: Séculos XIII-XVIII Portugal-Brasil*. Lisboa: Livros Horizonte.

UNESCO (1972). *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*. Recuperado de: <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/ConvencaooparaaProteccaoedoPatrimonioMundialCulturalNatural.pdf>

Vicente, N. (2015) *Arquitetura popular em Oia*. (Dissertação de mestrado, Escola Superior Gallaecia, Portugal).

Yin, R. (1984). *Case study research: Design and methods*. Beverly Hills: Sage Publications.

## ÍNDICE DE FIGURAS E IMAGENS



## Índice de figuras e imagens

**Fig.1 – Desenho alusivo aos pescadores da Ribeira** (Ramal, 1939, p.85).

**Fig.2 – Tabela de categorias analíticas – Volumetria** (Elaboração própria).

**Fig.3 – Tabela de categorias analíticas – Composição da fachada** (Elaboração própria).

**Fig.4 – Tabela de categorias analíticas – Materiais de construção** (Elaboração própria).

**Fig.5 – Tabela de categorias analíticas – Análise a evolução espacial** (Elaboração própria).

**Fig.6 – Tabela de categorias analíticas – Técnicas e fontes/sujeitos** (Elaboração própria).

**Fig.7 – Pontos de ligação da arquitetura popular** (Elaboração própria).

**Fig.8 – Bilhete-postal de Olhão** (Recuperado de: <http://blog.turismodoalgarve.pt>).

**Fig.9 – Planta de uma habitação típica da região do Algarve** (Moutinho, M. 1979, p.149).

**Fig.10 – Corte e Planta de habitação típica de Porto Corvo** (SNA, 1988, p.156).

**Fig.11– Habitação típica de Esmoriz** (Oliveira, E., & Galhano, F. 1992, p.270).

**Fig.12 – Plantas de habitação típica de Esmoriz** (Oliveira, E., & Galhano, F. 1992, p.270).

**Fig.13 – Habitação típica de Esmoriz** (Oliveira, E., & Galhano, F. 1992, p.268).

**Fig.14 – Planta de habitação típica de Esmoriz** (Oliveira, E., & Galhano, F. 1992, p.268).

**Fig.15 – Camaretas construídas por um simples tapamento de madeira** (Oliveira, E., & Galhano, F. 1992, p.245).

**Fig.16 – Planta de casa tipo** (Oliveira, E., & Galhano, F. 1992, p.250).

**Fig.17 – Corte de casa tipo** (Oliveira, E., & Galhano, F. 1992, p.250).

**Fig.18 – Evolução da habitação** (Oliveira, E., & Galhano, F. 1992, p.251).

**Fig.19 – Meia-casa de Caminha nos anos 40 – 50** (Monteiro, R. 2015, p.150).

**Fig.20 – Muralha da vila de Viana no século XVI** (Leal, A. 2001, p.20).

**Fig.21 – Planta de Viana Quatrocentista** (Reis, H. 2008, p. 22).

**Fig.22 – Planta do porto, após as primeiras obras** (Meira, G. 2016, p.155).

**Fig.23 – Construção do atual porto de Viana** (Meira, G. 2016, p.160).

**Fig.24 – Espaço destinado aos barcos de pesca artesanal, após 4 anos instalaram-se aqui os ENVC.** (Meira, G. 2016, p.162).

**Fig.25 – Tabela de percentagem dos pescadores de Viana /(a) junto com a caça** (Adaptado de Antunes, A. 1945, p.228).

**Fig.26 – Lancha poveira** (Antunes, A. 1945, p.249).

**Fig.27 – Maceira** (Antunes, A. 1945, p.251).

**Fig.28 – Barco de fundo chato** (Antunes, A. 1945, p.263).

**Fig.29 – Planta de Viana, datada a 1756** (Adaptado de Fernandes, M. 1995, p.27).

**Fig.30 – Planta de Viana, datada a 1855** (Adaptado de Fernandes, M. 1995, p.29).

**Fig.31 – Planta geral da cidade de Viana do Castelo –** (Adaptado de Fernandes, M. 1995, p.38).

**Fig.32 – Carta cadastral da cidade Viana do Castelo –** (Cedido pelo Arquivo Municipal de Viana do Castelo).

**Fig.33 – Representação do bairro em 1877** (Adaptado de Fernandes, M. 1995, p.71).

**Fig.34 – Representação do bairro em 1903** (Adaptado de Fernandes, M. 1995, p.135).



**Fig.35 – Habitações em estudo (1941)** (Cedido pelo Arquivo Municipal de Viana do Castelo).

**Fig.36 – Parcelamento dos lotes** (Elaboração própria).

**Fig.37 – Tipologia dos lotes** (Elaboração própria).

**Fig.38 – Organização na 1ª fase** (Elaboração própria).

**Fig.39 – Organização na 2ª fase de evolução** (Elaboração própria).

**Fig.40 – Exemplo das três fases de evolução** (Elaboração própria).

**Fig.41 – Exemplo das três fases de evolução** (Elaboração própria).

**Fig.42 – Classes de intervenção atribuídas ao edificado PPCHVC** (Elaboração própria).

**Fig.43 – Gráfico comparativo das classes de intervenção atribuídas ao edificado** (Elaboração própria).

**Fig.44 – Delimitação da ARU – VC** (CMVC 2013, p.1).

**Fig.45 – Concentração da função habitacional em 2015** (CMVC, 2016, p.31).

**Fig.46 – Icon das janelas** (Elaboração própria).

**Fig.47 – Icon das portas 1** (Elaboração própria).

**Fig.48 – Icon das portas 2** (Elaboração própria).

**Fig.49 – Icon das varandas** (Elaboração própria).

**Fig.50 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.51 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig. 52 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.53 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.54 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.55 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.56 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.57 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.58 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.59 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.60 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.61 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.62 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.63 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig. 64 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.65 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.66 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.67 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.68 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.69 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.70 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig. 71 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.72 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.73 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.74 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig. 75 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig. 76 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.77 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.78 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

- Fig.79 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.80 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.81 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig. 82 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.83 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.84 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.85 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig. 86 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig. 87 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig. 88 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.89 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.90 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.91 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.92 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.93 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.94 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.95 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.96 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.97 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.98 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.99 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.100 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.101 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.102 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.103 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.104 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.105 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.106 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.107 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.108 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.109 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.110 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.111 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.112 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.113 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.114 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.115 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.116 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.117 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.118 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.119 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.120 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.121 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.122 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.123 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.124 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

- Fig.125 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.126 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.127 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.128 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.129 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.130 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.131 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.132 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.133 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.134 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.135 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.136 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.137 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.138 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.139 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.140 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.141 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.142 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.143 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.144 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.145 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.146 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.147 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.148 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.149 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.150 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.151 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.152 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.153 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.154 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.155 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.156 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.157 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.158 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.159 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.160 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.161 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.162 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.163 – Fotos da autora** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.164 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.165 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.166 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.167 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.168 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.169 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.170 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

- Fig.171 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.172 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.173 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.174 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.175 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.176 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.177 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.178 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.179 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.180 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.181 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.182 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.183 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.184 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.185 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.186 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.187 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.188 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.189 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.190 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.191 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.192 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.193 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.194 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.195 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.196 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.197 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.198 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.199 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.200 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.201 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.202 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.203 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.204 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.205 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.206 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.207 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.208 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.209 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig. 210 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.211 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.212 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.213 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.214 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.215 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.216 – Mapa de localização** (Elaboração própria).



- Fig.217 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.218 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.219 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.220 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.221 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.222 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.223 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.224 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.225 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.228 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.229 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.230 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.231 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.232 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.233 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.234 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.235 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.236 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.237 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.238 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.239 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.240 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.241 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.242 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.243 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.244 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.245 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.246 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.247 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.248 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.249 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.250 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.251 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.252 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.253 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.254 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.255 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.256 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.257 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.258 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.259 – Fotos da autora** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.260 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.261 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.262 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.263 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.264 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

- Fig.265 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.266 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.267 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.268 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.269 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.270 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.271 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.272 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.273 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.274 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.275 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.276 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.277 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.278 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.279 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.280 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.281 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.282 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.283 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.284 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.285 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).
- Fig.286 – Mapa de localização** (Elaboração própria).
- Fig.287 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.288 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.289 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.290 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.291 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.292 – Mapa de localização** (Elaboração própria).

**Fig.293 – Fotografia de autoria própria** (Tirada em Janeiro de 2017).

**Fig.294 – Gráfico de volumetria** (Elaboração própria).

**Fig.295 – Gráfico do tipo de cobertura** (Elaboração própria).

**Fig.296 – Gráfico de materiais construtivos – Cobertura** (Elaboração própria).

**Fig.297 – Gráfico de número de pisos** (Elaboração própria).

**Fig.298 – Gráfico dos materiais de construtivos – Revestimento da fachada**  
(Elaboração própria).

**Fig.299 – Gráfico de número de janelas** (Elaboração própria).

**Fig.300 – Gráfico dos materiais de construtivos – Caixilharia das janelas**  
(Elaboração própria).

**Fig.301 – Gráfico de número de portas** (Elaboração própria).

**Fig.302 – Gráfico dos materiais construtivos – Portas** (Elaboração própria).

**Fig.303 – Gráfico de número de varandas** (Elaboração própria).

**Fig.304 – Gráfico dos materiais construtivos – Varandas** (Elaboração própria).

**Fig.305 – Esquema da organização na 1ª fase** (Elaboração própria).

**Fig.306 – Esquema da organização na 2ª fase de evolução** (Elaboração própria).

**Fig.307 – Planta com a representação do Terraço, tipologia 1** (Elaboração própria).

**Fig.308 – Planta com a representação do Terraço, tipologia 2** (Elaboração própria).

**Fig.309 – Tabela com as fases de evolução da habitação** (Elaboração própria).

**Fig.310 – Planta com a representação do número de pisos** (Elaboração própria).

**Fig.311 – Planta com a representação do número de janelas** (Elaboração própria).

**Fig.312 – Tabela com as fases de evolução das fachadas** (Elaboração própria).

**Fig.313 – Sistematização tipológica da planta tipo e fachada** (Elaboração própria).

**Fig.314 – Planta com número de pisos** (Elaboração própria).

**Fig.315 – Planta com número de janelas** (Elaboração própria).

**Fig.316 – Planta com as classes do PPCHVC** (Elaboração própria).



**ANEXO**





## ANEXO I



## Entrevistas

Com o intuito de compreender como eram inicialmente as habitações dos pescadores do Bairro da Ribeira de Viana do Castelo, foram realizadas entrevistas não-diretivas, nas quais apenas foi introduzido o tema de conversa, sendo que o mesmo foi “como era inicialmente a sua habitação e a sua evolução até aos dias de hoje”. Também surgiu a oportunidade de visitar algumas habitações.



### Entrevista à moradora da habitação nº 19

A moradora referiu que inicialmente a fachada da sua habitação era caiada de branco e de cantaria de pedra, a semelhança do resto das habitações.

Numa primeira fase o lote da habitação era de 3 metros de largura, da rua entrava-se para o hall de entrada/sala, porém que se encontrava a uma cota inferior que a rua, desta forma surgiu um degrau para reduzir essa diferença. Do hall de entrada/sala tinha-se acesso ao corredor, onde a esquerda se podiam encontrar dois quartos, seguindo-se da cozinha, que dava acesso ao quintal, onde se guardava aparelhos e utensílios de pesca. Numa segunda fase ao fundo do quintal foi construído um anexo, com a função de instalações.

Posteriormente já numa terceira fase, o interior da habitação foi reconstruído, a sala ficou mais ampla onde se pode encontrar uma cozinha aberta para a mesma, seguindo-se uma parede a separar a cozinha do resto das divisões, sendo que o corredor se mantém do lado direito fazendo a distribuição para um quarto, uma casa de banho e para outro quarto. No fim do corredor encontra-se uma porta que dá acesso ao logradouro, onde o anexo que anteriormente tinha a função de instalações sanitárias passou a ser utilizado para arrumos, com cobertura acessível a partir de umas escadas exteriores, criando assim um terraço.

Nesta fase foi comprado a habitação (lote) do lado esquerdo, fazendo com que a largura total passasse para os 6 metros. Devido a procura de luz a porta foi transformada em janela, somando desta forma para duas o número de janelas, foi construída uma nova porta de entrada principal no último lote comprado, sendo que entrando nessa porta existe a semelhança da fase anterior um degrau para ajudar a reduzir o desnível da rua para o interior, dando acesso a um hall de entrada comum onde existem duas portas, uma para a moradia que foi visitada e a segunda para a habitação do piso superior, que pertence a terceiros. Após esta alteração, o material da fachada passou a ser de cantaria de pedra e revestimento cerâmico nos dois pisos.

## 8.2 Entrevista à moradora da habitação nº 28

Foi mencionado pela moradora que inicialmente a fachada da habitação era de cantaria de pedra e caída de branco, posteriormente passou a ser de revestimento cerâmico e de cantaria de pedra. Em relação aos vãos era constituída como nos dias de hoje por uma janela e uma porta, da rua tinha-se acesso ao hall de entrada/sala, que se encontrava a uma cota diferente, surgindo desta forma um degrau para ajudar a reduzir o desnível. O hall de entrada/sala dava acesso ao corredor que se encontrava a uma cota a cima, a medida que surgia uma parede divisória também foram colocados novos degraus para vencer a diferença de cotas, desta forma o corredor dava acesso a dois quartos e a cozinha, é relevante referir que não existiam paredes verticais a dividir as peças do corredor, apenas foram colocadas cortinas. Da cozinha tinha-se acesso ao logradouro.

Numa segunda fase, foi construído um anexo no fundo do quintal com a função de instalações sanitárias. Posteriormente numa terceira fase, houve uma evolução significativa no interior da habitação, uma vez que as instalações sanitárias foram colocadas no interior, a moradia cresceu, sendo que após a casa de banho foi construído um segundo quarto e uma cozinha maior. O anexo passou a servir de arrumos e a cobertura do mesmo é acessível por umas escadas exteriores.

### 8.3 Entrevista à moradora da habitação nº 75

A moradora explicou que inicialmente a fachada da habitação era caída de branco e com cantaria de pedra, com uma janela e uma porta. Posteriormente foi colocado azulejo e capisco.

Relativamente ao interior da habitação, da rua entrava-se para um pequeno hall de entrada/sala, que se encontrava a uma cota inferior que a rua, sendo que para vencer esse desnível foi colocado um degrau. Devido à reduzida escala da habitação à frente da porta de entrada encontrava-se um corredor de pequena largura, que dava acesso aos dois quartos que se encontravam do lado esquerdo e para a cozinha no fim da habitação. Da cozinha tinha-se acesso ao logradouro, onde se guardavam os aparelhos e utensílios de pesca. Numa segunda fase, foi construído um anexo no fundo do logradouro, com a função de instalações sanitárias e a cozinha foi alargada, também apareceu um novo vão, esta janela foi construída com o intuito da cozinha receber mais iluminação natural, também surgiu uma porta a separar a cozinha do corredor. Já numa fase posterior foi criado um terraço ao qual se tem acesso a partir de uma escadaria na zona exterior da habitação, esse terraço encontra-se a uma cota mais baixa que a cobertura. Porém no rés-do-chão o espaço continua a ser considerado exterior, uma vez que apenas ganhou uma cobertura, sendo que ainda se encontra exposto as condições climáticas, devido a caixa de escadas se encontrar ao ar livre.

**Entrevista à moradora da habitação nº 77**

Em termos de fachada foi referido que a habitação sempre possuiu apenas uma porta e que inicialmente a moradia era caiada de branco com cantaria de pedra, sendo que posteriormente foi pintada apenas de branco.

Quanto a organização interior da habitação, a moradora explicou que inicialmente a habitação era organizada da seguinte forma, entrava-se para um pequeno hall de entrada/sala, que se encontrava a uma cota inferior que a rua, sendo que para vencer esse desnível foi colocado um degrau. À frente da porta de entrada encontrava-se um estreito e comprido corredor, que dava acesso à dois quartos que se encontravam do lado esquerdo e para à cozinha no fundo da habitação. Da cozinha tinha-se acesso ao logradouro, onde se guardavam os aparelhos e utensílios de pesca. Numa segunda fase, a única alteração foi a construção de um anexo ao fundo do quintal com as instalações sanitárias. Já numa fase posterior foi criado um terraço ao qual se tem acesso a partir de uma escadaria na zona exterior da habitação, esse terraço encontra-se a uma cota mais baixa que a cobertura. Porém no rés-do-chão o espaço continua a ser considerado exterior, uma vez que apenas ganhou uma cobertura, sendo que ainda se encontra exposto as condições climatéricas, devido a caixa de escadas se encontrar ao ar livre.



## Entrevista a outros moradores

Foram também realizadas entrevistas não-diretivas a alguns moradores, por contra não foi possível visitar as suas habitações como nos casos anteriormente apresentados. Contudo foi conclusivo que existe uma tipologia relativamente a planta original, como também é observável nas plantas apresentadas no anexo II.

Numa primeira fase as habitações eram todas semelhantes, sendo que da rua se entrava para um hall de entrada/sala, que se encontrava a uma cota mais baixa, deste modo havia um degrau para tentar diminuir a diferença de cotas. Do hall de entrada/sala encontrava-se um corredor do lado direito da habitação que dava acesso a dois quartos que se localizavam à esquerda e à cozinha no fundo da habitação, da cozinha tinha-se acesso ao logradouro onde se guardavam utensílios e aparelhos de trabalho relacionados com a atividade profissional.

Também foi possível apurar que numa segunda fase as fachadas principais começaram a apresentar uma janela, sendo que surgiram também as instalações sanitárias no fundo do logradouro. Desta forma numa fase posterior as habitações começaram a apresentar algumas diferenças, relacionadas com as posses financeiras que os moradores tinham, como por exemplo acrescentar peças na habitação ou alargar as existentes, abrir novos vãos a procura de luz, entre outros. Porém nesta fase também é relevante mencionar o surgimento de terraços.

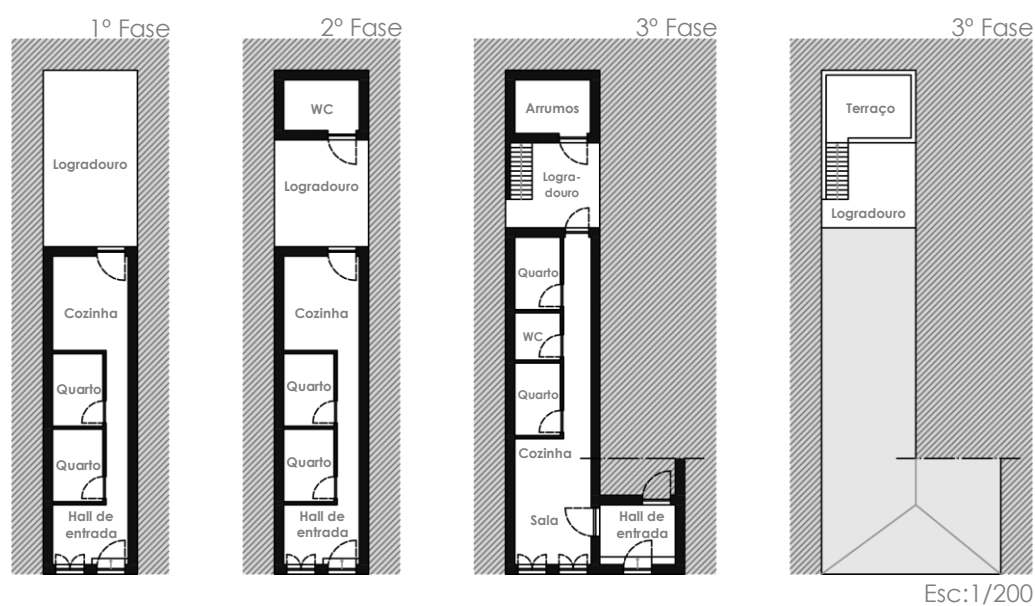


## ANEXO II



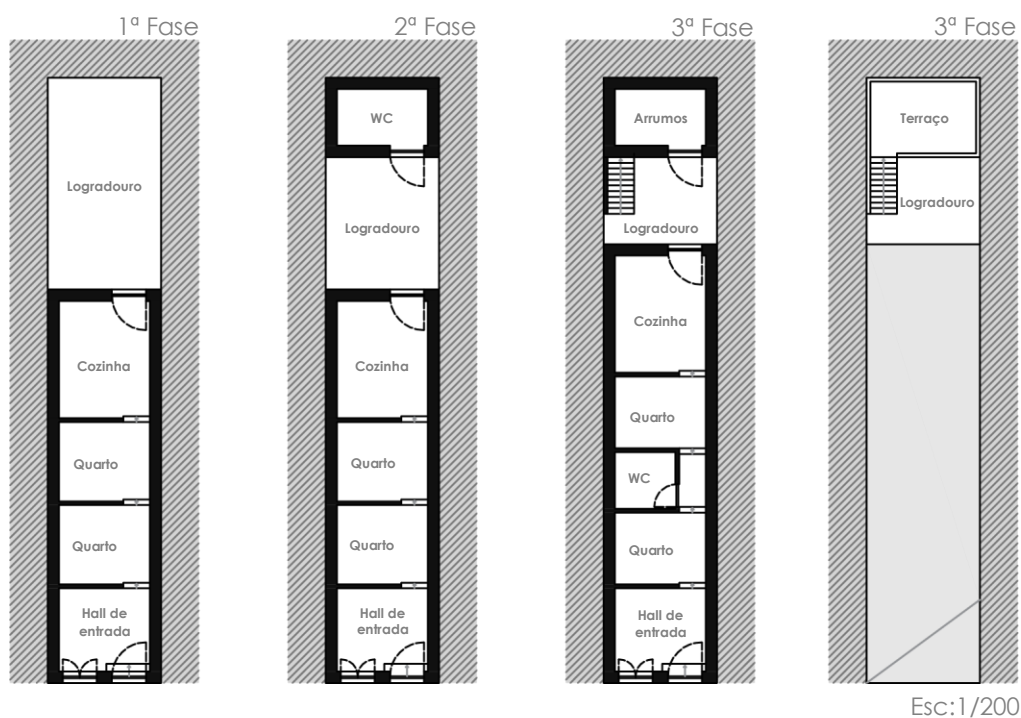
## Plantas da habitação nº 19

Surgiu a oportunidade de analisar o interior da habitação em questão, sendo que com a entrevista não-diretiva e a visita à habitação com o auxílio de notas de campo, foram realizadas plantas de interpretação própria.



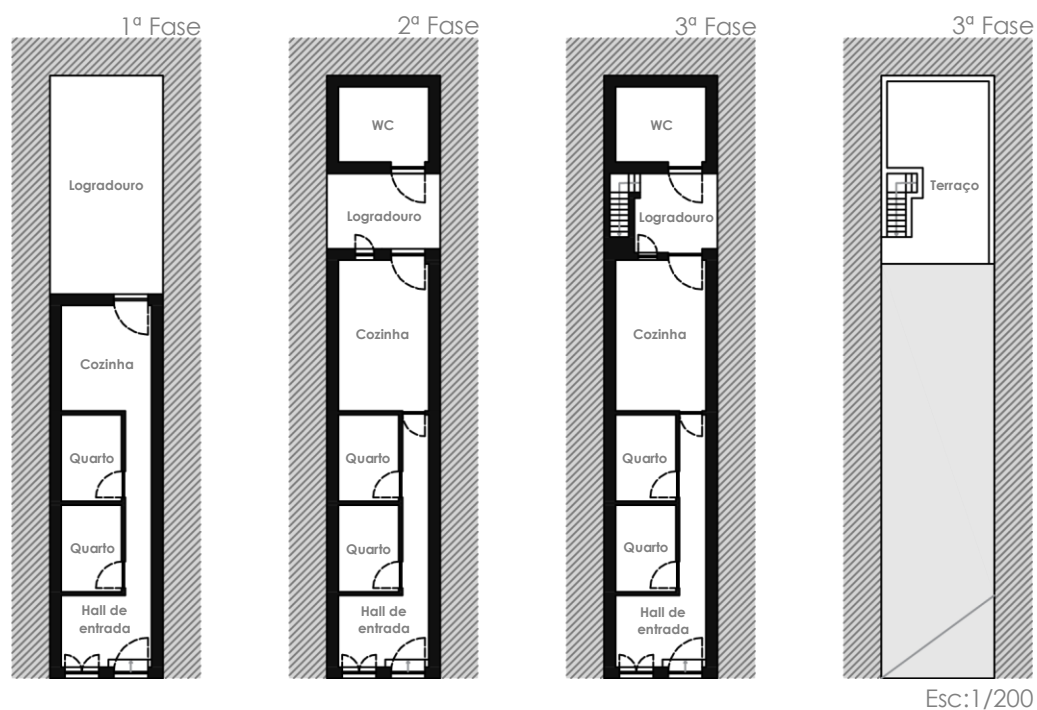
## Plantas da habitação nº 28

Surgiu a oportunidade de analisar o interior da habitação em questão, sendo que com a entrevista não-diretiva e a visita à habitação com o auxílio de notas de campo, foram realizadas plantas de interpretação própria.



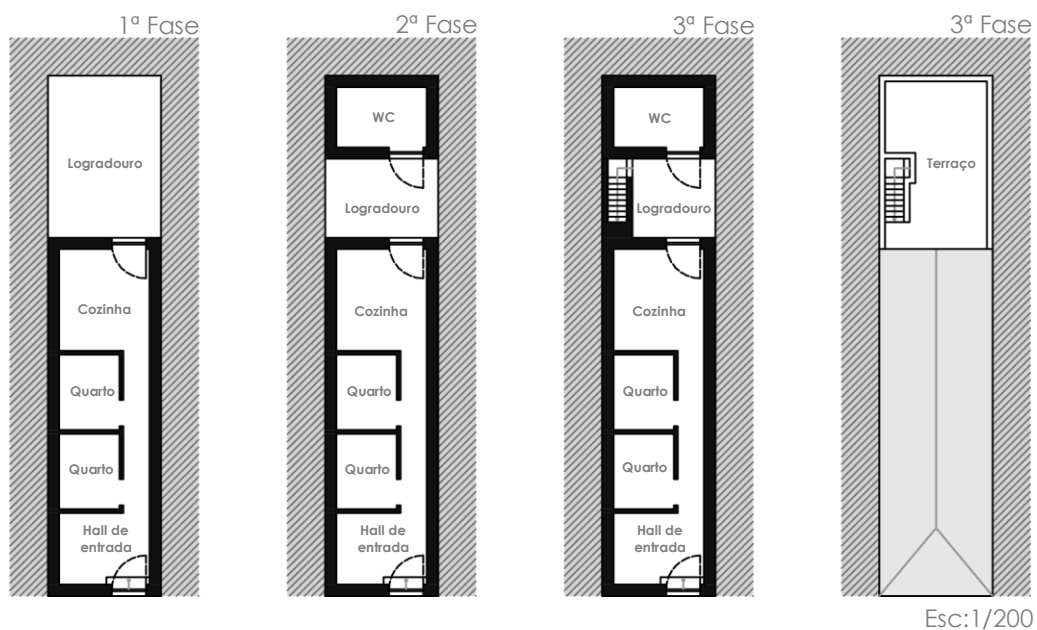
## Plantas da habitação nº 75

Surgiu a oportunidade de analisar o interior da habitação em questão, sendo que com a entrevista não-diretiva e a visita à habitação com o auxílio de notas de campo, foram realizadas plantas de interpretação própria.



### Plantas da habitação nº 77

Surgiu a oportunidade de analisar o interior da habitação em questão, sendo que com a entrevista não-diretiva e a visita à habitação com o auxílio de notas de campo, foram realizadas plantas de interpretação própria.





## ANEXO III



## 1. Volumetria

### 1.1 - Original

|          | Original |          | Original |           | Original |
|----------|----------|----------|----------|-----------|----------|
| Ficha 1  |          | Ficha 46 |          | Ficha 91  |          |
| Ficha 2  | ✓        | Ficha 47 |          | Ficha 92  |          |
| Ficha 3  | ✓        | Ficha 48 |          | Ficha 93  |          |
| Ficha 4  | ✓        | Ficha 49 |          | Ficha 94  | ✓        |
| Ficha 5  | ✓        | Ficha 50 | ✓        | Ficha 95  | ✓        |
| Ficha 6  | ✓        | Ficha 51 |          | Ficha 96  | ✓        |
| Ficha 7  | ✓        | Ficha 52 |          | Ficha 97  |          |
| Ficha 8  |          | Ficha 53 |          | Ficha 98  | ✓        |
| Ficha 9  |          | Ficha 54 | ✓        | Ficha 99  | ✓        |
| Ficha 10 |          | Ficha 55 | ✓        | Ficha 100 | ✓        |
| Ficha 11 |          | Ficha 56 |          | Ficha 101 | ✓        |
| Ficha 12 |          | Ficha 57 |          | Ficha 102 | ✓        |
| Ficha 13 |          | Ficha 58 | ✓        | Ficha 103 | ✓        |
| Ficha 14 |          | Ficha 59 |          | Ficha 104 |          |
| Ficha 15 |          | Ficha 60 |          | Ficha 105 |          |
| Ficha 16 |          | Ficha 61 |          | Ficha 106 |          |
| Ficha 17 |          | Ficha 62 |          | Ficha 107 |          |
| Ficha 18 | ✓        | Ficha 63 | ✓        | Ficha 108 |          |
| Ficha 19 |          | Ficha 64 | ✓        | Ficha 109 |          |
| Ficha 20 | ✓        | Ficha 65 |          | Ficha 110 |          |
| Ficha 21 | ✓        | Ficha 66 |          | Ficha 111 |          |
| Ficha 22 | ✓        | Ficha 67 |          | Ficha 112 |          |
| Ficha 23 |          | Ficha 68 | ✓        | Ficha 113 | ✓        |
| Ficha 24 |          | Ficha 69 | ✓        | Ficha 114 |          |
| Ficha 25 | ✓        | Ficha 70 | ✓        | Ficha 115 | ✓        |
| Ficha 26 | ✓        | Ficha 71 |          | Ficha 116 | ✓        |
| Ficha 27 |          | Ficha 72 |          | Ficha 117 |          |
| Ficha 28 | ✓        | Ficha 73 |          | Ficha 118 |          |
| Ficha 29 | ✓        | Ficha 74 |          | Ficha 119 |          |
| Ficha 30 | ✓        | Ficha 75 | ✓        | Ficha 120 |          |
| Ficha 31 | ✓        | Ficha 76 | ✓        | Ficha 121 |          |
| Ficha 32 | ✓        | Ficha 77 | ✓        | Ficha 122 |          |
| Ficha 33 | ✓        | Ficha 78 | ✓        |           |          |
| Ficha 34 |          | Ficha 79 |          |           |          |
| Ficha 35 | ✓        | Ficha 80 | ✓        |           |          |
| Ficha 36 |          | Ficha 81 | ✓        |           |          |
| Ficha 37 |          | Ficha 82 |          |           |          |
| Ficha 38 | ✓        | Ficha 83 |          |           |          |
| Ficha 39 | ✓        | Ficha 84 |          |           |          |
| Ficha 40 |          | Ficha 85 |          |           |          |
| Ficha 41 | ✓        | Ficha 86 |          |           |          |
| Ficha 42 | ✓        | Ficha 87 |          |           |          |
| Ficha 43 |          | Ficha 88 |          |           |          |
| Ficha 44 |          | Ficha 89 | ✓        |           |          |
| Ficha 45 |          | Ficha 90 | ✓        |           |          |

## 1.2 Tipo de cobertura

|          | Plana | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |          | Plana | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|----------|-------|---|---|---|---|---|----------|-------|---|---|---|---|---|
| Ficha 1  |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 44 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 2  |       |   | ✓ |   |   |   | Ficha 45 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 3  |       |   | ✓ |   |   |   | Ficha 46 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 4  |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 47 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 5  |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 48 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 6  |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 49 |       |   | ✓ |   |   |   |
| Ficha 7  |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 50 |       |   | ✓ |   |   |   |
| Ficha 8  |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 51 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 9  |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 52 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 10 |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 53 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 11 |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 54 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 12 |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 55 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 13 |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 56 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 14 |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 57 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 15 |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 58 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 16 |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 59 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 17 |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 60 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 18 |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 61 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 19 |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 62 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 20 |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 63 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 21 |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 64 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 22 |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 65 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 23 |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 66 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 24 |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 67 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 25 |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 68 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 26 |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 69 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 27 |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 70 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 28 |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 71 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 29 |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 72 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 30 |       |   | ✓ |   |   |   | Ficha 73 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 31 |       |   | ✓ |   |   |   | Ficha 74 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 32 |       |   | ✓ |   |   |   | Ficha 75 |       |   | ✓ |   |   |   |
| Ficha 33 |       |   | ✓ |   |   |   | Ficha 76 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 34 |       |   | ✓ |   |   |   | Ficha 77 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 35 |       |   | ✓ |   |   |   | Ficha 78 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 36 |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 79 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 37 |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 80 | ✓     |   |   |   |   |   |
| Ficha 38 |       | ✓ |   |   |   |   | Ficha 81 |       |   |   |   |   |   |
| Ficha 39 |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 82 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 40 |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 83 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 41 |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 84 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 42 |       |   |   | ✓ |   |   | Ficha 85 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 43 |       |   |   |   | ✓ |   | Ficha 86 |       |   |   | ✓ |   |   |

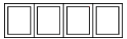
|           | Plana | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|-----------|-------|---|---|---|---|---|
| Ficha 87  |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 88  |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 89  |       |   | ✓ |   |   |   |
| Ficha 90  |       |   | ✓ |   |   |   |
| Ficha 91  |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 92  |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 93  |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 94  |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 95  |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 96  |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 97  |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 98  |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 99  |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 100 |       |   | ✓ |   |   |   |
| Ficha 101 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 102 |       |   | ✓ |   |   |   |
| Ficha 103 |       |   | ✓ |   |   |   |
| Ficha 104 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 105 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 106 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 107 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 108 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 109 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 110 |       |   |   |   |   | ✓ |
| Ficha 111 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 112 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 113 |       |   |   |   |   |   |
| Ficha 114 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 115 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 116 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 117 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 118 |       |   |   |   | ✓ |   |
| Ficha 118 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 119 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 120 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 121 |       |   |   | ✓ |   |   |
| Ficha 122 |       |   |   | ✓ |   |   |

## 1.3 Número de pisos

|          | Rés-do-chão | 1º andar |          | Rés-do-chão | 1º andar |           | Rés-do-chão | 1º andar |           | Rés-do-chão | 1º andar |
|----------|-------------|----------|----------|-------------|----------|-----------|-------------|----------|-----------|-------------|----------|
| Ficha 1  | ✓           | ✓        | Ficha 41 | ✓           |          | Ficha 81  | ✓           |          | Ficha 121 | ✓           | ✓        |
| Ficha 2  | ✓           |          | Ficha 42 | ✓           |          | Ficha 82  | ✓           | ✓        | Ficha 122 | ✓           | ✓        |
| Ficha 3  | ✓           |          | Ficha 43 | ✓           | ✓        | Ficha 83  | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 4  | ✓           |          | Ficha 44 | ✓           | ✓        | Ficha 84  | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 5  | ✓           |          | Ficha 45 | ✓           | ✓        | Ficha 85  | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 6  | ✓           |          | Ficha 46 | ✓           | ✓        | Ficha 86  | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 7  | ✓           |          | Ficha 47 | ✓           | ✓        | Ficha 87  | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 8  | ✓           | ✓        | Ficha 48 | ✓           | ✓        | Ficha 88  | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 9  | ✓           | ✓        | Ficha 49 | ✓           | ✓        | Ficha 89  | ✓           |          |           |             |          |
| Ficha 10 | ✓           | ✓        | Ficha 50 | ✓           |          | Ficha 90  | ✓           |          |           |             |          |
| Ficha 11 | ✓           | ✓        | Ficha 51 | ✓           | ✓        | Ficha 91  | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 12 | ✓           | ✓        | Ficha 52 | ✓           | ✓        | Ficha 92  | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 13 | ✓           | ✓        | Ficha 53 | ✓           | ✓        | Ficha 93  | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 14 | ✓           | ✓        | Ficha 54 | ✓           |          | Ficha 94  | ✓           |          |           |             |          |
| Ficha 15 | ✓           | ✓        | Ficha 55 | ✓           |          | Ficha 95  | ✓           |          |           |             |          |
| Ficha 16 | ✓           | ✓        | Ficha 56 | ✓           | ✓        | Ficha 96  | ✓           |          |           |             |          |
| Ficha 17 | ✓           | ✓        | Ficha 57 | ✓           | ✓        | Ficha 97  | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 18 | ✓           |          | Ficha 58 | ✓           | ✓        | Ficha 98  | ✓           |          |           |             |          |
| Ficha 19 | ✓           | ✓        | Ficha 59 | ✓           | ✓        | Ficha 99  | ✓           |          |           |             |          |
| Ficha 20 | ✓           |          | Ficha 60 | ✓           | ✓        | Ficha 100 | ✓           |          |           |             |          |
| Ficha 21 | ✓           |          | Ficha 61 | ✓           | ✓        | Ficha 101 | ✓           |          |           |             |          |
| Ficha 22 | ✓           |          | Ficha 62 | ✓           | ✓        | Ficha 102 | ✓           |          |           |             |          |
| Ficha 23 | ✓           | ✓        | Ficha 63 | ✓           |          | Ficha 103 | ✓           |          |           |             |          |
| Ficha 24 | ✓           | ✓        | Ficha 64 | ✓           |          | Ficha 104 | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 25 | ✓           |          | Ficha 65 | ✓           | ✓        | Ficha 105 | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 26 | ✓           |          | Ficha 66 | ✓           | ✓        | Ficha 106 | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 27 | ✓           | ✓        | Ficha 67 | ✓           | ✓        | Ficha 107 | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 28 | ✓           |          | Ficha 68 | ✓           |          | Ficha 108 | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 29 | ✓           |          | Ficha 69 | ✓           |          | Ficha 109 | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 30 | ✓           |          | Ficha 70 | ✓           |          | Ficha 110 | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 31 | ✓           |          | Ficha 71 | ✓           | ✓        | Ficha 111 | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 32 | ✓           |          | Ficha 72 | ✓           | ✓        | Ficha 112 | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 33 | ✓           |          | Ficha 73 | ✓           | ✓        | Ficha 113 | ✓           |          |           |             |          |
| Ficha 34 | ✓           | ✓        | Ficha 74 | ✓           | ✓        | Ficha 114 | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 35 | ✓           |          | Ficha 75 | ✓           |          | Ficha 115 | ✓           |          |           |             |          |
| Ficha 36 | ✓           | ✓        | Ficha 76 | ✓           |          | Ficha 116 | ✓           |          |           |             |          |
| Ficha 37 | ✓           | ✓        | Ficha 77 | ✓           |          | Ficha 117 | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 38 | ✓           |          | Ficha 78 | ✓           |          | Ficha 118 | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 39 | ✓           |          | Ficha 79 | ✓           | ✓        | Ficha 119 | ✓           | ✓        |           |             |          |
| Ficha 40 | ✓           | ✓        | Ficha 80 | ✓           |          | Ficha 120 | ✓           | ✓        |           |             |          |

## 2. Composição da fachada

### 2.1 – Janelas

Nº      

|          |   |    |      |    |  |   |  |
|----------|---|----|------|----|--|---|--|
| Ficha 1  | 3 | ✓  | ✓✓   |    |  |   |  |
| Ficha 2  | 1 | ✓  |      |    |  |   |  |
| Ficha 3  | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 4  | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 5  | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 6  | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 7  | 0 |    |      |    |  |   |  |
| Ficha 8  | 5 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 9  | 3 |    | ✓✓   | ✓  |  |   |  |
| Ficha 10 | 5 |    | ✓✓✓  | ✓  |  | ✓ |  |
| Ficha 11 | 3 | ✓  | ✓✓   |    |  |   |  |
| Ficha 12 | 3 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 13 | 3 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 14 | 1 |    |      |    |  |   |  |
| Ficha 15 | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 16 | 3 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 17 | 5 | ✓  | ✓✓✓✓ |    |  |   |  |
| Ficha 18 | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 19 | 4 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 20 | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 21 | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 22 | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 23 | 3 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 34 | 4 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 25 | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 26 | 0 |    |      |    |  |   |  |
| Ficha 27 | 3 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 28 | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 29 | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 30 | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 31 | 1 | ✓  |      |    |  |   |  |
| Ficha 32 | 1 | ✓  |      |    |  |   |  |
| Ficha 33 | 2 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 34 | 3 |    |      |    |  |   |  |
| Ficha 35 | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 36 | 3 | ✓  | ✓✓   |    |  |   |  |
| Ficha 37 | 4 | ✓✓ |      | ✓✓ |  |   |  |
| Ficha 38 | 0 |    |      |    |  |   |  |
| Ficha 39 | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 40 | 3 |    | ✓✓   |    |  | ✓ |  |
| Ficha 41 | 1 |    | ✓    |    |  |   |  |
| Ficha 42 | 2 |    | ✓    |    |  |   |  |

Nº

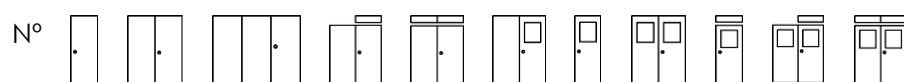
|          |   |   |    |   |  |  |  |
|----------|---|---|----|---|--|--|--|
| Ficha 43 | 3 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 44 | 3 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 45 | 2 |   | ✓  | ✓ |  |  |  |
| Ficha 46 | 3 | ✓ |    |   |  |  |  |
| Ficha 47 | 3 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 48 | 5 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 49 | 3 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 50 | 1 | ✓ |    |   |  |  |  |
| Ficha 51 | 3 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 52 | 1 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 53 | 1 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 54 | 1 |   |    |   |  |  |  |
| Ficha 55 | 1 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 56 | 3 | ✓ | ✓✓ |   |  |  |  |
| Ficha 57 | 3 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 58 | 1 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 59 | 3 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 60 | 3 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 61 | 3 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 62 | 3 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 63 | 1 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 64 | 2 |   | ✓✓ |   |  |  |  |
| Ficha 65 | 5 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 66 | 2 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 67 | 3 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 68 | 1 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 69 | 1 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 70 | 1 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 71 | 3 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 72 | 2 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 73 | 2 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 74 | 3 | ✓ | ✓✓ |   |  |  |  |
| Ficha 75 | 1 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 76 | 1 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 77 | 0 |   |    |   |  |  |  |
| Ficha 78 | 1 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 79 | 3 | ✓ | ✓✓ |   |  |  |  |
| Ficha 80 | 0 |   |    |   |  |  |  |
| Ficha 81 | 1 |   |    |   |  |  |  |
| Ficha 82 | 2 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 83 | 3 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 84 | 3 |   | ✓  |   |  |  |  |
| Ficha 85 | 3 |   | ✓  |   |  |  |  |



Nº

|           |   |   |    |    |   |  |   |
|-----------|---|---|----|----|---|--|---|
| Ficha 86  | 3 | ✓ |    |    |   |  |   |
| Ficha 87  | 3 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 88  | 3 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 89  | 1 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 90  | 1 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 91  | 3 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 92  | 2 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 93  | 4 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 94  | 1 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 95  | 1 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 96  | 1 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 97  | 5 |   |    |    |   |  |   |
| Ficha 98  | 1 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 99  | 1 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 100 | 1 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 101 | 1 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 102 | 1 | ✓ |    |    |   |  |   |
| Ficha 103 | 1 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 104 | 4 | ✓ | ✓✓ |    | ✓ |  |   |
| Ficha 105 | 3 |   |    |    |   |  | ✓ |
| Ficha 106 | 5 |   |    |    |   |  | ✓ |
| Ficha 107 | 5 |   |    |    |   |  | ✓ |
| Ficha 108 | 3 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 109 | 3 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 110 | 3 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 111 | 4 |   | ✓✓ | ✓✓ |   |  |   |
| Ficha 112 | 3 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 113 | 1 |   |    |    |   |  |   |
| Ficha 114 | 3 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 115 | 1 |   |    |    |   |  |   |
| Ficha 116 | 1 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 117 | 4 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 118 | 3 |   | ✓  | ✓✓ |   |  |   |
| Ficha 119 | 3 |   | ✓  |    |   |  |   |
| Ficha 120 | 3 | ✓ | ✓✓ |    |   |  |   |
| Ficha 121 | 3 |   |    |    |   |  |   |
| Ficha 122 | 3 |   | ✓  |    |   |  |   |

## 2.2 – Portas



|          |   |   |   |  |   |   |  |   |   |   |     |   |
|----------|---|---|---|--|---|---|--|---|---|---|-----|---|
| Ficha 1  | 1 | ✓ |   |  |   |   |  |   |   |   |     |   |
| Ficha 2  | 1 |   | ✓ |  |   |   |  |   |   |   |     |   |
| Ficha 3  | 1 |   |   |  |   |   |  | ✓ |   |   |     |   |
| Ficha 4  | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 5  | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 6  | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 7  | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 8  | 1 | ✓ |   |  |   |   |  |   |   |   |     |   |
| Ficha 9  | 1 |   |   |  |   |   |  |   |   |   | ✓   |   |
| Ficha 10 | 3 | ✓ |   |  |   | ✓ |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 11 | 1 |   |   |  |   |   |  | ✓ |   |   |     |   |
| Ficha 12 | 1 | ✓ |   |  |   |   |  |   |   |   |     |   |
| Ficha 13 | 1 |   |   |  |   |   |  |   |   |   | ✓   |   |
| Ficha 14 | 1 |   |   |  |   |   |  |   |   |   | ✓   |   |
| Ficha 15 | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 16 | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 17 | 1 | ✓ |   |  |   |   |  |   |   |   |     |   |
| Ficha 18 | 1 |   |   |  |   |   |  | ✓ |   |   |     |   |
| Ficha 19 | 1 |   |   |  |   |   |  | ✓ |   |   |     |   |
| Ficha 20 | 1 |   |   |  |   |   |  |   |   |   | ✓   |   |
| Ficha 21 | 1 |   |   |  |   |   |  |   |   |   | ✓   |   |
| Ficha 22 | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 23 | 1 |   |   |  |   |   |  | ✓ |   |   |     |   |
| Ficha 24 | 4 |   |   |  | ✓ |   |  |   |   |   | ✓✓✓ |   |
| Ficha 25 | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 26 | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 27 | 3 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 28 | 1 |   |   |  |   |   |  |   |   |   | ✓   |   |
| Ficha 29 | 1 |   |   |  |   |   |  |   |   |   |     | ✓ |
| Ficha 30 | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 31 | 1 |   |   |  |   |   |  | ✓ |   |   |     |   |
| Ficha 32 | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 33 | 1 | ✓ |   |  |   |   |  |   |   |   |     |   |
| Ficha 34 | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 35 | 1 |   |   |  |   |   |  | ✓ |   |   |     |   |
| Ficha 36 | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 37 | 2 |   |   |  |   |   |  |   |   | ✓ |     |   |
| Ficha 38 | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 39 | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 40 | 2 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 41 | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |
| Ficha 42 | 1 |   |   |  |   |   |  |   | ✓ |   |     |   |

Nº           

|          |   |   |   |  |   |  |   |   |    |  |   |   |
|----------|---|---|---|--|---|--|---|---|----|--|---|---|
| Ficha 43 | 1 |   |   |  |   |  | ✓ |   |    |  |   |   |
| Ficha 44 | 1 |   |   |  |   |  | ✓ |   |    |  |   |   |
| Ficha 45 | 1 |   |   |  |   |  | ✓ |   |    |  |   |   |
| Ficha 46 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 47 | 1 |   | ✓ |  |   |  |   |   |    |  |   |   |
| Ficha 48 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 49 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 50 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 51 | 1 |   |   |  |   |  |   |   | ✓  |  |   |   |
| Ficha 52 | 1 |   |   |  |   |  |   |   | ✓  |  |   |   |
| Ficha 53 | 1 |   |   |  |   |  |   |   | ✓  |  |   |   |
| Ficha 54 | 1 |   |   |  |   |  |   |   | ✓  |  |   |   |
| Ficha 55 | 1 |   |   |  |   |  |   |   | ✓  |  |   |   |
| Ficha 56 | 2 |   |   |  |   |  |   |   | ✓  |  |   |   |
| Ficha 57 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 58 | 2 |   | ✓ |  |   |  |   |   | ✓  |  |   |   |
| Ficha 59 | 1 |   |   |  |   |  | ✓ |   |    |  |   |   |
| Ficha 60 | 3 |   |   |  | ✓ |  |   |   |    |  |   |   |
| Ficha 61 | 1 |   |   |  | ✓ |  |   |   |    |  |   |   |
| Ficha 62 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 63 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 64 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 65 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 66 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 67 | 1 |   |   |  |   |  |   |   |    |  |   | ✓ |
| Ficha 68 | 1 | ✓ |   |  |   |  |   |   |    |  |   |   |
| Ficha 69 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 70 | 1 |   |   |  |   |  |   |   | ✓  |  |   |   |
| Ficha 71 | 1 |   |   |  |   |  |   |   | ✓  |  |   |   |
| Ficha 72 | 3 |   |   |  |   |  |   | ✓ | ✓✓ |  |   |   |
| Ficha 73 | 2 | ✓ |   |  |   |  | ✓ |   |    |  |   |   |
| Ficha 74 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 75 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 76 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 77 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 78 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 79 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 80 | 1 |   |   |  |   |  |   | ✓ |    |  |   |   |
| Ficha 81 | 1 | ✓ |   |  |   |  |   |   |    |  |   |   |
| Ficha 82 | 2 | ✓ |   |  |   |  |   |   |    |  | ✓ |   |
| Ficha 83 | 3 |   |   |  |   |  |   |   | ✓  |  |   |   |
| Ficha 84 | 1 |   |   |  |   |  |   |   | ✓  |  |   |   |

Nº          

|           |   |   |  |   |  |   |   |   |   |   |  |
|-----------|---|---|--|---|--|---|---|---|---|---|--|
| Ficha 85  | 1 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 86  | 1 |   |  |   |  |   | ✓ |   |   |   |  |
| Ficha 87  | 1 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 88  | 1 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 89  | 1 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 90  | 1 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 91  | 1 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 92  | 2 |   |  | ✓ |  |   |   |   |   | ✓ |  |
| Ficha 93  | 2 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 94  | 1 |   |  |   |  |   | ✓ |   |   |   |  |
| Ficha 95  | 1 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 96  | 1 |   |  |   |  | ✓ |   |   |   |   |  |
| Ficha 97  | 1 |   |  |   |  |   |   |   |   |   |  |
| Ficha 98  | 1 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 99  | 1 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 100 | 1 |   |  |   |  |   |   |   | ✓ |   |  |
| Ficha 101 | 1 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 102 | 1 | ✓ |  |   |  |   |   |   |   |   |  |
| Ficha 103 | 1 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 104 | 1 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 105 | 3 |   |  |   |  |   |   |   |   | ✓ |  |
| Ficha 106 | 1 |   |  |   |  |   |   |   |   | ✓ |  |
| Ficha 107 | 1 |   |  |   |  |   |   |   |   | ✓ |  |
| Ficha 108 | 1 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 109 | 1 |   |  |   |  |   | ✓ |   |   |   |  |
| Ficha 110 | 1 |   |  |   |  |   | ✓ |   |   |   |  |
| Ficha 111 | 1 |   |  |   |  |   | ✓ |   |   |   |  |
| Ficha 112 | 1 | ✓ |  |   |  |   |   |   |   |   |  |
| Ficha 113 | 1 |   |  |   |  |   |   |   |   |   |  |
| Ficha 114 | 1 | ✓ |  |   |  |   |   |   |   |   |  |
| Ficha 115 | 1 |   |  |   |  |   |   |   |   |   |  |
| Ficha 116 | 1 |   |  |   |  |   | ✓ |   |   |   |  |
| Ficha 117 | 2 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 118 | 1 |   |  |   |  |   | ✓ |   |   |   |  |
| Ficha 119 | 1 |   |  |   |  |   |   | ✓ |   |   |  |
| Ficha 120 | 1 |   |  |   |  |   |   |   |   | ✓ |  |
| Ficha 121 | 1 |   |  |   |  |   |   |   |   | ✓ |  |
| Ficha 122 | 1 |   |  |   |  | ✓ |   |   |   |   |  |

## 2.3 – Varandas

|          |  |  |          |  |  |           |  |  |
|----------|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|----------|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------|-----------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------|
| Ficha 1  |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 45 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 89  |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 2  |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 46 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 90  |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 3  |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 47 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 91  |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 4  |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 48 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 92  |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 5  |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 49 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 93  |                                                                                   | ✓                                                                                  |
| Ficha 6  |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 50 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 94  |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 7  |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 51 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 95  |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 8  |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 52 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 96  |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 9  |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 53 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 97  |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 10 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 54 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 98  |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 11 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 55 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 99  |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 12 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 56 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 100 |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 13 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 57 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 101 |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 14 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 58 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 102 |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 15 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 59 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 103 |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 16 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 60 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 104 |                                                                                   | ✓                                                                                  |
| Ficha 17 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 61 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 105 |                                                                                   | ✓                                                                                  |
| Ficha 18 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 62 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 106 |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 19 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 63 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 107 |                                                                                   | ✓                                                                                  |
| Ficha 20 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 64 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 108 |                                                                                   | ✓                                                                                  |
| Ficha 21 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 65 | ✓                                                                                 |                                                                                   | Ficha 109 |                                                                                   | ✓                                                                                  |
| Ficha 22 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 66 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 110 |                                                                                   | ✓                                                                                  |
| Ficha 23 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 67 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 111 | ✓                                                                                 |                                                                                    |
| Ficha 24 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 68 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 112 |                                                                                   | ✓                                                                                  |
| Ficha 25 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 69 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 113 |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 26 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 70 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 114 |                                                                                   | ✓                                                                                  |
| Ficha 27 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 71 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 115 |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 28 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 72 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 116 |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 29 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 73 | ✓                                                                                 |                                                                                   | Ficha 117 |                                                                                   | ✓                                                                                  |
| Ficha 30 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 74 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 118 |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 31 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 75 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 119 |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 32 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 76 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 120 |                                                                                   | ✓                                                                                  |
| Ficha 33 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 77 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 121 |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 34 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 78 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 122 |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 35 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 79 | ✓                                                                                 |                                                                                   | Ficha 122 |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 36 | ✓                                                                                 |                                                                                   | Ficha 80 | ✓                                                                                 |                                                                                   |           |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 37 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 81 |                                                                                   |                                                                                   |           |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 38 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 82 | ✓                                                                                 |                                                                                   |           |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 39 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 83 |                                                                                   | ✓                                                                                 |           |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 40 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 84 |                                                                                   | ✓                                                                                 |           |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 41 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 85 |                                                                                   |                                                                                   |           |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 42 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 86 |                                                                                   |                                                                                   |           |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 43 |                                                                                   |                                                                                   | Ficha 87 |                                                                                   |                                                                                   |           |                                                                                   |                                                                                    |
| Ficha 44 |                                                                                   | ✓                                                                                 | Ficha 88 |                                                                                   | ✓                                                                                 |           |                                                                                   |                                                                                    |

### 3 – Materiais de construção

#### 3.1- Cobertura

|          | Betão | Telha canudo | Telha portuguesa | Telha marselha | Telha de fibrocimento |          | Betão | Telha canudo | Telha portuguesa | Telha marselha | Telha de fibrocimento |
|----------|-------|--------------|------------------|----------------|-----------------------|----------|-------|--------------|------------------|----------------|-----------------------|
| Ficha 1  |       | ✓            |                  |                |                       | Ficha 41 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 2  |       |              |                  |                | ✓                     | Ficha 42 |       | ✓            |                  |                |                       |
| Ficha 3  |       | ✓            |                  |                |                       | Ficha 43 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 4  |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 44 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 5  |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 45 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 6  |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 46 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 7  |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 47 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 8  |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 48 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 9  |       | ✓            |                  |                |                       | Ficha 49 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 10 |       | ✓            |                  |                |                       | Ficha 50 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 11 |       |              |                  |                |                       | Ficha 51 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 12 |       | ✓            |                  |                |                       | Ficha 52 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 13 |       | ✓            |                  |                |                       | Ficha 53 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 14 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 54 |       | ✓            |                  |                |                       |
| Ficha 15 |       | ✓            |                  |                |                       | Ficha 55 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 16 |       | ✓            |                  |                |                       | Ficha 56 |       |              |                  | ✓              |                       |
| Ficha 17 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 57 |       |              |                  |                |                       |
| Ficha 18 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 58 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 19 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 59 |       | ✓            |                  |                |                       |
| Ficha 20 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 60 |       | ✓            |                  |                |                       |
| Ficha 21 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 61 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 22 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 62 |       | ✓            |                  |                |                       |
| Ficha 23 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 63 |       | ✓            |                  |                |                       |
| Ficha 24 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 64 |       | ✓            |                  |                |                       |
| Ficha 25 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 65 |       |              |                  |                |                       |
| Ficha 26 |       |              |                  |                |                       | Ficha 66 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 27 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 67 |       |              |                  | ✓              |                       |
| Ficha 28 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 68 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 29 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 69 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 30 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 70 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 31 |       | ✓            |                  |                |                       | Ficha 71 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 32 |       |              |                  |                |                       | Ficha 72 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 33 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 73 |       |              |                  | ✓              |                       |
| Ficha 34 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 74 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 35 |       | ✓            |                  |                |                       | Ficha 75 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 36 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 76 |       | ✓            |                  |                |                       |
| Ficha 37 |       |              |                  |                |                       | Ficha 77 |       | ✓            |                  |                |                       |
| Ficha 38 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 78 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 39 |       |              | ✓                |                |                       | Ficha 79 |       |              | ✓                |                |                       |
| Ficha 40 |       | ✓            |                  |                |                       | Ficha 80 | ✓     |              |                  |                |                       |

|           | Betão | Telha canudo | Telha portuguesa | Telha marseilha | Telha de fibrocimento |
|-----------|-------|--------------|------------------|-----------------|-----------------------|
| Ficha 81  |       |              |                  |                 |                       |
| Ficha 82  |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 83  |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 84  |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 85  |       |              |                  |                 |                       |
| Ficha 86  |       |              |                  |                 |                       |
| Ficha 87  |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 88  |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 89  |       |              |                  |                 |                       |
| Ficha 90  |       |              |                  |                 |                       |
| Ficha 91  |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 92  |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 93  |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 94  |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 95  |       | ✓            |                  |                 |                       |
| Ficha 96  |       | ✓            |                  |                 |                       |
| Ficha 97  |       | ✓            |                  |                 |                       |
| Ficha 98  |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 99  |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 100 |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 101 |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 102 |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 103 |       | ✓            |                  |                 |                       |
| Ficha 104 |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 105 |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 106 |       |              |                  |                 |                       |
| Ficha 107 |       |              |                  |                 |                       |
| Ficha 108 |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 109 |       |              |                  |                 |                       |
| Ficha 110 |       |              |                  |                 |                       |
| Ficha 111 |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 112 |       | ✓            |                  |                 |                       |
| Ficha 113 |       |              |                  |                 |                       |
| Ficha 114 |       | ✓            |                  |                 |                       |
| Ficha 115 |       |              | ✓                |                 |                       |
| Ficha 116 |       | ✓            |                  |                 |                       |
| Ficha 117 |       | ✓            |                  |                 |                       |
| Ficha 118 |       | ✓            |                  |                 |                       |
| Ficha 119 |       | ✓            |                  |                 |                       |
| Ficha 120 |       | ✓            |                  |                 |                       |
| Ficha 121 |       |              |                  |                 |                       |
| Ficha 122 |       |              |                  | ✓               |                       |

## 3.2- Revestimento da fachada

|          | Reboco pintado | Revestimento cerâmico | Cantaria de pedra | Metal |          | Reboco pintado | Revestimento cerâmico | Cantaria de pedra | Metal |
|----------|----------------|-----------------------|-------------------|-------|----------|----------------|-----------------------|-------------------|-------|
| Ficha 1  |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 41 |                | ✓                     | ✓                 |       |
| Ficha 2  | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 42 |                | ✓                     | ✓                 |       |
| Ficha 3  |                |                       | ✓                 |       | Ficha 43 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 4  | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 44 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 5  | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 45 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 6  | ✓              | ✓                     |                   |       | Ficha 46 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 7  | ✓              |                       |                   |       | Ficha 47 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 8  | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 48 |                | ✓                     | ✓                 |       |
| Ficha 9  |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 49 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 10 | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 50 | ✓              | ✓                     |                   |       |
| Ficha 11 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 51 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 12 | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 52 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 13 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 53 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 14 | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 54 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 15 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 55 |                | ✓                     | ✓                 |       |
| Ficha 16 | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 56 |                | ✓                     | ✓                 |       |
| Ficha 17 | ✓              | ✓                     |                   |       | Ficha 57 |                | ✓                     | ✓                 |       |
| Ficha 18 | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 58 |                | ✓                     | ✓                 |       |
| Ficha 19 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 59 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 20 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 60 |                | ✓                     | ✓                 |       |
| Ficha 21 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 61 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 22 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 62 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 23 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 63 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 24 | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 64 |                | ✓                     | ✓                 |       |
| Ficha 25 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 65 |                | ✓                     | ✓                 |       |
| Ficha 26 | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 66 |                |                       | ✓                 | ✓     |
| Ficha 27 | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 67 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 28 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 68 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 29 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 69 |                |                       | ✓                 |       |
| Ficha 30 | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 70 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 31 | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 71 | ✓              | ✓                     | ✓                 |       |
| Ficha 32 | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 72 | ✓              |                       | ✓                 | ✓     |
| Ficha 33 | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 73 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 34 | ✓              |                       | ✓                 |       | Ficha 74 | ✓              |                       | ✓                 | ✓     |
| Ficha 35 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 75 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 36 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 76 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 37 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 77 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 38 | ✓              |                       |                   |       | Ficha 78 | ✓              | ✓                     |                   |       |
| Ficha 39 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 79 | ✓              |                       |                   |       |
| Ficha 40 |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 80 | ✓              | ✓                     | ✓                 |       |



|           | Reboco pintado | Revestimento cerâmico | Cantaria de pedra | Metal |           | Reboco pintado | Revestimento cerâmico | Cantaria de pedra | Metal |
|-----------|----------------|-----------------------|-------------------|-------|-----------|----------------|-----------------------|-------------------|-------|
| Ficha 81  |                |                       | ✓                 |       | Ficha 121 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 82  |                | ✓                     | ✓                 |       | Ficha 122 | ✓              |                       | ✓                 |       |
| Ficha 83  | ✓              |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 84  |                | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 85  | ✓              |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 86  | ✓              |                       |                   |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 87  | ✓              |                       |                   |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 88  |                | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 89  | ✓              |                       |                   |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 90  | ✓              |                       |                   |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 91  |                | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 92  |                | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 93  |                | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 94  |                | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 95  | ✓              |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 96  | ✓              |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 97  | ✓              | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 98  | ✓              |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 99  | ✓              |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 100 | ✓              |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 101 |                | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 102 | ✓              |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 103 | ✓              |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 104 |                | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 105 |                |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 106 | ✓              |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 107 |                | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 108 |                | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 109 | ✓              | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 110 | ✓              | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 111 |                | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 112 | ✓              |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 113 |                |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 114 | ✓              |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 115 |                |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 116 | ✓              |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 117 |                | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 118 |                | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 119 | ✓              |                       | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |
| Ficha 120 | ✓              | ✓                     | ✓                 |       |           |                |                       |                   |       |

## 3.1- Caixilharias das janelas

|          | Madeira | Metal | PVC |          | Madeira | Metal | PVC |           | Madeira | Metal | PVC |
|----------|---------|-------|-----|----------|---------|-------|-----|-----------|---------|-------|-----|
| Ficha 1  | ✓       |       |     | Ficha 42 |         | ✓     |     | Ficha 83  | ✓       |       |     |
| Ficha 2  | ✓       |       |     | Ficha 43 | ✓       |       |     | Ficha 84  | ✓       |       |     |
| Ficha 3  | ✓       |       |     | Ficha 44 | ✓       |       |     | Ficha 85  |         |       | ✓   |
| Ficha 4  | ✓       |       |     | Ficha 45 | ✓       |       |     | Ficha 86  | ✓       |       |     |
| Ficha 5  | ✓       |       |     | Ficha 46 | ✓       |       |     | Ficha 87  |         | ✓     |     |
| Ficha 6  | ✓       |       |     | Ficha 47 | ✓       |       |     | Ficha 88  |         |       |     |
| Ficha 7  |         |       |     | Ficha 48 | ✓       |       |     | Ficha 89  | ✓       |       |     |
| Ficha 8  | ✓       |       |     | Ficha 49 | ✓       |       |     | Ficha 90  | ✓       |       |     |
| Ficha 9  | ✓       |       |     | Ficha 50 |         |       | ✓   | Ficha 91  | ✓       |       |     |
| Ficha 10 | ✓       |       |     | Ficha 51 | ✓       |       |     | Ficha 92  | ✓       |       |     |
| Ficha 11 | ✓       |       |     | Ficha 52 | ✓       |       |     | Ficha 93  | ✓       |       |     |
| Ficha 12 |         | ✓     |     | Ficha 53 | ✓       |       |     | Ficha 94  | ✓       |       |     |
| Ficha 13 |         | ✓     |     | Ficha 54 |         |       |     | Ficha 95  |         |       | ✓   |
| Ficha 14 | ✓       |       |     | Ficha 55 | ✓       |       |     | Ficha 96  | ✓       |       |     |
| Ficha 15 | ✓       |       |     | Ficha 56 | ✓       |       |     | Ficha 97  | ✓       |       |     |
| Ficha 16 | ✓       |       |     | Ficha 57 | ✓       |       |     | Ficha 98  | ✓       |       |     |
| Ficha 17 |         |       | ✓   | Ficha 58 | ✓       |       |     | Ficha 99  | ✓       |       |     |
| Ficha 18 | ✓       |       |     | Ficha 59 | ✓       |       |     | Ficha 100 | ✓       |       |     |
| Ficha 19 | ✓       |       |     | Ficha 60 | ✓       |       |     | Ficha 101 | ✓       |       |     |
| Ficha 20 |         |       | ✓   | Ficha 61 | ✓       |       |     | Ficha 102 |         | ✓     |     |
| Ficha 21 |         |       | ✓   | Ficha 62 | ✓       |       |     | Ficha 103 | ✓       |       |     |
| Ficha 22 |         |       | ✓   | Ficha 63 | ✓       |       |     | Ficha 104 | ✓       |       |     |
| Ficha 23 | ✓       |       |     | Ficha 64 | ✓       |       |     | Ficha 105 | ✓       |       |     |
| Ficha 24 | ✓       |       |     | Ficha 65 | ✓       |       |     | Ficha 106 | ✓       |       |     |
| Ficha 25 | ✓       |       |     | Ficha 66 | ✓       |       |     | Ficha 107 | ✓       |       |     |
| Ficha 26 |         |       |     | Ficha 67 | ✓       |       |     | Ficha 108 | ✓       |       |     |
| Ficha 27 | ✓       |       |     | Ficha 68 | ✓       |       |     | Ficha 109 | ✓       |       |     |
| Ficha 28 |         |       | ✓   | Ficha 69 | ✓       |       |     | Ficha 110 | ✓       |       |     |
| Ficha 29 | ✓       |       |     | Ficha 70 | ✓       |       |     | Ficha 111 | ✓       |       |     |
| Ficha 30 | ✓       |       |     | Ficha 71 | ✓       |       |     | Ficha 112 | ✓       |       |     |
| Ficha 31 |         |       | ✓   | Ficha 72 | ✓       |       |     | Ficha 113 |         |       |     |
| Ficha 32 | ✓       |       |     | Ficha 73 | ✓       |       |     | Ficha 114 | ✓       |       |     |
| Ficha 33 |         |       | ✓   | Ficha 74 | ✓       |       |     | Ficha 115 |         |       |     |
| Ficha 34 |         | ✓     |     | Ficha 75 | ✓       |       |     | Ficha 116 | ✓       |       |     |
| Ficha 35 | ✓       |       |     | Ficha 76 | ✓       |       |     | Ficha 117 | ✓       |       |     |
| Ficha 36 | ✓       |       |     | Ficha 77 |         |       |     | Ficha 118 | ✓       |       |     |
| Ficha 37 | ✓       |       |     | Ficha 78 |         | ✓     |     | Ficha 119 | ✓       |       |     |
| Ficha 38 |         |       |     | Ficha 79 | ✓       |       |     | Ficha 120 | ✓       |       |     |
| Ficha 39 | ✓       |       |     | Ficha 80 |         |       |     | Ficha 121 |         | ✓     |     |
| Ficha 40 | ✓       |       |     | Ficha 81 |         |       |     | Ficha 122 | ✓       |       |     |
| Ficha 41 | ✓       |       |     | Ficha 82 | ✓       |       |     |           |         |       |     |

## 3.3- Portas

|          | Madeira | Metal | PVC | Vidro |          | Madeira | Metal | PVC | Vidro |
|----------|---------|-------|-----|-------|----------|---------|-------|-----|-------|
| Ficha 1  | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 42 |         | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 2  | ✓       |       |     |       | Ficha 43 |         |       | ✓   | ✓     |
| Ficha 3  | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 44 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 4  | ✓       | ✓     |     | ✓     | Ficha 45 |         |       | ✓   | ✓     |
| Ficha 5  | ✓       | ✓     |     | ✓     | Ficha 46 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 6  | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 47 | ✓       |       |     |       |
| Ficha 7  | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 48 |         | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 8  | ✓       |       |     |       | Ficha 49 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 9  | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 50 |         |       | ✓   | ✓     |
| Ficha 10 | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 51 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 11 | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 52 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 12 |         | ✓     |     |       | Ficha 53 | ✓       |       |     |       |
| Ficha 13 |         | ✓     |     | ✓     | Ficha 54 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 14 | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 55 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 15 | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 56 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 16 | ✓       | ✓     |     | ✓     | Ficha 57 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 17 |         |       |     | ✓     | Ficha 58 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 18 | ✓       | ✓     |     | ✓     | Ficha 59 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 19 | ✓       | ✓     |     | ✓     | Ficha 60 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 20 |         |       | ✓   | ✓     | Ficha 61 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 21 |         |       | ✓   | ✓     | Ficha 62 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 22 |         |       | ✓   | ✓     | Ficha 63 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 23 | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 64 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 24 | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 65 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 25 | ✓       | ✓     |     | ✓     | Ficha 66 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 26 | ✓       | ✓     |     | ✓     | Ficha 67 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 27 | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 68 | ✓       |       |     |       |
| Ficha 28 |         | ✓     |     | ✓     | Ficha 69 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 29 | ✓       | ✓     |     | ✓     | Ficha 70 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 30 | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 71 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 31 |         |       | ✓   | ✓     | Ficha 72 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 32 | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 73 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 33 |         |       | ✓   |       | Ficha 74 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 34 |         | ✓     |     | ✓     | Ficha 75 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 35 |         | ✓     |     | ✓     | Ficha 76 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 36 | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 77 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 37 | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 78 |         | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 38 | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 79 | ✓       |       |     |       |
| Ficha 39 | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 80 |         | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 40 | ✓       |       |     | ✓     | Ficha 81 |         | ✓     |     |       |
| Ficha 41 |         | ✓     |     | ✓     | Ficha 82 | ✓       | ✓     |     | ✓     |

|           | Madeira | Metal | PVC | Vidro |
|-----------|---------|-------|-----|-------|
| Ficha 83  | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 84  | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 85  |         |       | ✓   | ✓     |
| Ficha 86  | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 87  | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 88  | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 89  |         | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 90  |         |       | ✓   | ✓     |
| Ficha 91  | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 92  | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 93  | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 94  | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 95  |         |       | ✓   | ✓     |
| Ficha 96  | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 97  | ✓       |       |     |       |
| Ficha 98  | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 99  | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 100 |         |       | ✓   | ✓     |
| Ficha 101 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 102 | ✓       | ✓     |     |       |
| Ficha 103 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 104 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 105 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 106 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 107 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 108 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 109 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 110 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 111 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 112 | ✓       |       |     |       |
| Ficha 113 |         |       |     |       |
| Ficha 114 | ✓       |       |     |       |
| Ficha 115 |         |       |     |       |
| Ficha 116 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 117 | ✓       | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 118 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 119 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 120 | ✓       |       |     | ✓     |
| Ficha 121 |         | ✓     |     | ✓     |
| Ficha 122 | ✓       |       |     | ✓     |

## 3.3- Varandas

|          | Betão | Cimento | Madeira | Metal | Revestimento cerâmico |          | Betão | Cimento | Madeira | Metal | Revestimento cerâmico |
|----------|-------|---------|---------|-------|-----------------------|----------|-------|---------|---------|-------|-----------------------|
| Ficha 1  |       |         |         | ✓     |                       | Ficha 43 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 2  |       |         |         |       |                       | Ficha 44 | ✓     |         |         | ✓     |                       |
| Ficha 3  |       |         |         |       |                       | Ficha 45 |       |         |         | ✓     |                       |
| Ficha 4  |       |         |         |       |                       | Ficha 46 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 5  |       |         |         |       |                       | Ficha 47 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 6  |       |         |         |       |                       | Ficha 48 |       |         |         | ✓     |                       |
| Ficha 7  |       |         |         |       |                       | Ficha 49 |       |         |         | ✓     |                       |
| Ficha 8  |       |         |         | ✓     |                       | Ficha 50 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 9  |       |         |         | ✓     |                       | Ficha 51 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 10 |       |         |         | ✓     |                       | Ficha 52 |       |         |         | ✓     |                       |
| Ficha 11 | ✓     |         |         | ✓     |                       | Ficha 53 |       |         |         | ✓     |                       |
| Ficha 12 |       |         |         |       |                       | Ficha 54 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 13 |       |         |         |       |                       | Ficha 55 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 14 |       |         |         |       |                       | Ficha 56 |       |         |         | ✓     |                       |
| Ficha 15 |       |         |         |       |                       | Ficha 57 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 16 |       |         |         | ✓     |                       | Ficha 58 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 17 |       |         |         | ✓     |                       | Ficha 59 |       |         |         | ✓     |                       |
| Ficha 18 |       |         |         |       |                       | Ficha 60 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 19 | ✓     |         |         | ✓     |                       | Ficha 61 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 20 |       |         |         |       |                       | Ficha 62 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 21 |       |         |         |       |                       | Ficha 63 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 22 |       |         |         |       |                       | Ficha 64 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 23 | ✓     |         |         | ✓     |                       | Ficha 65 | ✓     |         |         | ✓     |                       |
| Ficha 24 |       |         |         | ✓     |                       | Ficha 66 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 25 |       |         |         |       |                       | Ficha 67 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 26 |       |         |         |       |                       | Ficha 68 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 27 |       |         |         | ✓     |                       | Ficha 69 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 28 |       |         |         |       |                       | Ficha 70 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 29 |       |         |         |       |                       | Ficha 71 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 30 |       |         |         |       |                       | Ficha 72 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 31 |       |         |         | ✓     |                       | Ficha 73 | ✓     |         |         | ✓     |                       |
| Ficha 32 |       |         |         |       |                       | Ficha 74 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 33 |       |         |         |       |                       | Ficha 75 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 34 |       |         |         | ✓     |                       | Ficha 76 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 35 |       |         |         |       |                       | Ficha 77 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 36 |       |         |         | ✓     |                       | Ficha 78 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 37 |       |         |         | ✓     |                       | Ficha 79 |       |         | ✓       |       |                       |
| Ficha 38 |       |         |         |       |                       | Ficha 80 |       | ✓       |         |       |                       |
| Ficha 39 |       |         |         |       |                       | Ficha 81 |       |         |         |       |                       |
| Ficha 40 |       |         |         |       |                       | Ficha 82 |       |         |         | ✓     |                       |
| Ficha 41 |       |         |         |       |                       | Ficha 83 |       |         |         | ✓     |                       |
| Ficha 42 |       |         |         |       |                       | Ficha 84 |       |         |         | ✓     |                       |

|           | Betão | Cimento | Madeira | Metal | Revestimento<br>cerâmico |
|-----------|-------|---------|---------|-------|--------------------------|
| Ficha 85  |       |         |         |       |                          |
| Ficha 86  |       |         |         |       |                          |
| Ficha 87  |       |         |         |       |                          |
| Ficha 88  |       |         |         | ✓     |                          |
| Ficha 89  |       |         |         |       |                          |
| Ficha 90  |       |         |         |       |                          |
| Ficha 91  |       |         |         |       |                          |
| Ficha 92  |       |         |         |       |                          |
| Ficha 93  |       |         |         | ✓     |                          |
| Ficha 94  |       |         |         |       |                          |
| Ficha 95  |       |         |         |       |                          |
| Ficha 96  |       |         |         |       |                          |
| Ficha 97  |       |         |         |       |                          |
| Ficha 98  |       |         |         |       |                          |
| Ficha 99  |       |         |         |       |                          |
| Ficha 100 |       |         |         |       |                          |
| Ficha 101 |       |         |         |       |                          |
| Ficha 102 |       |         |         |       |                          |
| Ficha 103 |       |         |         |       |                          |
| Ficha 104 | ✓     |         |         | ✓     |                          |
| Ficha 105 |       |         |         | ✓     |                          |
| Ficha 106 |       |         |         |       |                          |
| Ficha 107 |       |         |         | ✓     |                          |
| Ficha 108 |       |         |         | ✓     |                          |
| Ficha 109 | ✓     |         |         | ✓     | ✓                        |
| Ficha 110 |       |         |         | ✓     |                          |
| Ficha 111 |       |         |         | ✓     | ✓                        |
| Ficha 112 |       |         |         | ✓     |                          |
| Ficha 113 |       |         |         |       |                          |
| Ficha 114 |       |         |         | ✓     |                          |
| Ficha 115 |       |         |         |       |                          |
| Ficha 116 |       |         |         |       |                          |
| Ficha 117 |       |         |         | ✓     |                          |
| Ficha 118 |       |         |         |       |                          |
| Ficha 119 |       |         |         |       |                          |
| Ficha 120 | ✓     |         |         | ✓     |                          |
| Ficha 121 |       |         |         |       |                          |
| Ficha 122 |       |         |         |       |                          |



# *As Habitações dos Pescadores da Ribeira* *Viana do Castelo*

*Diane Stéphanie Pacheco*

*Vila Nova de Cerveira, Março de 2017*

